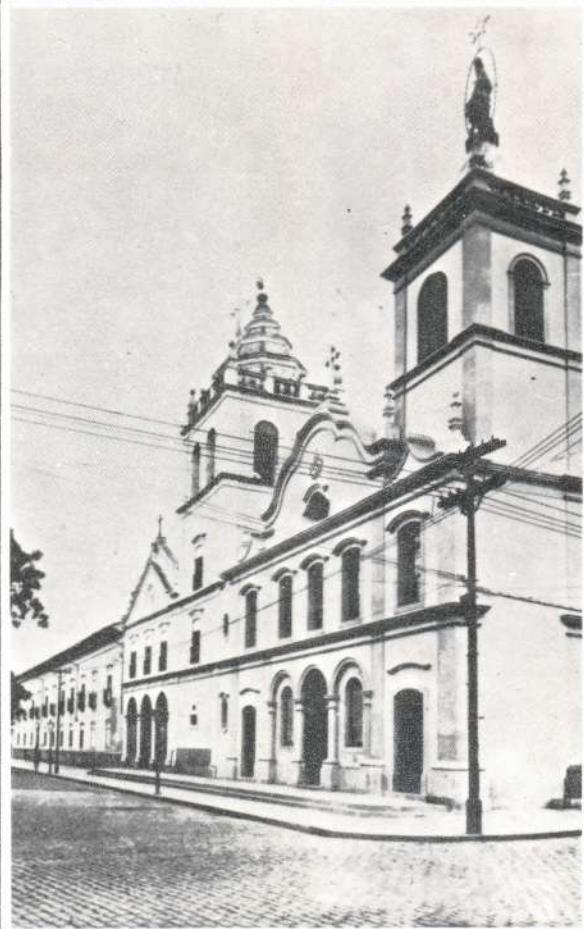


RAUL LEME MONTEIRO



**CARMO**  
PATRIMÔNIO  
DA  
HISTÓRIA, ARTE E FÉ

RAUL LEME MONTEIRO nasceu em São Paulo a 8 de novembro de 1910. Fez seus primeiros estudos em 1917 no Colégio do Carmo, continuando-os de 1922 a 1924 no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo; em 1925 prosseguiu os estudos em Zenderen, na Holanda, e depois no Colégio São Joaquim, de Lorena, onde, em 1929, terminou o curso ginásial. Fez o curso jurídico na Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, bacharelando-se em 1933.

De 1934 a 1938 foi Promotor Público de São Paulo, e também Curador de Menores. Fez o Curso de Aperfeiçoamento de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. De 1922 a 1924 foi organista da Capela São Luiz Gonzaga do Colégio Anchieta. Em 1928 foi cronista e, em 1929, redator e cronista de revista "O Grêmio" do Ginásio São Joaquim. Fez o curso de Teoria Musical, Harmonia, Contra-ponto, Fuga e Composição com o Maestro João Gomes Júnior; é autor de inúmeras músicas clássicas para piano, bem como de canções, hinos e músicas sacras. Em 1932 participou da Revolução Constitucionalista como soldado n. 564 da 1.<sup>a</sup> Cia. do Batalhão Paes Leme. Em 1934 iniciou o Curso de Pilotagem, brevetando-se. Foi Diretor da Associação dos Ex-alunos Salesianos de 1930 a 1939. Foi Presidente do C. R. Tietê de 1941/1944 e 1946/1948, e também Diretor de Aeronáutica e Pára-quedismo até 1952; redator esportivo de esgrima do jornal "São Paulo Esportivo"; fundador e presidente da assembleia da fundação do Clube de Esportes Americanos. É presidente da Escola de Aeronáutica São Paulo desde 14 de outubro de 1946. Em 1949 foi Consultor Jurídico e Chefe do Departamento Legal da União Brasileira de Aviadores Civis. De 1947 a 1949 fez parte do Conselho Fiscal da C.M.T.C. Em 1947 foi chefe de gabinete do então Prefeito de São Paulo Eng. Christiano S. das Neves. Em 4/12/1949 venceu a disputa da prova de "decolagem e aterrissagem de precisão" para aeronaves de 65 HP.

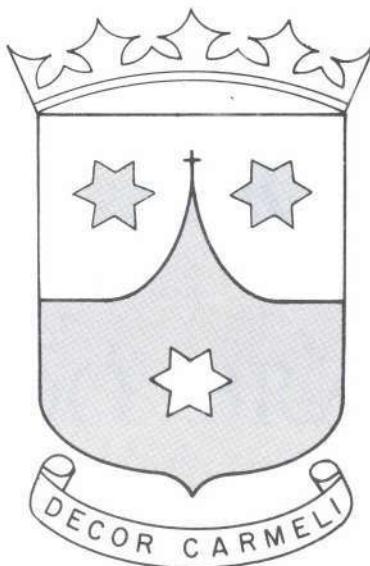
# CARMO

PATRIMÔNIO DA HISTÓRIA, ARTE E FÉ

RAUL LEME MONTEIRO

# CARMO

PATRIMÔNIO DA HISTÓRIA, ARTE E FÉ



1978  
SÃO PAULO — BRASIL

DO MESMO AUTOR:

- O ESTELIONATO — Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1937  
REMINISCÊNCIAS DE UMA VIAGEM — Gráfica Barberis & Lacaze, 1939  
UM POUCO DE HISTÓRIA DO TIETÉ — Gráfica Barberis & Lacaze, 1944  
25 ANOS A SERVIÇO DA AVIAÇÃO — Gráfica A. P. Lacaze, 1959

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS  
Para as obras filantrópicas  
da ORDEM TERCEIRA DO CARMO de São Paulo

ESTE LIVRO TEM POR FINALIDADE MOSTRAR A TODOS O QUE É A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO DE SÃO PAULO, E AINDA REVIVER A MEMÓRIA DO GLO- RIOSO e FECUNDO PASSADO DA ORDEM CARMELI- TANA QUE, NO PRÓXIMO ANO DE 1980, COMEMO- RARÁ O 4.<sup>º</sup> CENTENÁRIO DA CHEGADA DE SEUS FILHOS AO BRASIL. SERÃO, PORTANTO, 4 SÉCULOS

A SERVIÇO  
DE DEUS  
DA IGREJA  
E DO BRASIL  
1580-1980

À memória de meus pais

RAUL ORTIZ MONTEIRO

MARIA ADELAIDE LEME MONTEIRO (D. Nenê)

e de meus avós

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA MONTEIRO

MARIA JOANA ORTIZ MONTEIRO

LUIZ GONZAGA DA SILVA LEME

MARIA FAUSTA DE MACEDO LEME

priores jubilados da Ordem Terceira do Carmo

À minha dileta esposa

LUIZA MARILANDIS LEME MONTEIRO

Às minhas filhas

MARIA LUIZA, MARIA DO CARMO e MARIA ADELAI-  
DE LEME MONTEIRO

Aos meus irmãos e cunhados

Aos REVERENDÍSSIMOS CARMELITANOS

Aos TERCEIROS CARMELITAS

## ÍNDICE GERAL

Apresentação por D. Ernesto de Paula, Bispo Titular de Gerocesaréa.	xiii
Nota do Autor .....	xvii
Autoridades religiosas, civis e militares no ano de 1977 .....	xxiii
CAPÍTULO I — BREVE HISTÓRICO DA ORDEM CARMELITANA — Origem da Ordem — Os Carmelitas no Brasil — Santos da Ordem Carmelitana — Autoridades Carmelitanas ..	3
CAPÍTULO II — O escapulário do Carmo .....	23
CAPÍTULO III — Que são as Ordens Terceiras do Carmo? ..	27
CAPÍTULO IV — A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO de São Paulo — Fundação — As celebres procissões — Os Imperadores do Brasil no Carmo — Irmãos Terceiros ilustres .....	29
CAPÍTULO V — A Igreja do Carmo .....	49
CAPÍTULO VI — Reformas da Igreja do Carmo .....	71
CAPÍTULO VII — Comissários da Ordem Terceira do Carmo	77
CAPÍTULO VIII — Cônego José Pascoal Christofaro .....	81
CAPÍTULO IX — Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua ...	85
CAPÍTULO X — Monsenhor Manfredo Leite .....	107
CAPÍTULO XI — Translado dos restos mortais de Monsenhor Passalacqua e Monsenhor Manfredo Leite para a cripta da Igreja do Carmo .....	119
CAPÍTULO XII — Cemitério da Ordem Terceira do Carmo ...	129
CAPÍTULO XIII — Jazigo — Cripta — Pe. Diogo Antonio Feijó	137
CAPÍTULO XIV — Colégio Nossa Senhora do Carmo .....	141

CAPÍTULO XV — Estatuto da Ordem Terceira do Carmo ....	171
CAPÍTULO XVI — Assistência Social na Ordem Terceira do Carmo .....	187
CAPÍTULO XVII — Efemérides Carmelitanas e Paulistanas ....	193
CAPÍTULO XVIII — Catedral — Bispos e Arcebispos de São Paulo .....	231
CAPÍTULO XIX — Nomes antigos e atuais de ruas citadas nesta obra .....	241
CAPÍTULO XX — Paulo Cochrane Suplicy .....	245
CAPÍTULO XXI — Dr. José Maria Whitaker .....	251
CAPÍTULO XXII — Papas que reinaram gloriosamente desde a fundação da Ordem Terceira do Carmo. — Reis, Imperadores e Presidentes que presidiram os destinos do Brasil desde a fundação da Ordem Terceira do Carmo .....	259
CAPÍTULO XXIII — Piores, Subprios, Prioras e Subprioras desde 1850 .....	263
CAPÍTULO XXIV — Mesas Administrativas de 1957 a 1978 ...	279
CAPÍTULO XXV — Arquivo da Ordem Terceira do Carmo ....	293
CONCLUSÃO .....	295
BIBLIOGRAFIA .....	297

## APRESENTAÇÃO

Embora a minha modéstia me faça mais humilde e menos capaz de certos arroubos de literatura, tive a grata surpresa de ser escolhido para apresentar a preciosa peça histórica que ora se escreve sobre a Venerável Ordem Terceira do Carmo, desta Capital, celeiro que é de tradições e de beleza espiritual.

Estou, assim, diante de um trabalho profundo e brilhante a que se entregou, em dedicação e carinho especial, o devotado Irmão Terceiro do Carmo hoje mais uma vez à testa do sodalício carmelitano, como seu zeloso Prior.

Outra razão não encontro para ter sido alvo de tão alta distinção senão os laços de amizade que de há muito me prendem ao dr. Raul Leme Monteiro e também atribuo tal distinção ao fato de conhecer de perto as ocorrências que se relacionam com a vetusta e tradicional igreja que é rico patrimônio de S. Paulo, sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo.

Honro-me, pois, de apresentar um trabalho que representa a valiosa tarefa de uma inteira pesquisa sobre o passado, e que se constitui um amplo repositório de acontecimentos e tradições que põem em relevo, com maestria e paciência beneditina os eventos que, a partir de 1594 se desenrolaram em terras de Piratininga, particularmente no histórico templo da Venerável Ordem Terceira.

Nada mais eu poderia acrescentar a esse relato que remonta fielmente aos tempos d'antanho, porque o mais que se pudesse dizer já o fez com habilidade inexcedível de pesquisador abalizado o autor deste trabalho, percorrendo e devastando todo um imenso cabedal arquivado quer nos recessos documentários da Ordem Terceira, quer em outras fontes de insuspeito valor histórico. São séculos percorridos, detendo-se em pontos invulneráveis e, por isso mesmo, proporcionando ao leitor e particularmente aos Irmãos

Carmelitas leitura que, além de ser amena, é portadora das glórias de um templo secularmente consagrado à Virgem do Carmelo, acervo de arte, de história, de tradição e, sobretudo, de devoção e culto à Virgem-Mãe, que vem sendo até hoje mantido e afervorado pelo zelo persistente dos Terceiros Carmelitas.

A nosso vêr, o autor demonstra, no presente trabalho histórico, não só piedade acendrada e filial devoção à Santa Mãe de Deus, sob o título do Carmelo, mas também os dotes de inteligência e pertinácia na pesquisa de fatos que compõem, em grande parte, a própria vida de S. Paulo.

Confesso que, lendo o paciente relato do autor, revivi episódios, personagens e lugares intimamente ligados à vivência da Ordem Terceira, bem como ao antigo, saudoso e grandioso Convento, com sua belíssima igreja situada no alto da então Ladeira do Carmo, espaço esse hoje ocupado pelo grande edifício da Secretaria da Fazenda do Estado; a Escola Santo Alberto, da qual fui aluno, dirigida pelos Padres Carmelitas; as tradicionais ruas do Carmo e da Bôa Morte, hoje Roberto Simonsen e do Carmo. Desapareceu o antigo Largo do Carmo, fronteiriço à igreja, rasgado em alto plano e sustentado em seu desnível por um paredão que o separava da Ladeira, hoje inicio da Avenida Rangel Pestana e em cuja esquina, durante muito tempo, se divisava a silhueta de um pequeno canhão, ali mantido para defesa do paredão contra possíveis invasões externas. Nas ruas adjacentes já residiam famílias da mais fina sociedade e, sobretudo, de marcante espírito de piedade cristã. Todo o movimento do centro urbano, naqueles bons tempos, se agrupava e girava em torno da igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Nada faltou, a meu vêr, para mostrar às gerações atuais e futuras, o que foi essa augusta igreja no campo espiritual como no social. Foi tudo isso que representou a igreja do Carmo como centro de convergência das atenções não só dos Terceiros Carmelitas como também das altas autoridades do Império e da República.

Que dizer, então, dos eminentes comissários que dirigiam espiritualmente essa gloriosa Ordem desde o seu nascedouro? Todos eles foram sacerdotes de profunda piedade, invejável cultura, desfrutando sempre inegável prestígio na Igreja e na sociedade.

Basta que se leia o que, com muito acerto, escreveu o autor sobre essa figura notável de apóstolo e asceta que foi Monsenhor Camilo Passalacqua, destacando-o como um dos mais operosos antecessores de grande repercussão e prestígio em S. Paulo. A

descrição que aí faz o autor a respeito desse grande sacerdote e mestre da bondade, dará por certo aos que não o conheceram uma idéia nítida do que foi o eminente prelado, no campo da religião, da educação e da vida intelectual.

De Monsenhor Manfredo Leite, seu sucessor imediato, esse que foi o príncipe da palavra erudita, em memoráveis sermões que prendiam o povo, hipnotizados todos ante a fulguração do seu verbo, — aqui tece o autor, com muita felicidade, admirável perfil, focalizando o seu operoso zelo pelo prestígio da Ordem, seu valor mental e sua firmeza na direção do piedoso sodalício. Era um homem de fé e, por isso mesmo, é que na lápide do seu túmulo não mais se disse de grande senão que conservou a fé — “fidem servavi”. Por tal motivo, como o apóstolo S. Paulo, valendo-se dos seus dotos de renomado orador sacro, pregou a todos e sobretudo, numa evidente demonstração do seu espírito de fé.

Todos os diretores espirituais, hoje assim chamados, foram sacerdotes de Deus, não poupando esforços e sacrifícios para alimentar nas almas o culto e a devoção à Nossa Senhora do Carmo, a medianeira de todas as graças. Prova disso eram, e continuam a ser, as majestosas solenidades realizadas na tradicional igreja, cuja nave regorgitava das cerimônias pomposas, no fervor e na piedade como convém ao louvor da excelsa Mãe de Deus.

Acrescente-se que a Venerável Ordem Terceira, sobre ser um sodalício religioso, católico, apostólico romano, também se constitui num centro de assistência social para atendimento dos que, desprovidos de recursos, batem às portas da sua igreja em busca de lenitivo para suas necessidades espirituais e o auxílio para viver decente e honesto.

Por tudo isso é digno de louvores o meticoloso trabalho do dr. Raul Leme Monteiro, que ressuscita, com invulgar capacidade descritiva os fatos que menciona no apostólico afan que sempre desenvolveu a Ordem Terceira do Carmo, para a glória de Deus, através do indispensável culto à Maria Santíssima, muito bem chamada Mãe dos Carmelitas numa das belíssimas jaculatórias que se cantam na novena que habitualmente precede à festa da ínclita Padroeira.

Que a leitura deste trabalho proporcione a quantos o lerem a alegria de conhecer e admirar o que foi e continua a ser a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, no seu longo e admirável roteiro de ação social e catequese marial.

Ao dr. Raul Leme Monteiro, a gratidão dos seus irmãos de hábito e os aplausos do povo paulistano por essa contribuição imprescindível à história de tão fecundo e extraordinário sodalício que honra os fastos religiosos de S. Paulo.

São Paulo, 30 de dezembro de 1977

DOM ERNESTO DE PAULA  
BISPO TITULAR DE GEROCESARÉA

## NOTA DO AUTOR

Na observância de antiga e honrosa tradição, coube-nos, pelo simples fato de sermos o mais antigo Terceiro Carmelita da Mesa Administrativa (ingressamos na Ordem a 8/12/1924 e na Mesa Administrativa a 15/10/1957), o alto privilégio de escrever sobre o histórico e finalidades da VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO de São Paulo, mais conhecida simplesmente por ORDEM TERCEIRA DO CARMO.

Sabíamos da grande responsabilidade que assumíamos, que teríamos de dedicar muitas e muitas horas em pesquisas para apresentar fatos históricos que já os conhecíamos em grande parte, mas que deveríamos descrevê-los com dados precisos.

Hesitamos a princípio, e com fundados motivos, aceitar a escolha do nosso nome para tão árdua tarefa em janeiro de 1974, visto que nos escasseava, como ainda hoje nos escasseia, o tempo necessário para essa missão.

Para que os leitores possam compreender as nossas dificuldades, somos obrigados, muito a contragosto, a falar de nossa pessoa, das nossas atividades profissionais em 1974, que continuam a ser as mesmas até hoje.

Trabalhamos cerca de 13 horas por dia, das segundas às sextas-feiras, sendo 9 horas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2 horas na Ordem Terceira do Carmo e 2 horas em nosso escritório de advocacia que mantemos há 44 anos; além de Prior desta Ordem, somos Administrador do Cemitério do Carmo, Administrador do Ambulatório N. S. do Carmo, e Presidente da Escola de Aeronáutica São Paulo há 31 anos (desde 14/X/946); e, apesar de tudo, tivemos de achar tempo para escrever esta obra, como efetivamente achamos nos dias de descanso, de férias, mas com grande sacrifício para nossa saúde; entretanto

queremos frisar que cumprimos nossa missão com muita alegria e satisfação, para servir à Ordem Carmelitana.

Preliminarmente queremos afirmar, alto e bom som, que não somos e jamais tivemos a pretensão de ser um historiador ou um escritor, mas apenas um Terceiro Carmelita que, numa linguagem despretensiosa e simples, pretende mostrar ao público que a Ordem Carmelitana e a Ordem Terceira do Carmo representaram e ainda representam, sem dúvida, um marco glorioso na ação católica, um paradigma de benemerência na vida de São Paulo e na comunidade brasileira.

Este livro é o fruto de quatro anos de exaustivo trabalho baseado em pesquisas feitas em fontes seguras; as de São Paulo foram por nós realizadas pessoalmente e as dos demais estados do Brasil pelo nosso amigo e companheiro da Mesa Administrativa Álvaro Pinto de Aguiar, Terceiro Carmelita brilhante e culto.

Fomos colher a verdade histórica em grande parte no arquivo da Ordem que guarda um manancial de dados preciosos, nos arquivos públicos e nos livros dos grandes historiadores que citamos na bibliografia no final desta obra; lendo as obras desses historiadores verifica-se que, quem escreve a história de São Paulo, não pode deixar de falar também sobre a Ordem Carmelitana e sobre a Ordem Terceira do Carmo, como de fato eles o fizeram, porque elas são o retrato de uma fase de São Paulo ligada historicamente à formação da cidade.

Envidamos nossos esforços para elaborar um resumido trabalho que possibilitasse ao público conhecer a obra benemérita da Ordem Carmelitana e deste Sodalício, que em breve comemorarão quatro séculos de existência. Aqui os ilustres leitores verão sempre o espírito de idealismo tão bem refletido na orientação segura e eficiente que os grandes e célebres homens do passado imprimiram a este Sodalício; aqui verão que procuramos propagar o reino de Deus por intermédio da devoção Marial — *ad Jesum per Mariam* —; aqui verão que uma das principais características da Ordem é ser essencialmente filantrópica e de assistência social; que o ponto alto de todas as administrações foi sempre: FAZER O BEM, MAS DA MANEIRA MAIS OCULTA POSSÍVEL; o nosso Sodalício jamais fez alarde de suas realizações; trabalhou sempre silenciosamente para o bem da coletividade; é, por certo, uma das poucas entidades assistenciais que vivem com as mãos estendidas e abertas, mas, para dar, para ajudar, jamais para pedir ou receber. Como entidade filantrópica, declarada de utilidade pública, matriculada na Secretaria da Promoção Social do Estado

de São Paulo, sob o n. 1581, ela se enquadrava com justeza no quadro das entidades benfeicentes ao amparo das leis municipais que lhe dão direito de requerer isenção do imposto predial e de solicitar auxílio financeiro; entretanto jamais o fez, mantendo-se unicamente com os frutos do seu patrimônio e do trabalho de seus dirigentes.

A nossa Igreja do Carmo, o nosso patrimônio, nós os temos unicamente para servir à coletividade; estamos apoiados numa situação econômica e financeira que dá segurança para as nossas realizações, o que devemos ao trabalho anônimo, silencioso e altruista dos grandes homens que passaram pela administração desta Ordem.

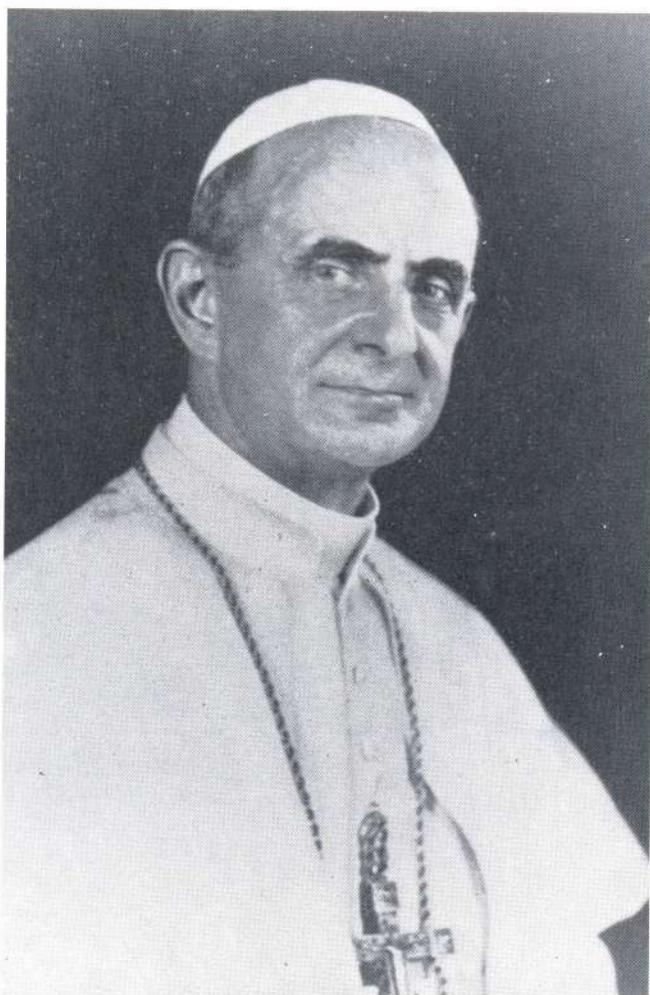
Enfim... pela leitura deste livro que nada mais é que um breve histórico da Ordem Carmelitana e mais em particular da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, os senhores leitores ficarão conhecendo o que foram, o que são e o quanto representam esses sodalícios para a história de São Paulo.

Ao encerrarmos esta nota, queremos expressar nossos agradecimentos ao amigo e companheiro da Mesa Administrativa, o Terceiro Carmelita Álvaro Pinto de Aguiar, que gentilmente se ofereceu para colaborar nesta obra; passou quatro dias no Recife, quatro em Salvador e três no Rio de Janeiro, trazendo-nos dados históricos preciosos, prestando-nos, assim, auxílio inestimável.

São Paulo, 10 de dezembro de 1977

RAUL LEME MONTEIRO

SUA SANTIDADE  
O PAPA PAULO VI



HOMENAGEM FILIAL  
da ORDEM TERCEIRA DO CARMO  
de SÃO PAULO – BRASIL

## AUTORIDADES RELIGIOSAS DO ANO DE 1977

SUA SANTIDADE O PAPA PAULO VI

D. PAULO EVARISTO ARNS  
Cardeal Arcebispo de São Paulo

D. CARMINE ROCCO  
Núncio Apostólico

D. ERNESTO DE PAULA  
Bispo Titular de Gerocesaréa

D. JOSÉ THURLER  
Bispo Auxiliar

D. BENEDITO ULHOA VIEIRA  
Bispo Auxiliar

D. FRANCISCO MANOEL VIEIRA  
Bispo Auxiliar

D. ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINI  
Bispo Auxiliar

D. JOEL IVO CATAPAN  
Bispo Auxiliar

D. LUCIANO MENDES DE ALMENDA  
Bispo Auxiliar

D. ANTÔNIO CELSO QUEIROZ  
Bispo Auxiliar

D. MAURO MORELLI  
Bispo Auxiliar

MONSENHOR LUCIANO T. GRILLI  
Vigário Geral de São Paulo

MONSENHOR HELADIO CORREA LAURINI  
Arcediago do Cabido

MONSENHOR SYLVIO DE MORAES MATTOS  
Cura da Catedral

FREI FALCO THUIS  
Superior Geral da Ordem Carmelitana

FREI TOMÁS MOTTA NAVARRO  
Provincial da Ordem Carmelitana

CÔNEGO JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO  
Padre Diretor da Ordem Terceira do Carmo

CÔNEGO GERALDO MAJELLA AGNELLO  
Diretor da Faculdade de Teologia  
Nossa Senhora da Assunção

## AUTORIDADES CIVIS E MILITARES DO ANO DE 1977

**GENERAL ERNESTO GEISEL**

Presidente da República

**GENERAL ADALBERTO PEREIRA DA SILVA**

Vice-Presidente da República

**PAULO EGYDIO MARTINS**

Governador do Estado de São Paulo

**MANOEL GONÇALVES FERREIRA FILHO**

Vice-Governador do Estado de São Paulo

**GENTIL DO CARMO PINTO**

Presidente do Tribunal de Justiça

**NATAL GALE**

Presidente da Assembléia Legislativa

**GENERAL DILERMANDO GOMES MONTEIRO**

Comandante do II Exército

**Major Brigadeiro do Ar CLOVIS PAVAN**

Comandante do IV Comando Aéreo

**OLAVO EGYDIO SETUBAL**

Prefeito Municipal de São Paulo

# CARMO

PATRIMÔNIO DA HISTÓRIA, ARTE E FÉ

## CAPÍTULO I

### BREVE HISTÓRICO DA ORDEM CARMELITANA

#### ORIGEM DA ORDEM

**C**Ordem do Carmo remonta a quase mil anos antes de Cristo, quando, na montanha do Carmelo, na Palestina, os eremitas em torno do Santo Profeta Elias (980-918 A.C.) prestavam culto profético à futura Mãe do Redentor do mundo; São Metódio, que viveu no fim do século III, afirma que Santo Elias foi instruído sobrenaturalmente sobre todos os mistérios de Maria e resolveu imitá-la por antecipação.

Daquelas longínquas regiões onde se levantaram os primeiros santuários em honra de MARIA, vieram os arautos de sua fé e de seu culto para o ocidente, atraindo muitos adeptos com sua vida de oração, silêncio, contemplação e ação. Aí, em breve, como era de esperar, desenvolveu-se a árvore a cuja sombra haviam de abrigar-se, através dos séculos, milhares de cristãos de ambos os sexos e de todas as condições. Varões santos, despedindo-se do mundo, impelidos por diferentes sentimentos e desejos, e inflamados pelo amor do serviço divino, escolheram lugares, cada um conforme o próprio ideal e piedade. Uns, seduzidos pelo exemplo de Nosso Senhor, preferiram a vida eremítica naquele deserto inesquecível de Quarantena, onde Jesus jejuou quarenta dias depois do batismo, e aí lutavam heroicamente para o Senhor, vivendo em pequeninas celas; outros, imitando o exemplo do homem santo e solitário que foi o Profeta Elias, professavam a vida eremítica no Monte Carmelo, sobretudo na parte que se avança sobre a cidade de Porfíria, a atual Haifa, próxima de uma fonte conhecida como a fonte de Elias, não longe do Mosteiro de Santa Margarida. E ali, como abelhas do Senhor, produziam o mel da docura espiritual nas colmeias de suas humildes celas.

Assim foram vivendo, espalhados em numerosos grupos, os adeptos do Profeta Elias (nascido no ano 980 A.C., 3073 anos

da criação do mundo) sob as inspirações de Nossa Senhora, sendo digno de menção que alguns foram canonizados, como: São Telesforo (136—178), Papa e mártir; São Serapião (150—213), Bispo e Confessor; São Dionísio (200—272), Papa e Confessor; Santo Esperidião (270—350), Bispo e Confessor; Santo Hilarião (292—372), Abade; São Cirilo (317-444), Confessor e Doutor; Santa Eufrosina (408—450), Virgem; Santa Eufrásia (412—442), Virgem; Santo Anastácio (600—628) e São Geraldo (906—1.047), Bispo e Mártir.

É incerto o ano da fundação da Ordem Carmelitana; historiadores de não pequena autoridade como G. Wessels, O. Car., V. Roefs, O. Carm., R. Hendriks, O. Carm. e Elisée De La Nativité, O.C.D. chegaram à conclusão de que, no seu sentido geral e na sua organização como é conhecida até hoje, ela não existia antes do ano 1153, e aceitam como fato histórico que a Ordem do Carmo com a atual organização só existiu após essa data, devendo a sua fundação ter ocorrido entre os anos de 1.153 e 1.159.

O primeiro Prior Geral foi São Bertoldo de Calábria, nomeado por D. Aimerico de Malafaíde, Patriarca da Antioquia, Legado da Santa Sé. Bertoldo era primo de D. Aimerico, e tinha entrado na Ordem por devoção, em idade avançada; por revelação do profeta Elias, dirigiu-se para o Monte Carmelo; com o auxílio de D. Aimerico construiu uma pequena capela perto da Gruta de Elias e cerca às ruínas que existiam por lá. Aos poucos cresceu o número dos eremitas, que se espalharam pelo monte todo, vivendo, separados uns dos outros, nas cavernas do Carmelo.

Em 1.209, provavelmente, Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, deu-lhes uma Regra escrita e reuniu-os perto da Fonte de Elias, sob a obediência de São Brocardo que assim de fato, foi o primeiro Superior Geral da Ordem, segundo as instituições latinas; podemos considerar esta Regra como uma codificação da vida que os Carmelitas já levavam no Monte Carmelo.

A Regra era curta e extremamente simples, como convinha a almas contemplativas, que facilmente se sentiam embaraçadas no seu caminho para Deus, quando tinham de enfrentar uma multidão de preceitos. Os poucos mandamentos eram dados na forma mais adequada, negativa:

- abstinência:      não comer carne
- pobreza:            não possuir nada como próprio
- solidão:            não falar
- trabalho:            não estar ocioso

A única preocupação era dirigir as almas dentro da sua grande aspiração: "Viver no serviço de Jesus", meditando dia e noite sobre a Lei do Senhor e vigiando em orações. Era o preceito central, no dizer dos mestres da espiritualidade carmelitana. As obrigações do silêncio e da solidão eram secundárias, como condições que tendiam a facilitar a vida contemplativa e modelar a vida religiosa dos eremitas do Carmelo.

Logo no século XII os Carmelitas passaram para a Europa, onde rapidamente se espalharam pela Itália, Inglaterra, França, Espanha e Alemanha, atingindo grande esplendor. Desde então, participando dos tempos e contratempos da Igreja, a Ordem Carmelitana tem vicejado, prosseguindo sempre avante, gerando homens de exímas virtudes e sabedoria. Sob a proteção da Virgem do Carmo, a Ordem vem mantendo sempre vivo o lema de Elias, seu Pai e Inspirador: "Vive o Senhor em cuja presença me encontro".

A glória dos Carmelitas é a sua impressionante anonimidade, que passou a caracterizar toda a vida espiritual da Ordem. O grande mistério da vida Carmelitana — "vivere Deo" — não pode ser exteriorizado por qualidade visível; só pode ser envolvido pelo silêncio e recolhimento. A Ordem, nascida no Carmelo, é tão oculta na sua origem como na sua vida contemplativa. Entretanto a História nos diz que em todos os cometimentos da humanidade os Carmelitas tomaram parte destacadamente.

Da Ordem religiosa do Monte Carmelo surgiu a *Ordem dos Carmelitas Mendicantes*, instituída na Síria no século XII; a *Congregação de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, dedicada ao tratamento dos enfermos e ensino das crianças, canonicamente instituída por Xisto IV (1471-1484) e reformada em 1678 pelo Padre Emiliano Jacomelli; os *Carmelitas da Congregação de Mantua*, fundada por Thomaz Connecte na primeira metade do século XV; a *Ordem dos Carmelitas Descalços*, fundada na Espanha por Santa Teresa de Jesus; a *Confraria do Monte do Carmo*, fundada com o fim de propagar a devoção do Escapulário, de conformidade com a bula "Universis et singulis Christi fidelibus", vulgarmente conhecida pelo nome de *Sabatina*, decretada pelo papa João XXII, em 3 de março de 1322 e confirmada depois por vários pontífices; a *Ordem dos Irmãos Terceiros*, instituída a 11 de novembro de 1476 pela Bula do papa Xisto IV; e enfim *Ordem militar e hospitaleira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, instituída por Henrique IV, rei de França, em louvor à Virgem Maria, e sob os mesmos fundamentos da Ordem de S. Lázaro.

Para a vida religiosa de mulheres, em comunidade, foi instituída a *Ordem das Carmelitas*, por João Sareth, geral dos carmelitas, cuja fundação se verificou em 1451, dando para o seu regime uma regra análoga à dos religiosos conventuais, isto é, os que aceitaram a reforma do papa Eugênio IV (1431-1447). Aprovada a ordem por Nicolau V (1447-1455), multiplicou-se rapidamente, sobretudo nos Países Baixos e na Espanha, e daí a sua introdução em Portugal e posteriormente nas suas possessões ultramarinas. Aquela primitiva Regra vigorou até a constituição da nova *Ordem das Carmelitas Reformadas*, fundada por Santa Teresa de Jesus no convento da cidade de Ávila, na Espanha, e aprovada pelo papa Pio IV em 1562.

Dos moldes desta ordem surgiu na França a das Penitentes, ou Convertidas, e depois em Ovieto, na Itália, seguindo esta a regra carmelitana aprovada pelo papa Inocêncio IV. Esta ordem tinha por fim o recolhimento de mulheres — “que, depois de viverem no mundo vida licenciosa, foram buscar a solidão do Claustru, consagrar-se a Deus por meio de solenes votos, e terminar sua carreira mortal nas asperezas de um vida penitente, a exemplo de Santa Maria Madalena ,sua padroeira”.

Os *Carmelitas conventuais* dividem-se nestas três classes: *Observantes*, que são os que permanecem fiéis às regras primitivas; *Descalços*, os que aceitaram a nova regra de Santa Teresa e de São João da Cruz; e *Reformados*, os que abraçaram a reforma da província francesa de Turon.

Da Ordem Carmelitana dependem ainda muitos Mosteiros de Religiosas de Clausura, e a ela estão agregadas muitas Congregações Religiosas que se dedicam às mais diversas atividades, como escolas, hospitalais e missões. Ainda hoje floresce a Ordem Carmelitana em diversas partes do mundo.

## OS CARMELITAS NO BRASIL

Aqui no Brasil, os Carmelitas aportaram nos primórdios da nossa colonização, trazidos pela nau de Frutuoso Viana, que partiu de Lisboa a 31 de janeiro de 1580, chegando a Santos no mês de abril; foram assim os primeiros religiosos a estabelecer-se no Brasil depois dos Jesuítas e dos Franciscanos.

Segundo Leonardo Arroyo e diversos historiadores, primeiramente os Carmelitas se instalaram em Santos, onde foram recebidos cordialmente por Brás Cubas, que seria logo mais um autêntico protetor da Ordem. Eram quatro religiosos: frei Domingos

Freire, frei Alberto de Santa Maria, frei Bernardo Pimentel e frei Antônio de São Paulo Pinheiro, os quais se estabeleceram na Capela de Nossa Senhora das Graças, fundada em 1562 por José Adorno e sua mulher Catarina Monteiro; estes fizeram doação dessa Capela aos religiosos Carmelitas aos 24 de abril de 1589 e Brás Cubas doou-lhes terras para a fundação de um convento e sua manutenção, não apenas na Vila de Santos, mas também as terras da "Vila Sertão, partindo de um pinheiro na borda de Santo André", conforme escritura pública de doação de 30 de maio de 1589, como escreveu Monsenhor Paulo Florêncio de Camargo. Nesse mesmo ano os Carmelitas fundaram a igreja e o convento do Carmo de Santos no local onde hoje se encontram na Praça Barão do Rio Branco; antes porém, já se haviam dirigido para o nordeste do Brasil, fundando em 1584 convento e igreja de Olinda, e, em 1586, convento e igreja de Salvador.

O crescimento do povoado de Piratininga, escreve Machado de Oliveira, e esse estado de obediência moderada, em que pelos jesuítas foram postos os índios, inspiraram nos Carmelitas de Santos o pensamento de fundar um convento de sua ordem na povoação que começava em "Cima da Serra".

Em 1590 os Carmelitas galgaram o Planalto de Piratininga, instalando-se na baixada do Tamanduateí. Nesse tempo a Vila de São Paulo era cercada por um muro de taipas que abrangia mais ou menos o atual triângulo da cidade; salienta uma ata quinhentista que o "Carmo" ficava no limite da "Villa", portanto, além da taipa, e foi edificado em 1592, como se infere da Ata da Câmara de São Paulo de 20 de junho desse ano, da qual consta:

*"apareceo ho reverendo padre frei ANTONIO da horadem de Nossa Senhora do Carmo e pedio autoridade para sitiar húa casa nesta Villa e seus limites e lhe parreceo bem os ditos oficiais o que dariam conta de tudo ao povo."*

Leonardo Arroyo no seu excelente livro "Igrejas de São Paulo" informa que, obtida a licença, Frei Antônio de São Paulo iniciou imediatamente a construção do templo que serviria de núcleo para o futuro convento do Carmo que ele inaugurou em 1594 ao tempo do término da construção; o Convento e a Igreja do Carmo ficaram localizados no outeiro que dominava toda a várzea do Tamanduateí, que tomou o nome de esplanada do Carmo (depois Largo do Carmo) com frente para a ladeira que era o início da estrada do Brás, a que deram o nome de Ladeira do Carmo (o

largo e a ladeira do Carmo constituem hoje o inicio da avenida Rangel Pestana, partindo da Praça Clovis Bevilacqua).

O convento e a igreja do Carmo dos padres Carmelitas permaneceram ao lado da igreja do Carmo, da Ordem Terceira do Carmo, até 1928, quando foram desapropriados pelo Governo do Estado de São Paulo para dar lugar ao prédio da atual Secretaria da Fazenda.

A ação notável dos Carmelitas não parou com a fundação dos conventos e igrejas de Olinda, de Salvador, de Santos, de São Paulo e do Rio de Janeiro, pois, logo depois, espalharam-se por todo o território nacional, promovendo missões entre os índios, levantando conventos e igrejas, erigindo confrarias do Escapulário e fundando Ordens Terceiras, de tão grande expressão na história da nossa pátria. O zelo desenvolvido na catequese e na civilização dos índios, e nas obras assistenciais, pelos religiosos carmelitas de São Paulo, concorreu poderosamente para o engrandecimento desta terra, sem esquecermos os ingentes labores apostólicos em que estiveram empenhados os Franciscanos e os heróicos filhos da Companhia de Jesus. A sua passagem pelos mais remotos rincões de nossa terra ainda hoje se faz notar nos nomes de lugares e cidades, ruas e praças, rios e montanhas, igrejas e capelas. Das pouquíssimas Basílicas Menores de que se pode ufanar o Brasil, duas pertencem à Ordem do Carmo: a do Recife e a de São Paulo.

Na província do Grão Pará, como verdadeiros bandeirantes das florestas amazônicas, embrenharam-se pelas matas, alargando o território brasileiro, estendendo nossa soberania às cabeceiras do rio Negro, ultrapassando a linha convencional de Tordesilhas e realizando dessa forma, no dizer do renomeado escritor Lucas Nogueira Garcez e de outros historiadores, no Brasil setecentista, a missão mais arriscada, mais cheia de perigos, para levar aos ouvidos rudes dos selvagens as alegres novas da salvação.

Respeitados por colonizadores e indígenas como homens de Deus e Missionários de Cristo, desenvolveram-se os Carmelitas de modo extraordinário, atingindo o seu apogeu no tempo colonial. No Império, o Carmelo começou a entrar em declínio, arruinando-se a tal ponto que, no Segundo Império, pode-se dizer que se encontrava em verdadeira agonia.

A maçonaria agia então à larga, proibindo a aceitação de novos candidatos, seguindo assim as pegadas do Marquês de Pombal. Os claustros esvaziaram-se; os bens da Ordem foram seqüestrados; os frades foram desaparecendo paulatinamente, até restarem apenas oito. Parecia o fim... Entretanto, com o advento da



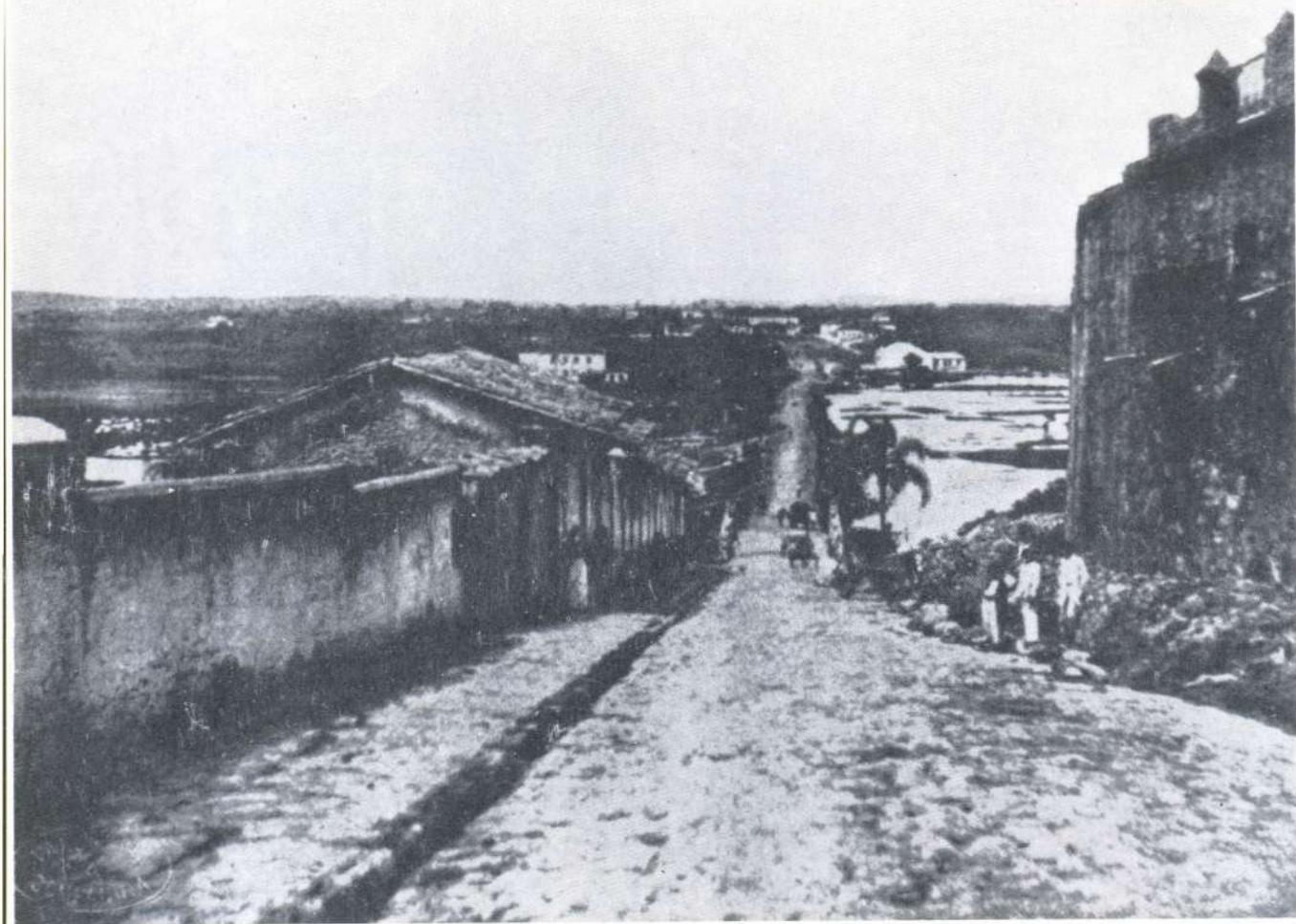
Entre J. S. Paul, Jun Col. Du Chema de Rio Janeiro. Couvent Des Carmes

J. B. Debret 1827.

Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana (1594) e da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo (1632), na Esplanada do Carmo que, com a Ladeira do Carmo (que se vê à esquerda) formam hoje o começo da Avenida Rangel Pestana; era o inicio do caminho de São Paulo para o Rio de Janeiro. Este quadro foi pintado por Jean Baptiste Debret em 1827, no qual se observam alguns dizeres e a sua assinatura no lado direito. É o retrato fiel e autêntico da época, pois a fotografia somente foi inventada em 1831.

Jean Baptiste Debret, nascido em Paris em 18.4.1768, foi o inesquecível pintor da vida brasileira durante o 1.<sup>o</sup> Império. Chegou ao Brasil em 21.1.1816, aqui permanecendo até 17.4.1831, quando regressou à pátria. Esteve em São Paulo em 1827, ocasião em que pintou célebres quadros históricos, dentre eles este de valor inestimável.

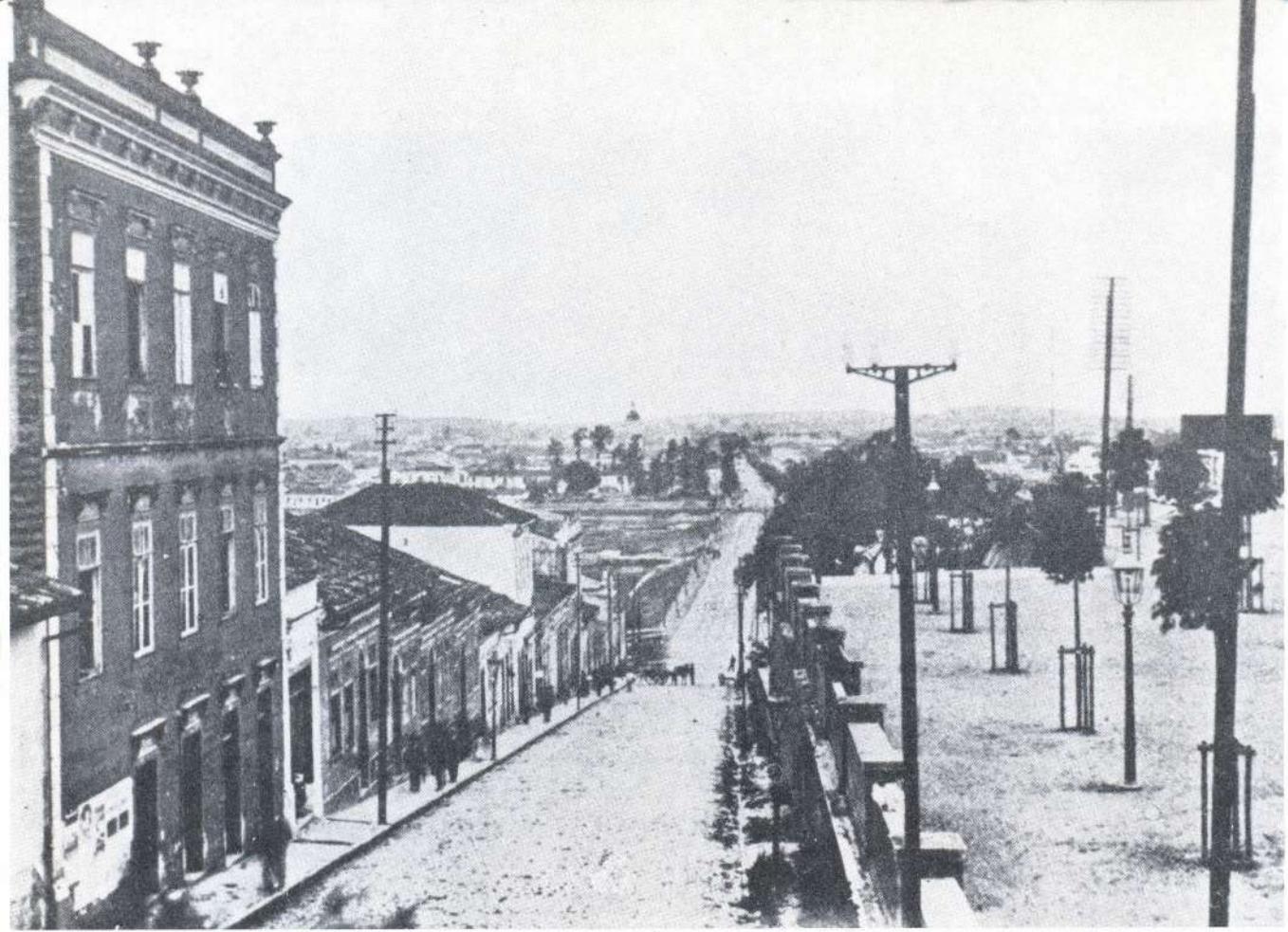
Reuniu seus melhores desenhos e publicou-os em 1834 em "Voyage pittoresque et historique au Brésil". Faleceu a 28.6.1848 com 80 anos. Debret passou à posteridade pelos célebres quadros que deixou e pela atividade de professor de pintura. Em 1839 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro elegeu-o seu sócio.



Ladeira do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Foto de 1859.



Parte da Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana, e Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, no ano de 1875, na Esplanada do Carmo, depois Largo do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. À direita vê-se a rua da Boa Morte, hoje rua do Carmo. Em 1911 a Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo vendeu à Câmara Municipal de São Paulo, uma pequena parte do corredor e da sacristia que confinavam com a rua da Boa Morte, sem atingir o corpo da igreja, ficando no alinhamento da rua como se encontra até hoje (ver cap. VI).



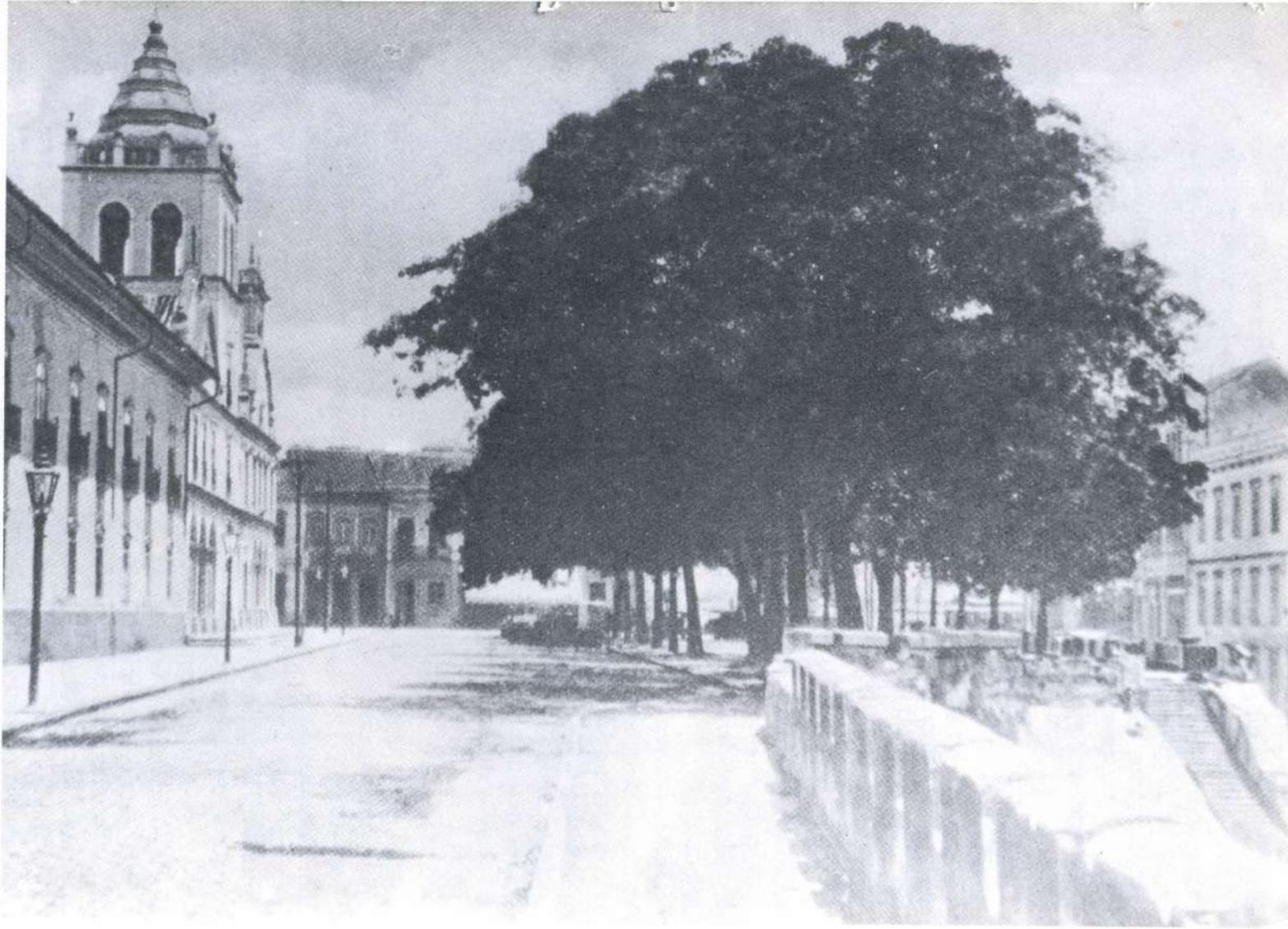
Ladeira do Carmo e Largo do Carmo, antes Esplanada do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Foto de 1899.



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana (1594), e Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo (1632), no Largo do Carmo, antes Esplanada do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Esta foto foi tirada em 1900 por ocasião da inauguração da torre da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo.



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana (1594), e a Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de S. Paulo (1632), no Largo do Carmo, antes Esplanada do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Foto de 1912.



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana, e Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, no Largo do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Nos fundos parte da rua do Carmo, hoje Praça Clóvis Beviláqua. Foto de 1912.

República, quando se esperava dar o golpe de misericórdia nas Ordens Religiosas pelo decreto da separação da Igreja do Estado, na verdade o que aconteceu foi a concessão da liberdade à Igreja. Como as árvores que durante o inverno conservam incubadas as suas energias, ou recebem a poda providencial para desabrochar com mais vigor na primavera, assim o Carmelo tornou a vicejar depois desse período de letargia a que esteve obrigado durante o Império.

Iniciou-se, desse modo, a restauração, primeiro com os Carmelitas espanhóis, em seguida em 1904 com os holandeses de saudosa memória. A Ordem tornou a florescer em todo o Brasil e conta atualmente com inúmeros conventos e paróquias em vários Estados. A Província de Pernambuco abrange os Estados de Pernambuco e da Paraíba; a Província Carmelitana de Santo Elias abrange os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Guanabara, Minas Gerais, Goiás e também Brasília; a Província da Bahia foi anexada à Província Carmelitana de Santo Elias; além disso muitos Carmelitas da Província Alemã Superior se encontram no Estado do Paraná, onde se dedicam a diversos tipos de apostolado.

Ao lado da contemplação os Carmelitas desenvolveram sempre intensa ação apostólica. Em nossa terra manifestou-se desde o início, como já dissemos, pela catequese e pelas missões. A ação social dos Carmelitas estende-se hoje a todos os ramos da atividade humana. Trabalham como diretores espirituais, vigários, capelões de hospitais e colégios, professores de seminários, ginásios e faculdades; levantam obras assistenciais dos mais variados gêneros.

Além de homens famosos pela santidade, o Carmelo Brasileiro deu também à Pátria personagens ilustres e valorosas, como Frei Caneca, célebre mártir da Revolução Pernambucana (1817-1824); Frei Leandro do SS. Sacramento, fundador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; D. Frei Pedro de Santa Mariana, preceptor do Imperador Pedro II; D. Frei Francisco de Lima, primeiro Bispo do Maranhão e Pará; Frei José da Madalena, introdutor da vacina contra a varíola.

Como já dissemos, o Convento e a Igreja do Carmo viveram ao lado da nossa Ordem Terceira na esplanada do Carmo até 1928, quando foram desapropriados pelo Governo do Estado, por 4.500 contos; nesse mesmo ano, os Carmelitas transferiram-se para uma chácara na Rua Martiniano de Carvalho; aí levantaram magnífico templo, um dos mais belos da capital bandeirante, verdadeira obra de arte colonial, onde foram aproveitadas todas as alfaiaias da antiga igreja; ainda hoje, nessa igreja podemos con-

templar os altares e imagens, os púlpitos e as balaustradas, bem como os portais, tudo do século XVII. Ai temos um extraordinário exemplo de como é possível atualizar-se conservando contudo o que de bom o passado nos legou.

Vale a pena transcrever "a última página do convento do Carmo" de autoria de Aurelio Becherini, fotógrafo de "O Estado de São Paulo", testemunha ocular do acontecimento (como nos também fomos), descrevendo a trasladação da imagem de Nossa Senhora do Carmo do velho convento, que logo seria demolido, para a capela provisória da rua Martiniano de Carvalho no dia 15 de abril de 1928:

*"Os sinos dobraram solenes, convidando o povo da cidade para assistir a um grande acontecimento. As ruas estão repletas de povo de todas as classes sociais, e todos vieram ao chamado da imprensa e aos repiques dos bronzes sagrados, para ilustrar luxuosamente a última página da história do tradicional mosteiro de N. S. do Monte do Carmo, por mais de três vezes centenário.*

*A hora é solene e comovedora, nenhuma alegria reina entre os populares; pelo contrário, soluços e choros misturam-se às doces vibrações que partem do velho campanário, em cujos azulejos da cor de cobalto, espalha-se um lindo sol de outono, de uma limpida tarde dominical. Daqui a poucos minutos o velho edifício estará privado do gracioso tesouro que por um período de três séculos guardou religiosamente, sobre um trono de pérola e de ouro, a bondosa imagem de N. S. do Monte do Carmo.*

*Os sinos redobram de harmonia e a imagem de Nossa Senhora sai, pela última vez, das arcadas austeras do templo suntuoso, e neste momento um frêmito percorre a grande massa popular. O momento é rigorosamente fúnebre. A Virgem passa carregada pelos irmãos da Ordem Terceira do Carmo. O andor está ricamente ornamentado de crisandálias brancas e cheirosas; tapetes de flores cobrem o leito das ruas. A Virgem passa, no meio de grandiosa procissão, rodeada pelo clero e pelos anjinhos, entre místicos cantos religiosos, numa atmosfera de saudade indefinível.*

*E tanto nos casebres que ainda existem dos tempos coloniais, como nas sacadas dos modernos palacetes, as famílias pobres e ricas assistem reverentes ao desfilar da última procissão da velha Igreja do Carmo, — como um poético protesto coletivo contra as exigências de um pro-*

*gresso materialmente exacerbado que acaba de privar a grande metrópole paulista de mais uma empolgante tradição.*

*E nesta sincera manifestação de saudades e devação, exaltaram-se as qualidades cívicas de um povo dumamente civilizado, que, assistindo diferente e submisso ao desabar de seus velhos templos, o faz prestando conscientemente as homenagens devidas ao seu rico patrimônio histórico, fazendo justiça à grandeza de seus antepassados gloriosos."*

Perdura ainda vivo em nossa memória esse inesquecível dia: 15 de abril de 1928. Frei Canísio Mulderman, então prior do convento, celebrou, às 10 horas, a última cerimônia religiosa, uma Missa solene cantada pelo coro da Ordem Terceira; a igreja estava literalmente cheia de Irmãos Terceiros, sacerdotes e fiéis que não quiseram perder aquela emocionante e derradeira solenidade dentro de uma igreja prestes a ser demolida após mais de três séculos de tradição, a fim de dar lugar às exigências do progresso da cidade.

Ao Evangelho o celebrante ocupou o púlpito para comunicar aos fiéis ali reunidos a mudança que se impunha, e para convidá-los a acompanhar a imagem de Nossa Senhora do Carmo venerada pelos nossos antepassados, até a capela provisória da rua Martiniano de Carvalho, n. 16, local em que seria erigido o novo templo.

Frei Canísio não pôde esconder a sua emoção ao pronunciar sua comovente oração. Ao terminar, o coro da Ordem Terceira do Carmo, que sempre cooperou em todas as festividades desse templo, entoou o hino da Virgem do Carmelo.

Após a Missa, os presentes visitaram algumas dependências do antigo convento e da igreja, cujo aspecto era triste e tocante, já com seus altares vazios e prontos para sofrer a ação da picareta demolidora que iria privar São Paulo de uma das mais belas relíquias coloniais.

Às 15 horas da tarde desse dia, nós, Terceiros Carmelitanos, tivemos a honra e o grande privilégio de transportar processional e triunfalmente a imagem da Virgem do Carmo para a capela provisória da rua Martiniano de Carvalho.

Antes da procissão ocupou a tribuna o Cônego Ladeira, que desenvolveu a sua oração em torno da longa e belíssima história do Convento e da Igreja do Carmo.

Tomaram parte na procissão não só os Carmelitanos como diversas Irmandades, confrarias e associações religiosas com as



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana, na rua Martiniano de Carvalho, para onde os Carmelitas se transferiram do Largo do Carmo em 1928; a Igreja foi inaugurada no dia 1.<sup>º</sup> de abril de 1934.

insígnias e estandartes. A procissão foi aberta pelas crianças da Associação do Menino Jesus, que carregavam um andor com a imagem de Jesus. Vinham em seguida os alunos do Colégio do Carmo com o respectivo estandarte, os colegiais de Santo Alberto, os membros da Associação do Coração de Jesus, Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira do Carmo, os Frades Carmelitas e uma multidão de fiéis.

Ao chegar o extenso cortejo à capela provisória da rua Martiniano de Carvalho, procedeu-se à benção da pedra fundamental do novo templo, sendo depois cantado um solene "Te Deum" com bênção do Santíssimo Sacramento.

Assim terminou a história da Igreja e do Convento do Carmo no Largo do Carmo, onde por mais de três séculos os paulistanos cultivaram a sua fé.

Não podemos encerrar este brevíssimo histórico da Ordem Carmelitana sem citar os nomes daqueles que foram grandes carmelitas, nossos vizinhos e nossos grandes amigos no passado: Frei Cyrilo Thewes, Provincial durante muitos anos, Frei Dyonisio Muldermann, Frei Willibrordo Van Eyck, Frei Afonso Van den Berg, Frei Eliseu, Frei Ildefonso Schutjes, Frei Ambrósio Vroling, Frei Antônio Faggiano e tantos outros de saudosa e santa memória, cujos nomes ficarão indelevelmente gravados no coração dos Carmelitas e na história da ORDEM CARMELITANA como verdadeiros baluartes da Igreja e da fé.

## SANTOS DA ORDEM CARMELITANA

*Data da celebração*

SANTO ELIAS, Profeta	980/ 918 AC	20 de julho	Pai e inspirador da Ordem Carmelitana
SANTO ELISEU, Profeta	956/ 849 AC	14 de junho	Discípulo do Profeta Elias
SÃO BERTHOLDO	1073/1187	29 de março	
SÃO CYRIL	1142/1224	6 de março	
BEATO BAPTISTA MANTUANO	1144/1517	23 de março	
SANTO ALBERTO	1150/1214	8 de abril	
SÃO SIMÃO STOCK	1164/1265	16 de maio	
SÃO BROCARDO	1150/1230	2 de setembro	
SANTO ANGELO	1186/1220	5 de maio	
BEATO FRANCO	1211/1291	17 de dezembro	
BEATA JOANA DE TOLOSA	1213/1286	31 de março	
SANTO ALBERTO DE SICILIA	1250/1307	7 de agosto	
SANTO ANDRÉ CORSINI	1302/1373	4 de fevereiro	

SÃO PEDRO THOMAZ	1305/1366	14 de fevereiro
BEATO ROMEU	1353/1380	4 de março
BEATO NUNO ALVES PEREIRA, o Condestável	1360/1423	6 de novembro
BEATO ANGELO MAZZINGHI	1373/1438	13 de agosto
BEATO JOÃO SORETH	1395/1471	28 de julho
BEATO LUDOVICO MORBIOLI	1422/1477	15 de março
BEATA FRANCISCA D'AMBOISE	1427/1505	5 de novembro
BEATA JOANA SCOPPELLI	1428/1491	11 de julho
BEATO JACOBINO DE CANEPACIO	1438/1508	3 de março
BEATO ALOYSIO RABATÁ	1443/1490	11 de maio
BEATO BARTHOLOMEU FANTI	1443/1495	5 de dezembro
BEATA ARCHANGELA GIRLANI	1450/1494	6 de fevereiro
SANTA TEREZA DE JESUS, de Avila	1514/1582	15 de outubro
SÃO JOÃO DA CRUZ	1546/1591	24 de novembro
BEATA ANA DE SÃO BARTHOLOMEU	1556/1626	7 de março
SANTA MARIA DA ENCARNAÇÃO	1565/1618	16 de outubro
SANTA MARIA MAGADLENA DE PAZZI	1566/1607	25 de maio
BEATO REDEMPTO	1598/1638	29 de novembro
BEATO DIONISIO	1600/1638	29 de novembro
BEATA MARIA DOS ANJOS	1651/1727	19 de dezembro
BEATA TEREZA E SÓCIAS (15)	1740/1794	24 de julho
SANTA JOAQUINA DE VEDRUNA DE MAS	1783/1854	
SANTA TEREZA DO MENINO JESUS	1873/1897	3 de outubro

## SUPERIORES DA ORDEM CARMELITANA

NO ANO DE 1977

## CURIA GENERALICIA

*SUPERIOR GERAL:*

Revmo. Pe. Falco Thuis

*ASSISTENTES DO SUPERIOR GERAL:*

Revmo. Pe. Sean Coughlan

Revmo. Pe. Stephanus Possanzini

Revmo. Pe. Venantius Bryg

Revmo. Pe. José Cardoso

*DELEGADO PARA O TERCEIRO MUNDO:*

Revmo. Pe. Gondulphus Mesters

**PROVÍNCIA CARMELITANA DE SANTO ELIAS****DIRETORIA PROVINCIAL*****DIRETOR PROVINCIAL:***

Revmo. Pe. Tomás Motta Navarro

***DIRETORES CONSELHEIROS:***

Revmo. Pe. Policarpo Van Leewen

Revmo. Pe. Angelino Wissink

Revmo. Pe. Carmelo Cox

Revmo. Pe. Carlos Mesters

Revmo. Pe. Claudio Van Bollem

## CAPÍTULO II

### O ESCAPULÁRIO DO CARMO



Escapulário do Carmo ou o Bentinho, como é vulgarmente chamado, é uma dádiva de Nossa Senhora do Carmo à sua Ordem Carmelitana e por intermédio desta ao mundo inteiro.

Por essa magnífica dádiva, Maria Santíssima estabelece uma união íntima, filial e fraternal entre Si e os seus devotos, união esta simbolizada no Escapulário que é a veste de Nossa Senhora, e à qual a própria Mão de Deus, bem como a Santa Igreja, ligaram favores insignes, como mais adiante veremos.

Para a perfeita compreensão da doutrina do Escapulário do Carmo, convém saber um pouco da história da Ordem:

Estava São Simão Stock, Geral da Ordem do Carmo, rezando na sua cela. Suplicava com grande instância à Senhora do Carmo que manifestasse um sinal de maternal proteção à sua Ordem predileta. Súbito ilumina-se a cela de luz celestial e aparece com grande glória, cercada de anjos, a Santa Mãe de Deus. Traz nas mãos o Escapulário, e entregando a São Simão, diz-lhe numa promessa: "Recebe, FILHO DILETÍSSIMO, o Escapulário da tua Ordem, SINAL DE MINHA CONFRATERNIDADE, privilégio para ti e todos os Carmelitas; os que morrerem revestidos deste Escapulário não padecerão o fogo eterno. Eis o sinal de salvação, aliança de paz e pacto sempiterno".

Deu-se esse fato miraculoso na Inglaterra em 16 de julho de 1251, portanto há mais de sete séculos.

Pelas palavras de Nossa Senhora do Carmo: "Filho Diletissimo" e "sinal de minha confraternidade", Maria Santíssima considera os devotos do seu Escapulário como filhos de predileção; mas ainda: Ela quer tornar tão íntima essa união e tão confidencial, que faz como que uma abstração da sua qualidade de Mãe,

para pôr-se conosco no mesmo pé de igualdade, chamando-se a si mesma de nossa irmã!

Nessa união íntima e confidencial de Nossa Senhora para conosco é que repousa a essência da doutrina do Escapulário; e há sete séculos vem a Mãe de Deus cumprindo a sua grande promessa para com os que vestem o seu Escapulário. Correspondemos também nós a essa maravilhosa promessa, esforçando-nos para viver vida piedosa e cristã, intimamente unidos à nossa Mãe do Carmelo.

Nos últimos decênios, Nossa Senhora muito tem insistido nessa união amorosa para conosco; com freqüência pede que as almas e o mundo sejam consagrados ao seu Imaculado Coração, haja vista as revelações de Fátima.

Por isso é que o Santo Padre Pio XII, pela identificação que há entre a idéia da intimidade com Maria pelo Escapulário e a da consagração, proclamou, no seu Breve de 11 de fevereiro de 1950, o Escapulário do Carmo um como que símbolo dessa consagração ao Imaculado Coração de Maria.

Eis em poucas palavras o essencial da significação do Escapulário do Carmo.

### BREVE APOSTÓLICO DE SUA SANTIDADE PAPA PIO XII

Sobre a comemoração do VII centenário do Escapulário do Carmo, dirigido em 8 de fevereiro de 1950, aos diletos filhos Kiliano Lynch, Prior Geral da Ordem dos Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, e Silvério de Santa Teresa, Prepósito Geral dos Irmãos Descalços da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Diletos Filhos,

Saudação e Bênção Apostólica

Certamente ninguém ignora quanto o amor para com a Santíssima Virgem, Mãe de Deus, contribui para afervorar a fé católica e corrigir os costumes, principalmente sob aquelas formas de devoção, pelas quais, de modo especial, os espíritos se sentem animados a se ilustrar com a doutrina celeste e os ânimos inflamados a cultivar a vida cristã. Entre estas formas em primeiro lugar deve-

-se citar a devoção do Santo Escapulário dos Carmelitas, a qual, acomodada na sua própria simplicidade à índole de todas as pessoas, goza de uma divulgação extraordinária entre os fiéis, tendo produzido abundantes frutos de salvação. Por isso, com grande alegria soubemos que os religiosos Carmelitas, Calçados e Descalços, deliberaram despender o máximo de seus esforços na celebração de solenidades em honra da Santíssima Virgem Maria, pelo transcurso do sétimo século da instituição deste Escapulário da Mãe de Deus do Carmelo. Sendo constante o nosso amor para com a augusta Mãe de Deus, e tendo sido admitido na Confraria do mesmo Escapulário, quando menino, de mui boa vontade recomendamos esta piedosa iniciativa e sobre ela auguramos grande abundância de bênçãos divinas. É que não se trata de coisa de somenos importância, mas de conseguir a vida eterna por meio da tradicional promessa da Virgem Maria: a saber, trata-se do mais importante de todos os negócios e do modo de o conseguir seguramente. Na verdade, o Santo Escapulário é como que hábito mariano, sinal e penhor da proteção da Mãe de Deus; não pensem, porém, os que vestem esse hábito, que, entregues à indolência e negligência espirituais, hão de conseguir a salvação eterna, pois o Apóstolo adverte: Com temor e tremor, empenhai-vos na obra da vossa salvação (Fil. II, 12). Todos os Carmelitas, pois, seja nos claustros das Ordens Primeira e Segunda, seja na Ordem Terceira Regular ou Secular, seja nas Confrarias, todos os Carmelitas que pertencem por especial vínculo de amor a uma só família da Mãe de Deus, encontrem no memorial da própria Virgem um espelho de humildade e castidade; na simples forma da veste encontrem um compêndio de modéstia e simplicidade; sobretudo nesta mesma veste, que dia e noite trazem, encontrem um símbolo eloquente das preces com que imploram o divino auxílio; encontrem, finalmente, nela, aquela consagração ao Sacratíssimo Coração da Virgem Imaculada, a qual consagração recentemente recomendamos com ardor. E certamente a Mãe piedosíssima, conforme aquela tradição chamada de Privilégio Sabatino, não deixará de interceder junto de Deus por seus filhos, quando no Purgatório estiverem a espiar seus pecados, a fim de que alcancem quanto antes a pátria eterna. Entremos, como augúrio do auxílio e da proteção celeste, e como penhor de nossa particular afeição, com profundo amor no Senhor, vos concedemos a vós, Diletos Filhos, e a toda a Ordem dos Carmelitas, a Bênção Apostólica.

Dada em Roma junto a São Pedro, aos 11 de fevereiro, data da Aparição da Virgem Maria Imaculada, no ano de 1950, no de nosso pontificado.

## CAPÍTULO III

### QUE SÃO ORDENS TERCEIRAS DO CARMO?

### QUE SÃO IRMÃOS TERCEIROS DO CARMO?

**S**ue são Ordens Terceiras do Carmo? O próprio nome já está indicando a existência de uma primeira e uma segunda, distintas da terceira. A Ordem Primeira é a Ordem Carmelitana estabelecida em 1594 na então esplanada do Carmo, a qual descrevemos no capítulo I deste livro; é formada por padres professos, de voto perpétuo, que se dedicam às missões sacerdotais; em São Paulo é hoje chamada Província Carmelitana de Santo Elias, com sede na rua Martiniano de Carvalho, n. 114; é mantenedora de inúmeras igrejas e de estabelecimentos de educação e assistência social; continua, pois, cumprindo rigorosamente a sua missão.

A Ordem Segunda é a das freiras, com votos, profissão e vida claustral, conhecidas como Irmãs Religiosas do Carmelo.

Ordens Terceiras são as constituídas de acordo com a Bula do Sumo Pontífice Xisto IV, datada de 11 de novembro de 1476, e com a patente passada a 26 de janeiro de 1587, autorizando a criação delas no Brasil; como a nossa **ORDEM TERCEIRA DO CARMO**, são sociedades formadas por leigos de ambos os sexos, que nela ingressam com a finalidade de servir à Igreja Católica, Apostólica e Romana, dedicando-se ao culto de Deus e de Nossa Senhora do Carmo, à prática da caridade, esforçando-se assim por alcançar a perfeição cristã.

Irmão Terceiro é o católico que, vivendo no mundo, procura um meio mais seguro de seguir as pegadas do Divino Mestre, recebendo uma investidura que lhe dá o caráter de seu discípulo. O bom Irmão Terceiro Carmelitano cumpre escrupulosamente os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, e, portanto, os deveres

para com a sua Ordem e para com a sociedade que ele procura edificar por meio de uma vida exemplarmente cristã.

O bom Terceiro Carmelitano é o que sabe que, neste mundo, nada há de tão belo como a aliança da razão humana e da fé, da ciência terrestre e da ciência divina, e da mais ativa vida exterior consagrada ao bem.

No capítulo do Estatuto da nossa Ordem, neste livro, nós nos ocuparemos detalhadamente dos direitos e obrigações dos Irmãos Terceiros do Carmo.

## CAPÍTULO IV

### VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO

#### FUNDAÇÃO

**P**ela Bula do Sumo Pontífice Xisto IV, datada de 11 de novembro de 1476, foram dados poderes aos Mestres Gerais do Carmo e Reverendíssimos Padres Mestres Provinciais dos Religiosos Carmelitas, para erigirem Ordens Terceiras do Carmelo; entretanto, a patente que autorizava a criação das Ordens Terceiras do Carmo no Brasil somente foi passada a 26 de janeiro de 1587, como já vimos no capítulo anterior.

A instalação da nossa Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, podemos afirmar como fato histórico que foi no ano de 1594 e a fundação da nossa Igreja do Carmo por volta de 1632.

Em nosso arquivo, todavia, nenhum documento foi encontrado que precisasse o ano e o dia exato da sua fundação; contudo, pela pesquisa que fizemos em livros e que passamos a expor, chegamos à conclusão de que a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, hoje conhecida simplesmente como Ordem Terceira do Carmo, foi efetivamente fundada no ano de 1594, por um grupo de fiéis leigos, que desejavam empregar o calor de seu entusiasmo e sua fé ao culto de Deus e de Nossa Senhora do Carmo, e dedicar-se à prática da caridade, procurando assim alcançar a perfeição cristã; a fundação foi efetivada sob a égide dos Reverendíssimos Padres da Ordem Carmelitana já estabelecidos no Convento do Carmo inaugurado nesse mesmo ano.

O documento mais antigo existente em nosso arquivo é um livro de atas de 1674, pelo qual se verifica que a Ordem, nessa época, já tinha administração própria, idêntica à atual na sua estrutura e atribuições dos diversos cargos da Mesa Administrativa;

dessa data em diante temos todos os livros de Atas das sessões das Assembléias Gerais (antes chamadas Mesas Conjuntas) e os da Mesa Administrativa com as reuniões periódicas exatamente como são realizadas até hoje.

Temos guardada, como preciosa relíquia, uma "carta de sentença" de D. João V, Rei de Portugal, datada de 27.2.1742, — referente a uma ação judicial com sentença proferida a 16.4.1738 — reconhecendo, nessa época, a posse imemorial da Igreja do Carmo sobre parte do terreno por ela ocupado e que fora objeto de litígio com vizinhos. Ora, se em 1738 foi reconhecida a posse imemorial sobre parte do terreno em que se achava construída a Igreja do Carmo, consequentemente ela já devia existir antes de 1638.

Temos também uma "carta de adjudicação" da 1<sup>a</sup> Vara da Fazenda Estadual, que contém a sentença que reconhece a posse imemorial de mais de 300 anos da nossa Igreja; a origem dessa "carta de adjudicação" é a seguinte:

Em 11 de agosto de 1952 a Ordem Terceira do Carmo ajuizou ação de usucapião a fim de que fosse reconhecido e declarado por sentença o domínio sobre o imóvel em que se achava construída a vetusta e conhecida Igreja do Carmo e suas dependências, nas quais estava de posse continuada, mansa e pacificamente há mais de 300 anos. Esta ação foi patrocinada pelos eminentes advogados Drs. Ottonio de Vasconcellos Camargo, Pedro Augusto de Souza Lima e Lauro Malheiros, este último hoje eminente Ministro do Tribunal de Alçada.

Distribuída à 1<sup>a</sup> Vara da Fazenda Estadual, após os trâmites legais, a ação foi julgada procedente e declarado o domínio sobre o imóvel; da sentença extraímos os seguintes trechos:

fls. 439     "A presente ação traz em seu bojo a própria história da cidade de São Paulo, como acentuou com magnífica ilustração o renomado perito Dr. Ricardo Guimarães Sobrinho, cujo trabalho remontou do próprio descobrimento do Brasil e a fundação da Vila de Piratininga em 25 de janeiro de 1554 por um grupo de Jesuitas.

fls. 440     Daí a inteira inocuidade das alegações da Prefeitura Municipal de São Paulo, *uma vez que a Ordem Terceira do Carmo pode, com toda propriedade, invocar a prescrição imemorial de mais de trezentos anos.*"

33  
ano de Luis de Camões que era  
descendente das terras de Anchieta  
Santiago de Compostela

150  
Carta judicial de cível que afazeu farsi  
al anno de 1742 — na freguesia da Vila de  
Orlândia terras da Vila de Orlândia de fármaco  
Santiago e Agualva na Freguesia de Agualva Cor-  
tua e Penedo — Povoação de Santiago e  
Conselho da Região e Entrega da Cidade de Orlândia  
e Anchieta Agualvenses.

Outono  
1738

Custos

Dom João por oração de Deus  
Rey de Portugal e dono d'Algarves das  
quem o da Lem Mai em Igreja de  
nho de Paine e da Conquista nauige-  
gam Comunis da Eclóquia e Trábia Pen-  
sia e da India de Álodon os muy Co-  
rregedores Presidentes Juízes Juizados  
e Juizes despina Ordinários e de Apela-  
ção e meus Suylos Oficiais della e  
pessoas outras destas meus e Reino e de  
nervos de Portugal e suas Conqui-  
tas aquelles aguens esperando quem es-  
ses quais estambla causa desentenda Es-  
te de appellacão vindoa Juiz da  
+ Ovidriana por qualha Cidade declam Sou-  
lo o Conselho e fiamada do proçeso dos  
autoz Confessores e Requerimentos despar-  
to que apelio e Requisitos Nrem efor  
apresentado e o Conselheiro Conselhe-  
ro certo della Considerante desistamente  
deix e fez despesterne e seu devido  
to Conselheiro Conselheiro Conselhe-  
ro Conselheiro Conselheiro Conselhe-  
ro Conselheiro Conselheiro Conselhe-  
ro Conselheiro Conselheiro Conselhe-

A sentença foi confirmada por unanimidade na apelação cível n. 166.008 pelo acórdão da egrégia 5<sup>a</sup> Câmara Cível do Tribunal de Justiça de São Paulo (fls. 471), sendo expedida a "carta de adjudicação" que foi devidamente transcrita no Registro de Imóveis da 4<sup>a</sup> Circunscrição sob o n. 121.698. Note-se bem: a veneranda sentença reconheceu que, em 1952, a Ordem Terceira do Carmo já tinha a posse imemorial de mais de trezentos anos de sua Igreja, portanto, antes de 1652.

Passamos finalmente a citar o que encontramos o fls. 28 do relatório do ano compromissal 1904 a 1905, apresentado em sessão da Mesa Administrativa pelo então Prior Conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo:

fls. 28 "CONCERTOS E AUMENTOS DO GYMNÁSIO — .....

Durante estes concertos os pedreiros descobriram uma velhíssima inscrição com a data de 1632, que indica provavelmente o anno em que se acabaram aquellas maciças paredes, em breve tres vezes secular."

E deve ser certa a conclusão a que chegou o ilustre Conselheiro, pois, no anno de 1633, a Ordem Terceira do Carmo sepultava, na capela-mor da sua igreja, o bandeirante Pedro Dias Pais Leme, conforme atestam Carlos Eugenio Marcondes de Moura, Carvalho Franco e Silva Leme, como veremos a seguir.

Carlos Eugenio Marcondes de Moura, no seu livro "Os Galvão de França no povoamento de Santo Antonio de Guaratinguetá", a fls. 404 da 2<sup>a</sup> edição de 1973, escreveu: "Pedro Dias Pais Leme foi bandeirante e realizou entradas antes de 1633, anno de seu falecimento; foi sepultado na capela-mor da Igreja do Carmo de São Paulo, em jazigo próprio; casado com Maria Leite, nascida em São Paulo que faleceu em 1667 e também sepultada na capela-mor da Igreja do Carmo no jazigo de seu esposo. (Carvalho Franco "Bandeiras e Bandeirantes de S. Paulo" pág. 214)

Ouçamos finalmente o depoimento do insigne Luiz Gonzaga da Silva Leme, a fls. 450 do Volume 2<sup>º</sup> da Genealogia Paulistana (Título Lemes) com a sua autoridade de grande historiador e genealogista:

"Pedro Dias Pais Leme faleceu em 1633, capitão da polícia da Vila de São Paulo; pessoa de muita estima e respeito, ocupou vários cargos públicos no governo de São Paulo, foi sepultado na capela mor da igreja do Carmo. Casado com Maria Leite falecida em 1667. Seu primeiro

filho foi Fernão Dias Pais Leme, o celebre bandeirante descobridor das esmeraldas que deixou seu nome gravado na história de São Paulo pelos feitos que o imortalizaram." (O grifo é nosso)

Acabamos, pois, de ouvir os depoimentos dos escritores Carlos Eugenio Marcondes de Moura, Carvalho Franco e Silva Leme, asseverando que Pedro Dias Paes Leme, pai de Fernão Dias Pais Leme, foi sepultado em 1633 na capela-mor da Igreja do Carmo; consequentemente podemos afirmar sem receio de laborar em erro que a igreja já existia antes dessa data.

Pelo que expusemos chega-se à conclusão inequívoca de que a inscrição encontrada nas paredes da Igreja com a data de 1632 é, por certo, a da fundação da Igreja do Carmo, motivo pelo qual não erraremos muito adotando o ano de 1632 como o da sua efectiva fundação.

Vamos agora comprovar a nossa assertiva inicial de que a Ordem Terceira do Carmo foi efetivamente fundada no ano de 1594, a primeira a ser fundada no Brasil; vejamos:

Transcorrendo no dia 16 de junho de 1906 o jubileu de prata de ordenação sacerdotal do saudoso Comissário Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua, por determinação da Mesa Administrativa foi elaborada uma biografia do ilustre sacerdote pelos Irmãos Terceiros Comendador Dr. Raul Ortiz Monteiro, então Subprior, e Doutores João José Vieira Guimarães e Olegário Pereira de Almeida.

Essa biografia impressa num livro com 46 páginas em tamanho 22 x 32 cms., ilustrada com diversas fotografias, foi distribuída aos Irmãos Terceiros, à imprensa, podendo também ser encontrada nas bibliotecas da Curia Metropolitana, do Seminário, do Carmo e nas bibliotecas públicas.

A folhas 25 encontra-se o seguinte:

*"Em 1894, recorrendo o tricentenario da fundação da Ordem Terceira do Carmo em S. Paulo, Mons. Passalacqua, auxiliado por diversos dos nossos Irmãos e pela respectiva Mesa Administrativa, promoveu solenes festas, procedidas das famosas Conferencias realisadas na Cathedral pelo ilustre P. Dr. Julio Maria, a que assistiram, além de muitas das mais distinctas famílias, os representantes do que esta Capital possue de mais selecto nas letras, na sciencia, na magistratura e na politica, tendo-se approximado da meza da Comunhão, no dia da festa, mais de 600 pessoas". (O grifo é nosso).*

Na folha seguinte publicamos uma foto da página 25 desse livro, na qual se vê a fotografia do Monsenhor Passalacqua juntamente com o Padre Dr. Julio Maria por ocasião das festas do tricentenário da fundação da Ordem Terceira do Carmo.

Note-se bem o seguinte: no ano de 1894, o Padre Dr. Julio Maria, doutor em Direito, grande historiador e orador sacro, no dizer de Alceu Amoroso Lima e de outros historiadores, um dos homens mais notáveis da nossa história, foi quem proferiu na Catedral as famosas Conferências que precederam as solenes festas promovidas pelo Monsenhor Passalacqua auxiliado por diversos Irmãos Terceiros e pela Mesa Administrativa e a que assistiram, além de muitas das dintinas famílias, os representantes do que São Paulo tinha de mais seletos nas letras, na ciência, na magistratura e na política.

Se, em 1894, homens da envergadura intelectual e cultural do Monsenhor Camilo Passalacqua e do Padre Doutor Julio Maria, auxiliados pelos Irmãos da Mesa Administrativa, realizaram grandes festejos em comemoração ao tricentenário da fundação da nossa Ordem Terceira do Carmo, e se o Padre Doutor Julio Maria proferiu as famosas orações para comemorar esse evento, foi, por certo, porque tinham elementos seguros e indiscutíveis que comprovavam a fundação da nossa Ordem Terceira nesse ano de 1594; e, nada mais razoável que, sendo um dos objetivos da Ordem Carmelitana a criação de Ordens Terceiras já existentes na Europa, tivesse, nesse mesmo ano em que ela foi fundada, presidido a fundação da VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO de São Paulo.

\* \* \*

### FATOS HISTÓRICOS — OS IMPERADORES DO BRASIL NO CARMO — AS CÉLEBRES PROCISSÕES — IRMÃOS TERCEIROS ILUSTRES —

A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO conhecida como ORDEM TERCEIRA DO CARMO, ou simplesmente o CARMO, representa, sem dúvida alguma, um capítulo importante da história de São Paulo; é uma das principais e a mais antiga Ordem Terceira Carmelitana do Brasil, fundada no ano de 1594.

Dizem os historiadores que era ali dentro dos seus domínios que se resumia a vida inteirinha da cidade de São Paulo, nos bons tempos de outrora. No Carmo viveram e tiveram residência as figuras mais destacadas, os homens de projeção, os velhos e inte-

vistas do digno Prelado no sentido de iniciar-se oficialmente a acção catholico-social em toda a Diocese, cujos triumphos jamais serão esquecidos, porque foram realmente de grande bem na palavra, na penna e na acção, e cuja divisa está bem clara no seu primeiro Programma, traçado para essa illustre e exemplarissima associação pelo mesmo D. Arcoverde, e que é: *Oração, Ação e Sacrificio*. Em 1894, recorrendo o tricentenario da fundação da Ordem Terceira do Carmo em S. Paulo, Mons. Passalacqua, auxiliado por diversos dos nossos Irmãos e pela respectiva Mesa Administrativa, promoveu solemnies festas, precedidas das famosas Conferencias realisadas na Cathedral pelo illustre P. Dr. Julio Maria, a que assistiram, além de muitas das mais distinctas familias, os representantes do que esta Capital possue de mais selecto nas letras, na sciencia, na magistratura e na politica, tendo-se approximado da meza da Communhão, no dia da festa, mais de 600 pessoas.

Foi realmente sensacional acontecimento esse das Conferencias do projecto P. Julio Maria, hoje membro da Ordem dos PP. Redemptoristas, as quaes em numero de 12, divididas em 4 series, e cujos assumptos explanados foram: Catholicismo e Civilisação, Catholicismo e Positivismo, Catholicismo e a Critica Historica, Catholicismo e Incredulidade, tendo sido a do dia da festa: do Catholicismo depende a salvação do Brasil.

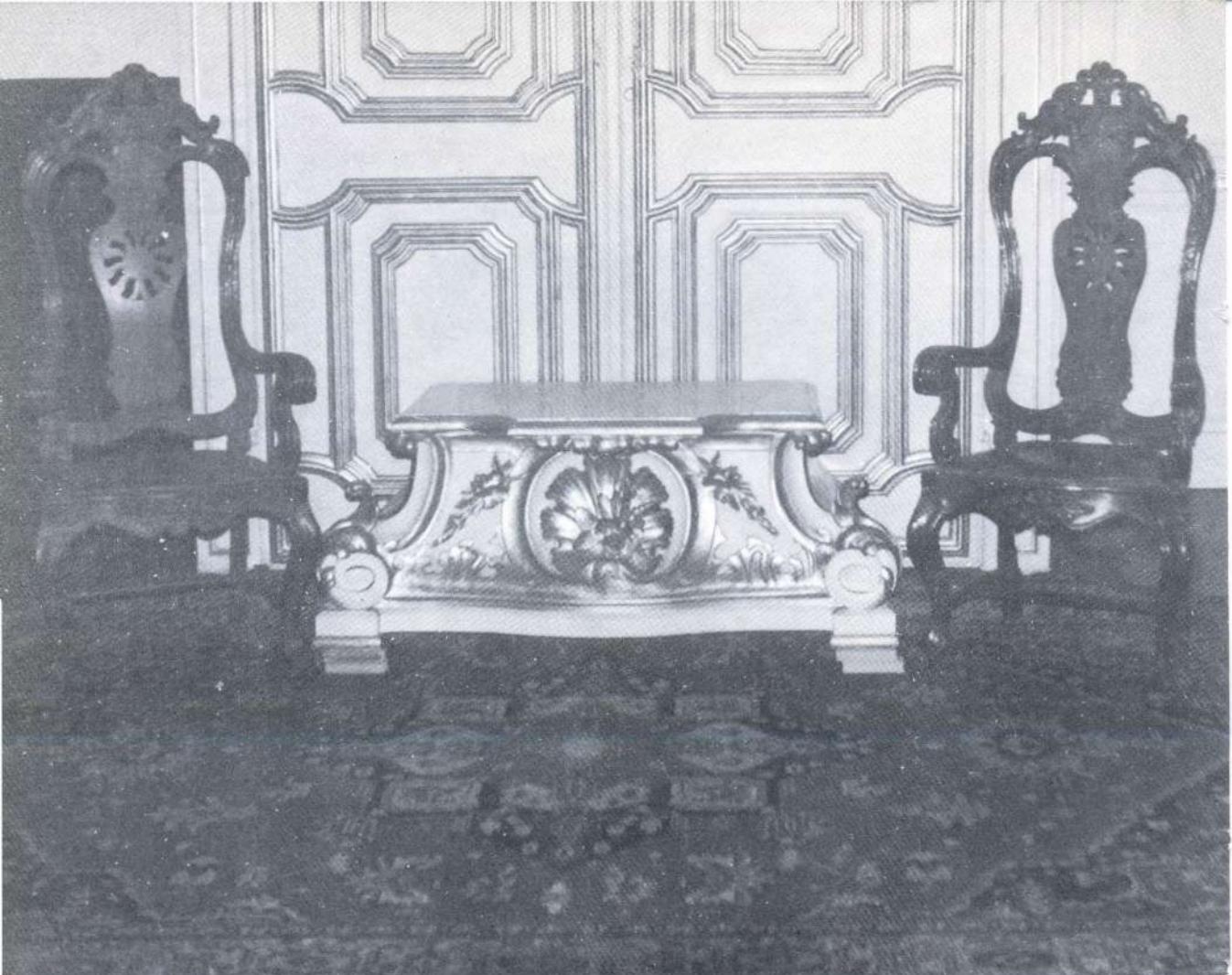
Monsenhor dirige varias associações, das quaes uma interessantissima é a das Mais Christãs.



Monsenhor e o Padre Dr. Julio Maria — Lembrança das festas tricentenarias da fundação da Ordem Terceira do Carmo em S. Paulo

Si bem attendermos no sentido dessa phrase, veremos quanto é verdadeira, e quanto de eloquencia encerra na sua apparente simplicidade.

Foto da página 25 do livro escrito, em 1906, pelos Terceiros Carmelitas Dr. Raul Ortiz Monteiro, então Subprior, Doutores João José Vieira Guimarães e Olegario Pereira de Almeida. Ai vemos as referências às **solenes festas realizadas em 1894, para celebrar o tricentenário da fundação da Ordem Terceira do Carmo**, e os saudosos Monsenhor Dr. Passalacqua e o Padre Or. Júlio Maria, numa foto especial de lembrança das festas tricentenárias.



Nestas poltronas sentaram-se Suas Majestades o Imperador do Brasil D. Pedro II e a Imperatriz D. Thereza Christina, no dia 12 de abril de 1846, quando foram recebidos pela Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, na Igreja do Carmo, com deslumbrantes solenidades que ficaram gravadas na crônica da Ordem e na história de São Paulo.

São poltronas D. José, de jacarandá, da segunda metade do século XVIII; fazem parte de um conjunto de 32 poltronas e cadeiras de valor inestimável, que se encontram guardadas como preciosas relíquias no Salão Nobre da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo.

gros paulistas, cuja palavra valia por um fio de barba. Foi no Carmo, considerado o ponto mais digno de destaque, que se verificaram os episódios relevantes da sempre curiosa e atraente história paulistana, segundo Raimundo de Menezes.

Muitos bandeirantes e ilustres paulistas foram Irmãos Terceiros do Carmo, como se infere pela relação que apresentamos no final deste capítulo.

No dia 12 de abril de 1846, por ocasião da primeira visita a São Paulo, os Imperadores do Brasil foram recebidos com grandes festas solenes e pomposas, que ficaram na crônica da Ordem e na história de São Paulo; o templo foi tão sumtuosamente decorado que, no dizer de José Maria Martins, então irmão sacristão, jamais a Ordem faria outra festa com tanto esplendor. As poltronas em que se sentaram o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Thereza Cristina estão guardadas no salão nobre como preciosa relíquia, onde se encontram até hoje. Já no dia 5 de março os Imperadores do Brasil haviam acompanhado a pé a procissão do Senhor dos Passos da Igreja do Carmo para a Igreja do Pátio do Colégio, demonstrando suas convicções e profundos sentimentos religiosos.

Leonardo Arroyo diz que era da tradição que no Carmo se realizavam as melhores missas cantadas, as melhores procissões, as mais caprichadas novenas e comemorações da Semana Santa, com a presença de altas autoridades.

As partituras dos cantos religiosos saíam da inspiração do maestro Jesuino de Cassia Lustosa, o maestro Lustosa, "de que ainda existem reminiscências por aí algures, de cantoção que fizeram o encanto acústico de nossos piedosos conterrâneos avoengos", no dizer de Paulo Cursino de Moura. A Igreja do Carmo, durante anos, constituiu-se no verdadeiro dodói da devoção paulistana; dodói merecido dada a simpatia material e espiritual do templo, branco e alegre, sobre a colina que trazia o seu nome.

As procissões, escreve Raimundo de Menezes, constituíram nos primeiros tempos o supremo enlevo dos paulistanos, nossos avós. Havia alguns deles que possuíam até casa no centro da cidade somente para ver a passagem dos cortejos religiosos. Tanto isso é verdade, que as habitações situadas no trajeto das procissões famosas e tradicionais eram de preço bem mais elevado no aluguel. Os cronistas antigos já relatavam essas extraordinárias festas populares. A dos Passos a mais concorrida, depois da do Enterro. Valia a pena assistir a elas.

Conta-nos Antonio Egidio Martins em seu conhecido e muito consultado livro São Paulo Antigo que, "da Igreja do Carmo onde todas as festas eram feitas com muito esmero e capricho, saía an-

tigamente a Procissão do Triunfo a percorrer ás ruas da cidade, carregando as seguintes imagens representando: Jesus no Horto, Jesus na prisão, Jesus atado à coluna, Jesus coroado de espinhos, Ecce Homo, Jesus com a cruz às costas e Jesus no Calvário"; essas imagens eram retiradas dos altares até hoje existentes em nossa igreja.

Era imponente a cerimônia do Lavapés na quinta-feira Santa com a assistência do Diretor Espiritual que conduzia a toalha e enxugava os pés dos Apóstolos.

A respeito das procissões que durante a Quaresma e a Semana Santa se realizavam em São Paulo, desde tempos imemoriais, Antonio Egidio Martins conta-nos ainda que a 18 de fevereiro de 1745 a Mesa Administrativa da Ordem Terceira do Carmo representou ao governador da Capitania de São Paulo, pedindo que não fosse perturbada na sua devoção, por ocasião da saída da procissão dos Passos, que fazia há 64 anos; eis a representação:

"Illmo. exmo Tenente General. — Pertende esta Venerável ordem 3<sup>a</sup> de Nossa Sra. do Monte do Carmo desta Cidade de São Paulo Continuar na sua antiga Posse de Secenta e quatro annos defazerê a sua Porcição do Senhor dos Santos Passos na Segunda Cesta fria. da quaresma na forma que Sempre áfaziamos; e Com poderá auer q. m. queira estrouar, Como já quizerão fazer em Vzurpar a Imagê desta ordê de mesmo Sr., que a não ser aprudencia do Tenente General Luis Antonio de Sá Queiroga que abateu os ImprouisosaSaltos que nos iam fazendo, e Resultaria em grauê Ruina, Isto o Casionado de huns poucos, ou m.tos homenis que orgulhoam.te nos queriam fazer; e Como nos por obedientes, e Vmildes Vassallos de S Mag. de que Ds. G. Recorremos ao Patrocinio do dito Tenente Gn.al o qual lhes abateu afuria Com o seu bom modo e Capaci.de ficandonos em húa pas e tranquili.de Socegados, de baixo disto Se Recorrerão ao R. do D.or Vigr.o da V.ra ofizemos da Ver de, e por q', estes Seachão Calados emtendemos não terião bom despacho; E a Sim temendonos de algúa Violencia, ou perturbação a Sim antes Como no dia da Porcissam, pedimos Somissos a V. Ex.a queira dignarce abrigar esta Pobre ordê 3<sup>a</sup> Com o Seu amparo, Como Principe, e Lugar Tenente de S. Mag.de o Viandonos de qualquer peturbassam, q'. qualquer pessoa nos possa fazer, Estrouandonos esta de Vossam; E a Sim Conseguiremos Pas, e Socego p.a melhor Seruirmos ao mesmo Senhor, eaele Rogaremos pella Vida e Saude de V. Exa. p.a

Continuar noSeu bom Goberno Como the ao presente experimentamos.

"Aos pes de V. Exa. nos Vmilhamos Rogando ao Altíssimo S.R.G. de felism.te Contodas as felicidades que oSeu generoso animo deseja.

S. Paulo em Meza 18 de Fevereiro de 1745. — De V. Exa. Umildes Servos — Antonio Monis Maiano, Prior. — Joseph Elias Moreira, Sub-prior. — Aleixo Garvez da Cunha. — Manoel Velloso. — Ignacio de Barros Rego. — Marcos Francisco. — Ignacio Vieira Barros e Fajardo — Francisco Rodrigues dos Santos."

Verifica-se por esta representação da Mesa Administrativa que, pelo menos desde 1681, a Ordem 3<sup>a</sup> do Carmo vinha fazendo a procissão de Nosso Senhor dos Passos como até poucos anos realizava desde a data da sua instituição.

Conta ainda Antonio Egidio Martins com detalhes as tradicionais procissões que ora transcrevemos: "A procissão do enterro que antigamente saía à noite da Igreja do Carmo e depois se recolhia à da Sé era também soleníssima e aparatoso; os carregadores do esquife eram sacerdotes que vestiam dalmática, tendo a cabeça coberta com amitos.

Pelas ruas, por onde era costume passar aquela procissão, os respectivos moradores iluminavam as frentes das suas casas com as tradicionais lanternas ou globos, sendo que algumas delas eram iluminadas com velas por dentro das rótulas, as quais, por ordem da Câmara Municipal, foram, em 1874, arrancadas de todas as antigas casas térreas desta capital.

A profissão do enterro, que saía da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, por causa do seu aparato, era mais concorrida do que a que saía da Sé Catedral, pois grande número de pessoas, com empenho, desejavam acompanhá-la, munidas de lanternas ou de tocheiros, e para poder obter estes, tornava-se preciso que o candidato rogasse, antes, a alguns dos irmãos da Ordem ou aos irmãos sacristães, para não esperar a distribuição geral das referidas lanternas e tocheiros, que eram, no meio de empurrões, feitas aos pretendentes, os quais, nessa ocasião, se machucavam, rasgando, alguns, as suas roupas, tal era o desejo de fazer parte do préstido.

Eis como se refere Paulo Cursino de Moura, em seu livro "São Paulo de outr'ora", sobre a Ordem Terceira do Carmo e suas tradicionais festas religiosas: "A Venerável Ordem Terceira do Carmo edificou a sua igreja, obra imperecível de benemerência

cristã, tradicionalmente e sem solução de continuidade, amparada pelo que de mais representativo existe na sociedade paulistana.

À religiosidade do Carmo, como era natural, convergiu toda a atenção do São Paulo do Segundo Império. Ali as melhores Missas cantadas, as melhores semanas santas, as melhores procissões. Em correspondência direta com a Sé e com a Igreja do Colégio, o Carmo dominou nas festividades religiosas. As procissões, principalmente as indispensáveis para o rito da Semana Santa, eram o "clou" da festa. Imponentíssimas. Concorridíssimas. Com cunho oficial, com acompanhamento da nobreza, com os andores e pálios carregados até pelo presidente da Província. A esse propósito estavam sempre na ordem do dia as ciumarias oficializadas, discutidas e apuradas em documentos públicos e pela imprensa, em que cônegos e chantres se misturavam com priores, ouvidores, corregeiros nas mais pueris contendas pelo fato de, na procissão dos Passos ou na do Enterro, o barão de tal não ter sido convenientemente, ceremoniosamente, distinguido com uma cana de pálio da sagrada relíquia.

As procissões tinham a importância e a imponência de festas nacionais. O povo em peso nas ruas. O que se faz hoje é um arremedo do que faziam os nossos avós. As ruas enfeitadas, varridas, passado o ancinho, e depois pétalas de rosa, ramos de alecrim, begônias, jasmim do imperador, magnólias perfumadas, para a passagem do Senhor. Nas casas, iluminação nas platibandas, colchas nas janelas e grades, e pelo ambiente, derramado, um indelével perfume de manjerona e de incenso. Por toda a parte, o inefável enlevo religioso, dominando, embalando os corações e santiificando as almas.

Eram comentários e preferências. O sermão da Paixão ou do Encontro, enaltecido, feito pedacinhos do Céu pela mágica oratória do pregador. O jejum quaresmal obedecido incondicionalmente. Os homens não fumavam na sexta-feira da Paixão. As matronas se abstinham de sobremesas. Alguém passava a pão e água. E não eram beatas. Estas edificantes criaturas se absorviam no mais puro sentimento de religiosidade."

Todos os anos, a 15 de outubro, realizava-se na igreja precedida de novenas, a festa de Santa Teresa de Jesus, fundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços, efetuando-se também no domingo imediato ao 15 de outubro, outra festa em honra da mesma santa, dando-se, à tarde posse à nova Mesa Administrativa que era eleita anualmente.

Hoje a Ordem Terceira já não realiza as celebres procissões, como o fazia até os anos 20 deste século; contudo mantém ainda algumas das suas tradições. O hábito já extinto pela maioria das

ordens terceiras ainda é usado pelos irmãos em todas as Missas e solenidades religiosas. A novena em honra a Nossa Senhora do Carmo, de 7 a 15 de julho e a Santa Missa no dia 16, são realizadas com todo o esplendor e solenidades do ritual antigo; a ladinha a Nossa Senhora, o "Flos Carmeli" e o "Tantum Ergo" são ainda sempre cantados em latim. Como nos tempos antigos temos sempre a satisfação de ver a igreja literalmente cheia de Irmãos Terceiros e fiéis devotos de Nossa Senhora do Carmo; mais de 3.000 pessoas receberam a Sagrada Comunhão e o escapulário ou bêntinho na Santa Missa de 16 de julho deste ano, que foi celebrada por Sua Eminência Reverendíssima Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo.

Damos a seguir a relação de alguns ilustres Irmãos Terceiros falecidos que passaram por este nosso sodalício; damos, apenas, os mais conhecidos dentre os presentes, visto que se fossemos enumerar todos seria necessário um livro especial para esse fim.

Pedro Dias Paes Leme  
 Pedro Taques de Almeida  
 Pedro Taques de Almeida Paes Leme  
 Amador Bueno da Veiga  
 Pe. Diogo Antonio Feijó  
 Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos  
 Libero Badaró  
 Brigadeiro Francisco de Paula Macedo  
 Dr. Raphael Tobias de Aguiar  
 Barão de Monte Carmelo  
 Baronesa de Monte Carmelo  
 Dr. Antonio Franco da Rocha  
 Marquês de Tres Rios  
 Brigadeiro Antonio Simplício da Silva  
 Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel  
 Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho  
 Barão de Itapetininga  
 Dr. Thomaz Luiz Alvares  
 Ana da Silva Prates  
 Conde de Prates  
 Ana Rita de Souza Pinto  
 Comendados Fidelis Nepomuceno Prates  
 Condessa de São Joaquim  
 Vincondessa de São Joaquim  
 Baronesa de São Joaquim  
 Comendador Francisco Martins de Almeida  
 Comendador Francisco de Paula Santa Barbara

Dr. Antonio Pinto Rego Freitas  
João de Souza Amaral Gurgel  
Barão de Ramalho  
Baronesa Guilhermina Ramalho  
Viscondessa de Soutello  
Cônego Eugenio Dias Leite  
Dr. Brasilio Machado de Oliveira  
Dr. Alcantara Machado de Oliveira  
Dr. Brasilio Alcantara Machado de Oliveira Neto  
Dr. Paulo Setubal  
Major Domingos Sertório  
Barão de Araraquara  
Dr. Francisco Morato  
Dr. Estevam Emerich de Rezende  
Dr. Manoel J. de Albuquerque Lins  
Conselheiro José Ignacio Gomes Guimarães  
Conde José Vicente de Azevedo  
Dr. Mario de Andrade  
Dr. Carlos Morais de Andrade  
Comendador Francisco Fortes  
Dr. Joaquim Paulino Barbosa Leite  
Vicente de Paulo Silvado Alvarenga  
Eugenio Bittencourt  
Dr. Otavio Leme Ferreira  
Dr. Alvaro de Macedo Guimarães  
Eugenia de Macedo Guimarães  
Sebastião Felix de Abreu e Castro  
Prof. Antonio Januario Pinto Ferraz  
Conde de Lara  
Condessa de Lara  
Dr. Raphael Archanjo Gurgel  
Esther do Valle Gurgel  
Dr. Adolpho Augusto Pinto  
Generosa Liberal Pinto  
Dom Gastão Liberal Pinto  
Albertina Pinto da Silva Prado  
Cel. Henrique C. de Azevedo Fagundes  
Joaquina Ramalho Pinto de Castro  
Conselheiro Manoel Duarte de Azevedo  
Baronesa de Jaguara  
Barão Raymundo Duprat  
Dr. Altino Arantes  
Brigadeiro Francisco de Paula Macedo  
Francisca Amalia de Araujo Macedo

Cap. Francisco de Assis de Araujo Macedo  
 Maria Antonia da Silva Macedo  
 Maria Fausta de Macedo Leme  
 Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme  
 Dr. Theophilo F. da Silva Leme  
 Maria da Gloria Leme de Oliveira  
 Dr. José Hildebrando da Silva Leme  
 Dr. José Sizenando de Macedo Leme  
 Maria Bernadete Leme Romeiro  
 Dr. Theophilo Maciel  
 Maria Esther Leme Maciel  
 José Luiz Leme Maciel  
 Maria Beatriz Pereira Carneiro Maciel  
 Dr. João Quartim Barbosa  
 Maria de Lourdes Leme Quartim Barbosa  
 Dr. Oswaldo Quartim Barbosa  
 Dr. Francisco de Paula Moreira Barbosa  
 Francisca Quartim Barbosa  
 Cap. Bartolomeu da Rocha Pimentel  
 Ursula Franco de Oliveira  
 José Ortiz da Rocha  
 Escolastica Bueno de Lima  
 Tte. Francisco Barbosa Ortiz  
 Maria Joaquina da Conceição  
 Cap. João José Barbosa Ortiz  
 Antonia Maria do Espírito Santo Nascimento  
 Maria Joana Ortiz Monteiro  
 José Antonio de Oliveira Monteiro  
 Comendador Dr. Raul Ortiz Monteiro  
 Maria Adelaide Leme Monteiro (D. Nenê)  
 Luiz Lopes de Figueiredo  
 Adelaide Neves de Figueiredo  
 Manoel Vicente da Costa Neves  
 Ignacio Pereira Lima  
 Dr. Americo Ferreira de Abreu  
 Maria Elisa Ferreira de Abreu Leomil  
 Maria José Ferreira de Abreu Leomil  
 Maria das Dores Ferreira de Abreu Leomil  
 Paula Ferreira de Abreu Leomil  
 Alaide de Abreu Pereira  
 Maly Ferreira de Abreu Leomil Daunt  
 Dr. Ricardo Gumbleton Daunt  
 Luiz Maria Malheiro  
 Dr. Nelson de Mello Malheiro

Dr. José Maria Whitaker  
Ministro Firmino Antonio Whitaker  
Anna da Luz Whitaker  
Desembargador Primitivo de Castro Rodrigues Sette  
Desembargador Paulo Passalacqua  
Julia Bastos Passalacqua  
Maria de Lourdes Bastos Passalacqua Frota  
Desembargador José Barbosa de Almeida  
Dr. Hildebrando Cantinho Cintra  
Dr. Manoel Pacheco Prates  
Dr. Olegario Pereira de Almeida  
Dr. José Balbino de Siqueira  
Dr. Francisco de Paula Vicente de Azevedo  
Cecilia Galvão Vicente de Azevedo  
Maria Angelina Vicente de Azevedo Franceschini  
Dr. Galeno de Revoredo Barros  
Maria Lucia Bourchard Revoredo  
Dr. Erasmo Assumpção  
Dr. Luiz Nazareno Teixeira de Assumpção  
Maria Augusta Assumpção  
Felicissima Assumpção Lara Campos  
Dr. Mario Egydio de Souza Aranha  
Condessa Amalia Ferreira Matarazzo  
Comendador Paulo Cochrane Suplicy  
Comendador Norberto João Antunes Borba  
Braulio Silva  
Noemia Sampaio e Silva  
Brigida Sampaio  
Dr. Arthur de Vasconcellos  
Maria de Vasconcellos  
Dr. Gabriel Dias da Silva  
Dr. Ismael Dias da Silva  
Maria Amelia Souza Dias da Silva  
Dr. Alfredo Pujol  
Aurea Sales Pujol  
Altamira Guedes Penteado  
Barão de Pirapitinguy  
Dr. Jayme Rosemburg  
Prof. Plinio Paulo Braga  
Lucilda Dente Camargo  
Dante Vagnotti  
Dr. Benedito de Siqueira Ferreira  
Angelica de Siqueira Ferreira  
Dr. Olavo de Siqueira Ferreira

Dr. João de Siqueira Ferreira  
Maria do Carmo Siqueira Ferreira  
Ruth Siqueira Ferreira Drumond Costa  
Dr. Oscar Drumond Costa  
Dr. Eurico Drumond Costa  
Jayme Drumond Costa  
Baronesa da Bocaina  
Dr. Pedro Augusto de Souza Lima  
Conde Afonso Celso  
Dr. Jeronimo da Cunha  
Alice Silveira da Cunha  
Julinda Cesar da Silveira  
Prof. Dr. Raul Carlos Briquet  
Dr. José Cassio de Macedo Soares  
Dr. José de Mello Franco  
Dr. José Passalacqua Botelho  
Dr. José Queiroz Aranha  
Monsenhor João Baptista de Carvalho  
Dr. João Baptista Pereira dos Santos  
Monsenhor Deusdedit de Araujo Silva  
João Evangelista de Rego Freitas  
Dr. Julio Ferreira Leite  
Dr. Antonio de Araujo Novaes  
Dr. Luiz Silveira  
Dr. Luiz Porto Moretzsohn de Castro  
Dr. Mario J. Lacombe  
Mario Reys  
Dr. Mucio de Oliveira Costa  
Angelina Gonçalves Dente  
Augusta Andrade Leopoldo e Silva  
Dr. Otavio Fagundes  
Dr. Oliverio Pilar Mattos  
Dr. Orlando Ferreira da Rosa  
Dr. Ottonio de Vasconcellos Camargo  
Dr. Paulo Barbosa Ervedal  
Dom Paulo de Tarso Santos  
Dr. Ricardo Guimarães  
Dr. Theophilo Pagé de Souza Carvalho  
Dr. Virgilio dos Santos Magno  
Maria Augusta de Assumpção  
Felicissima de Assumpção Lara  
Carlota Borges Sampaio Vidal  
Margarida Galvão Correa  
Dr. Nilo Bresser da Silveira

Julieta Magalhães Silveira  
Dalila Barroso de Souza  
Maria Dulce Nogueira Garcez  
Mathilde de Macedo Soares  
Noemy Azevedo Villares  
Olga Paiva Meira  
Theodora Bayma de Carvalho  
Viscondessa Teresa da Cunha Bueno  
Virginia Dupré  
Dr. Ácacio de Araujo  
Comendador Pedro de Magalhães Machado  
Cassio Quartim Pereira Lima  
Antonio Bernardo Quartim  
João Ignácio Pereira Lima  
Anna B. Quartim Lima  
Dr. Antonio Araujo de Novais Junior  
Iria Mota e Silva Novais  
Liliana Novais Carvalho Pinto  
Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello Filho  
Antonio Ildefonso da Silva Junior  
Antonio Proost Rodovalho Junior  
Dr. Arlindo de Carvalho Pinto  
Dr. Arthur Guimarães Junior  
Dom Benedito Alves de Souza  
Dr. Bento Ezequiel de Saes  
Dr. Cicero Bastos  
Dr. David Vargas Cavalheiro  
Dr. Edgard de Souza  
Dr. Decio de Toledo Leite  
Dr. Eduardo Prattes da Fonseca  
Dr. Erasmo de Assumpção  
Dr. Erasmo de Assumpção Junior  
Dr. Felipe Nery de Siqueira e Silva  
Dr. Fernando Behn Aguiar  
Francisco Alves  
Dom Francisco de Campos Barreto  
Garcia de Moraes Forjaz  
Dr. Heitor Gualberto de Oliveira  
Dr. José Antonio Pereira dos Santos  
Dr. João Baptista de Alencar  
Adelaide Ribeiro  
José Ribeiro  
Antonio Ribeiro  
Cesar Seppi

Maria Seppi  
 Octavio Seppi  
 Dr. Jorge Flaquer  
 Dr. João Lelis Vieira  
 Joaquim Cosme Pedroso  
 Silvia Guimarães Pedroso  
 Pedro de Paula Leite  
 Maria Candida de Camargo Leite  
 Cornelia de Paula Leite Lara  
 Maria Paula Leite de Moraes  
 Elvira de Castro Fontoura  
 Escolástica Cintra Homem de Mello  
 Isaltina Leopoldo Vieira  
 Barão de Ataliba Nogueira  
 Baronesa de Ataliba Nogueira  
 Hilda Carneiro Rodrigues Alves  
 Hilda Salles de Oliveira  
 Eurydice de Azevedo Marques  
 Florinda Soares de Mello  
 José Vitor Bucione  
 Herminia Rosa Bucione  
 Dr. Galileu Ferreira Cintra  
 Vicente de Paulo Silva do Alvarenga  
 Leonor de Araujo Ferreira Cintra de Barros  
 Francisca L. de Araujo Cintra.

Pela presente relação de alguns irmãos da Ordem Terceira do Carmo, os senhores leitores verificaram que, como bem afirmaram Raimundo de Menezes, Affonso Taunay, Paulo Cursino de Moura e outros historiadores, "pelo Carmo passaram as figuras mais destacadas, os homens da mais alta projeção, os velhos e integros paulistas, vivendo sempre dirigido e amparado pelo que de mais representativo existia na sociedade paulistana". Pedro Dias Pais Leme, Pedro Taques de Almeida, Pedro Taques de Almeida Pais Leme, Amador Bueno da Veiga, Brigadeiro Francisco de Paula Macedo, Luiz Gonzaga da Silva Leme, Paulo Setubal, Brasílio Machado, Alcantara Machado, Barão Raymundo Duprat, Américo Ferreira de Abreu, Dom Francisco de Campos Barreto, Monsenhor João Deusdedit de Araujo Silva, Monsenhor João Baptista de Carvalho, Mario de Andrade, Firmino Whitaker, Francisco Morato, Estevam E. de Rezende, Pacheco Prates, Pinto Ferraz, Galeno de Revoredo, Raul Briquet e tantos outros merecem, sem dúvida alguma, capítulos especiais com suas biografias; estas, porém, tornariam por demais extenso este livro; fá-lo-emos em outro que será brevemente editado.

## CAPÍTULO V

### A IGREJA DO CARMO

**D**entre os templos de São Paulo, um existe que merece, sem dúvida alguma, toda a nossa veneração especial. A vetusta Igreja da Avenida Rangel Pestana, contando 345 anos de existência, presidiu a vida, o crescimento, a grandeza e a prosperidade da nossa cidade, metrópole soberba e magnífica. Ela é um documento autêntico de piedade e de religião dos nossos antepassados, que significa o sentimento religioso de nossa gente e valoriza o nosso patrimônio histórico; bem representa os traços, a fisionomia e a fé cristã dos nossos maiores, concretizados para a posteridade.

Nas suas paredes argamassadas pelos suores dos cristãos fiéis, estão incrustadas preces que ainda falam a Deus, dia e noite. Nas suas linhas entrelaçam-se a arte, o engenho, o encanto que lhe dão o relevo da estética. Cheia de nobrezas e de altos brasões é a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, conhecida simplesmente como Igreja do Carmo.

Ela é a mais perfeita e lídima expressão arquitetônica do estilo colonial e da arquitetura barroca; é a mais legítima expressão da religião católica; nasceu na fé, e na fé se inspirou; é uma das poucas reminiscências da grandeza e do fausto de São Paulo antiga; é uma riqueza do nosso paupérrimo patrimônio artístico.

A Igreja do Carmo é o retrato de uma fase da vida de São Paulo ligada historicamente à formação da cidade. Ela assistiu aos desdobramentos da sua pujança e figurou com o maior destaque em todos os acontecimentos e em todas as vicissitudes por que passou esta cidade fundada por Manoel da Nóbrega. Nela celebraram-se pomposamente os diversos episódios do primeiro e segundo Impérios e da República. Os seus sinos repicaram festivamente na Independência do Brasil e na Proclamação da República.

No dia da proclamação da Independência foi visitada por D. Pedro I.

No dia 12 de abril de 1846 recebeu com deslumbrantes solenidades o Imperador do Brasil, D. Pedro II, e a Imperatriz D. Thereza Christina; as poltronas em que eles se sentaram estão até hoje guardadas no Salão Nobre como preciosa relíquia.

Nela foram sepultados os fundadores da Ordem, bandeirantes, Pedro Dias Pais Leme, Pedro Taques de Almeida, Brigadeiro Francisco de Paula Macedo, Padre Diogo Feijó, Libero Badaró e muitos outros ilustres Irmãos Terceiros do Carmo.

Nela celebraram-se as mais célebres e empolgantes novenas, tríduos e festas religiosas; dela saíram as conhecidas procissões que tinham a importância e a imponência de festas nacionais às quais o povo acorria com fervor e patriotismo.

A sua construção teve início no ano de 1632, ao lado da Igreja do Carmo dos Padres Carmelitas, na Esplanada do Carmo, depois do Largo do Carmo, hoje Avenida Rangel Pestana. Reinau gloriosamente o Santo Padre Urbano VIII; D. Felipe III (IV da Espanha), era, então, Rei de Portugal. Segundo a História, foi construída em poucos anos graças às generosas contribuições dos primeiros irmãos da nossa Ordem.

Descrever a impressão que causa esse grande templo e as suas belezas é tarefa assaz difícil e só as fotografias podem prestar valioso auxílio, como as que inserimos neste histórico.

Na fachada principal, de muita simplicidade, vê-se um ático composto por um frontão revoluteado barroco, tendo ao centro o emblema da Ordem 3<sup>a</sup> do Carmo em alto relevo sobreposto a uma envassadura; encimando o ático uma cruz de granito flanqueada por dois coruchéus.

É soberbo de magnificência o altar-mor barroco de grande valor pela elegância das formas, severidade das linhas, beleza e sobriedade nos ornatos, perfeição e harmonia em todas as suas partes, erguendo-se numa ascenção para o céu, onde está entronizada a Padroeira do Carmo; garnecido por duas colunas de cada lado, com suas bases, fustes e capitéis cheios de lavores, entre elas estão incrustados os nichos que sustentam as imagens dos grandes santos carmelitanos São João da Cruz e Santa Teresa; salienta-se bem ao alto o emblema da Ordem Carmelitana, magnificamente decorado; o barroco exaltado pelos entalhes dourados apresenta uma elegância incomparável; suas linhas estilizadas traduzem toda a veneração dos fiéis e dão uma característica especial às solenidades do culto.

A capela-mor é separada da nave por um arco em semi-círculo que sustenta riquíssima sanefa notável pela exuberância de-

corativa, em cujo centro está afixado o emblema da Ordem Carmelitana, simbolizando as suas belezas místicas e espirituais; pintados a ouro os seguintes dizeres: "IN HONOREM BEATISSIMAE VIRGINIS MARIAE DE MONTE CARMELO".

Magníficos são os sete altares laterais que se erguem sob a nave, trabalhos de insignes artistas, dedicados à Paixão de Jesus Cristo, com as respectivas imagens representando a partir do lado direito: 1º, JESUS NO HORTO; 2º, JESUS NA PRISÃO; 3º, JESUS ATADO À COLUNA; 4º, JESUS COROADO DE ESPINHOS; 5º, ECCE HOMO; 6º, JESUS COM A CRUZ ÀS COSTAS; 7º, JESUS NO CALVÁRIO. Este último altar foi mandado construir em 1684, e oferecido pelo Irmão Terceiro Pedro Taques de Almeida, Capitão-mor e Governador da Província de São Paulo; em 1803 foi retirado e colocado no Consistório, permanecendo somente a cruz. Em 1886 foi retirado do Consistório e instalado na Capela do Cemitério, onde hoje se encontra.

Cortados em preciosa madeira erguem-se os dois púlpitos — as tribunas sagradas; ostentam finos lavores nos relevos; nelas pregaram os grandes oradores sacros Monsenhor Camilo Passalacqua, Pe. Julio Maria, Frei Francisco Mont'Alverne, Pe. Luiz Gonzaga Cabral S. J., Pe. João Gualberto, Pe. José Danti S. J., Pe. Madureira S. J., Pe. Arlindo Vieira S. J., Pe. Mestre Peres, Pe. Bernardo Cabrita, D. Sebastião Leme, D. Lino Deodato de Carvalho, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, D. José Camargo Barros, D. Duarte Leopoldo e Silva, D. Jayme de Barros Camara, D. José Gaspar Afonseca, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, D. Paulo de Tarso Santos, D. Gastão Liberal Pinto, D. Agnello Rossi, Monsenhor Manfredo Leite, D. Paulo Evaristo Arns e outros notáveis pregadores da Igreja.

Ilustra o forro pomposo e exuberante da capela-mor belíssima pintura de Pedro Alexandrino (1730-1810) executada em 1760 pelo genial artista, simbolizando a condecoração de Santa Teresa com um colar de rosas pela Virgem Maria e seu Divino Filho. O forro da nave guarda cumentamente a pintura dos quatro Evangelistas, dos Doutores da Igreja e dos Santos da Ordem Carmelitana, feita em 1798 pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo ... (1764-1818), que é inegavelmente um quadro dos mais lindos da arte pictórica brasileira. O painel central da nave foi pintado em 1899, por Pedro Alexandrino, o Moço (1860-1941).

Releva notar a beleza das doze tribunas com as respectivas sanefas e balaustres lavrados em nogueira, caprichosamente tallados e cinzelados por mãos de exímios artistas, e os vitrais evocando Nossa Senhora do Carmo, Santa Teresa e São João da Cruz.

Expostas à veneração dos fiéis, encontram-se assentados em nichos encimados por ricas sanefas as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Santo Antônio, São Vicente de Paulo, São José, São Judas Tadeu, Santa Teresinha, São João Evangelista e Nossa Senhora das Dores.

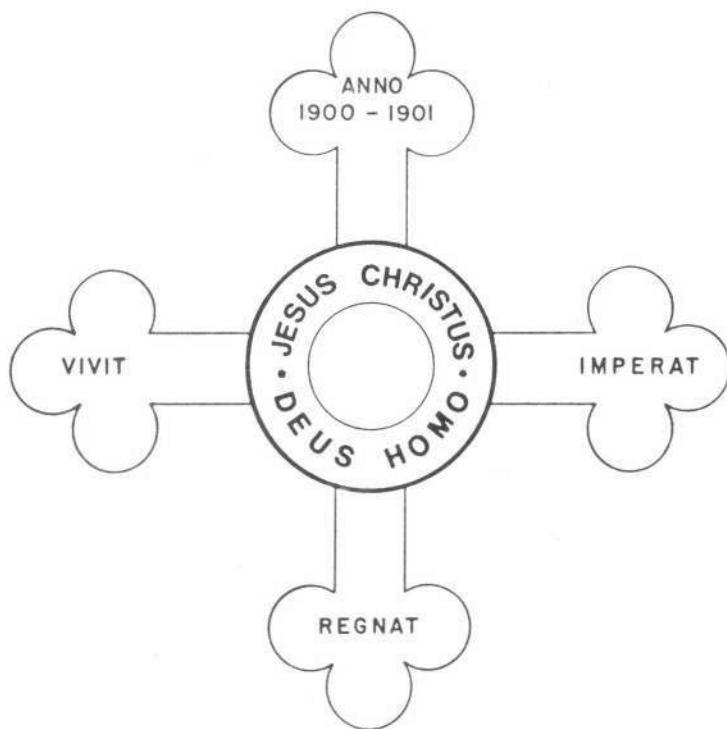
O portal e as portas internas, solenes, majestosas, o cadeiral e todas as cadeiras do Salão Nobre, são lavradas no nobre e aristocrático jacarandá da Bahia. O pavimento é parte do mesmo jacarandá e parte de mármore.

Na entrada do templo está assentado, na parte superior, um grande órgão.

O altar-mor, os altares laterais, os balaústres estão todos encimados por artísticas sanefas talhadas em madeira e revestidas com folhas de ouro. Belíssima é a lâmpada grande artisticamente lavrada em prata, suspensa entre o altar-mor e a nave central.

Ornam ainda sobremaneira a Igreja onze luminárias de bronze, três grandes lampadários, castiçais, candelabros, credências, crucifixos e mobiliários trabalhados a mão e de grande valor artístico.

Nas paredes vêem-se incrustadas três lápides comemorativas lavradas em mármore; uma em forma de cruz referente à passagem do século, que se acha na parte interna, ao lado direito, sob o púlpito, conforme segue:



outra que se acha na parede ao lado direito do portal, com os seguintes dizeres em língua latina que traduzimos:

"Para perpétua memória do 601º aniversário, que se passa felizmente neste ano, da Aparição de Maria Santíssima Virgem e Mãe, entregando a S. Simão Stock o sagrado Escapulário Carmelitano, como sinal de sua celestial predileção para com os que o trazem piedosa e devotadamente; os Terceiros da Ordem Carmelitana desta Cidade de São Paulo, jubilosos e em ação de graças, colocaram esta Lápide, no ano do Senhor, de 1901, no dia 16 de julho."

Outra que se acha na parede ao lado esquerdo do portal, com os seguintes dizeres em latim, cuja tradução é a seguinte:

"Para perpétua memória de todas as solenidades que, durante o ano jubilar, 50º da definição dogmática da Conceição da Santíssima Virgem Maria, celebramos pia e devotamente, nesta Igreja, com grande concurso de fiéis, e os sufrágios pelas almas da Conceição da mesma Mãe de Deus e também dos Sumos Pontífices Pio IX e Leão XIII, com todo o coração e com ânimo filial, esta Lápide. Em S. Paulo, 10 de dezembro de 1904."

Os forros da sacristia e da biblioteca ostentam orgulhosamente pinturas de José Patrício da Silva Manso e do Padre Jesuíno, representando respectivamente o recolhimento de Santa Teresa e a Ressurreição de Lázaro.

No corredor lateral da igreja estão afixados 19 quadros representando a vida de Santa Teresa, de autoria do mesmo Padre Jesuíno, pintados na primeira década do século XIX.

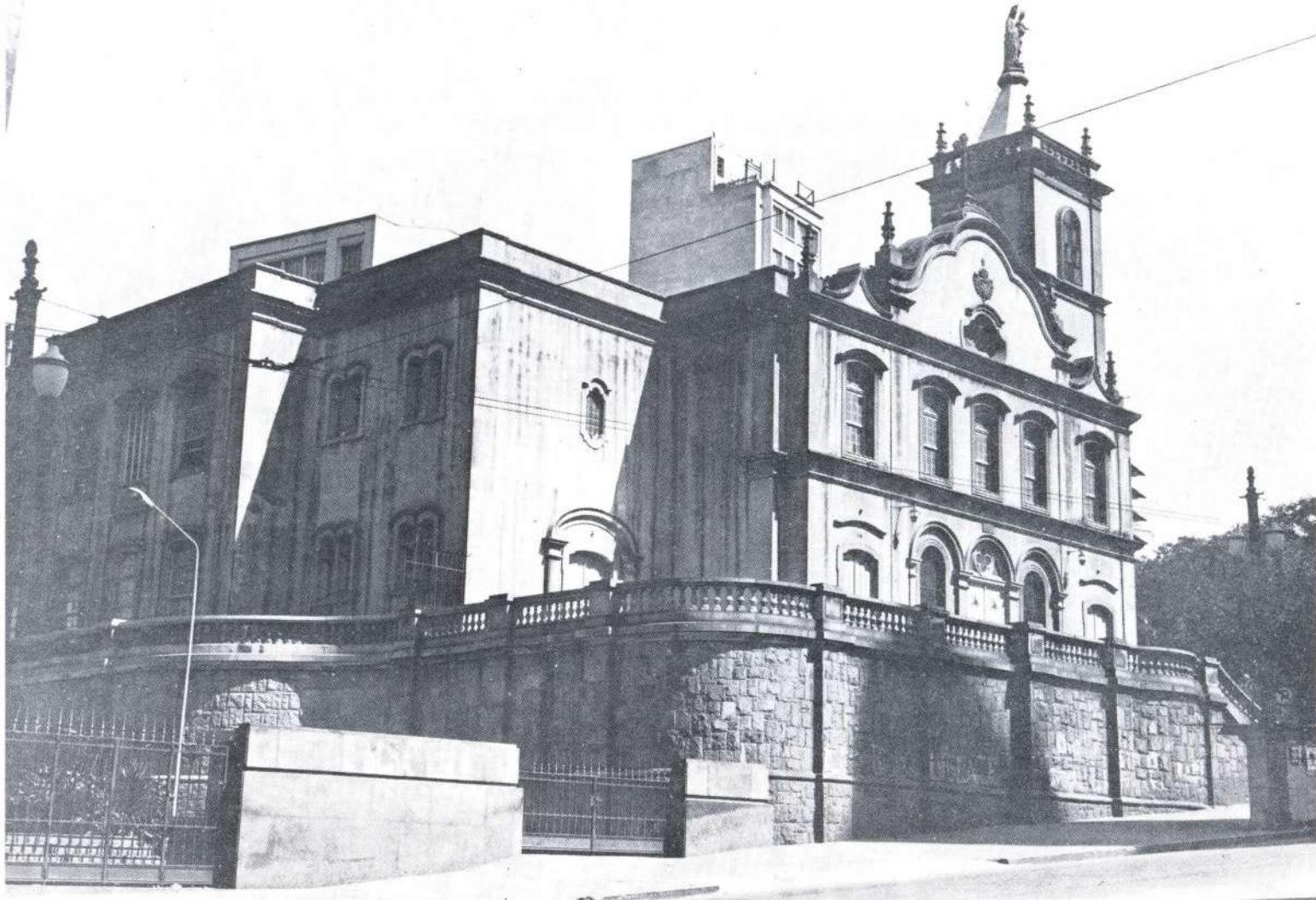
Na quietude da cripta, situada sob a sala da biblioteca, descansam os restos mortais de 51 irmãos falecidos até o ano de 1858,

e dos saudosos Diretores Espirituais Monsenhor Dr. Camilo Pas-  
salacqua e Monsenhor Manfredo Leite para lá transladados a 12  
de junho de 1976.

A torre deste maravilhoso templo de Deus sobe para o azul  
do firmamento e dentro dela estão os sinos de bronze doados por  
irmãos terceiros, chamando a cidade para o culto divino.

A opulência paulista está largamente representada nesta igreja  
a dominar a cidade tumultuosa que se vai pejando de arranha-céus.

Eis, nestas poucas linhas, a descrição desse maravilhoso tem-  
plo, patrimônio da história, de arte e de fé, tombado pelo Instituto  
do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que nós, terceiros  
carmelitas, humildes servos de Deus, o conservamos carinhosa-  
mente desde 1632 com os nossos recursos próprios, sem ajuda  
de quem quer que seja, para mostrar ao Brasil e à cristandade  
nossos foros de crença três vezes secular, e dizer à geração de  
agora e às gerações futuras que o segredo propulsor da grandeza  
do nosso sodalício descansa na brasa da nossa fé em Deus e crença  
na Igreja Católica para a qual sempre trabalhamos e continuare-  
mos a trabalhar sem cessar.



Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo, na avenida Rangel Pestana, n.<sup>º</sup> 230, hoje cercada por arranha-céus. Foto de 1975.



Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo, na avenida Rangel Pestana, n.<sup>º</sup> 230; vêem-se à esquerda os fundos do Colégio do Carmo, desapropriado pelo Metrô e demolido em 1976. Foto de 1975.



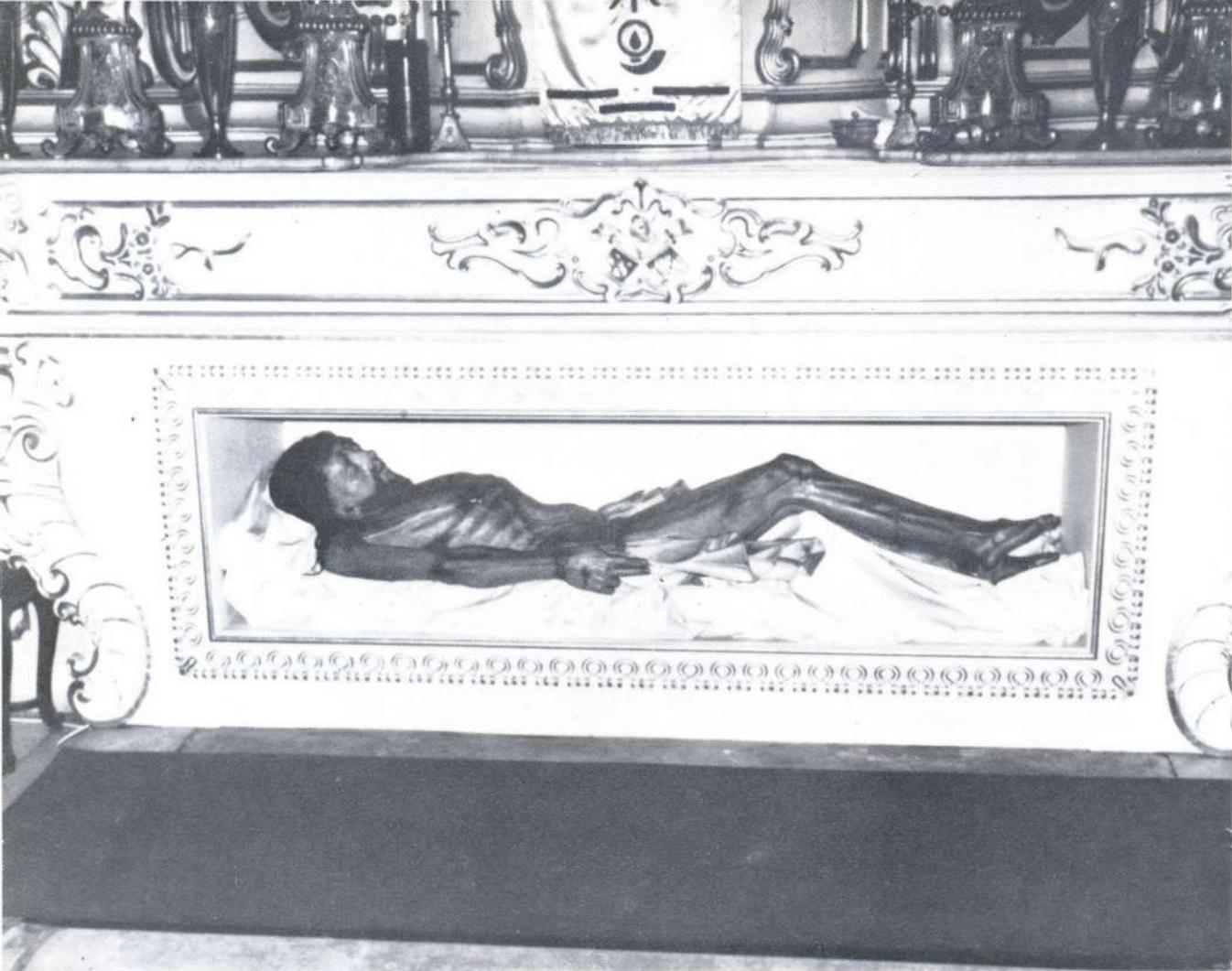
Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo. Terceiros Carmelitas revestidos de seus hábitos, assistindo à Missa. Foto de 1975.



Terceiros Carmelitas na capela-mor da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo; na frente vê-se o Diretor Espiritual da Ordem, Cônego José Pascoal Christofaro. Foto de 1975.



Painel do forro da capela-mor da Igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, pintado em 1760 pelo genial artista Pedro Alexandrino (1730-1810), simbolizando a entrega de um colar de rosas a Santa Teresa, pela Virgem Maria e seu Divino Filho.



Impressionante imagem do Senhor da Agonia. Chegou de Lisboa no mês de abril de 1735, com todo o seu esplendor. Entrou na Igreja do Carmo, trazida triunfalmente pelos Terceiros Carmelitas. Foi carregada sob o pálio nas memoráveis procissões da Ordem. Essa belíssima imagem está até hoje colocada no nicho do altar da capela-mor da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo.



Nave da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo; o forro foi pintado pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo, em 1798; o painel central é de autoria de Pedro Alexandrino, o Moço (1860—1941), datado de 1899.



Interior da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo. Os sete altares laterais da nave são dedicados à Paixão de Jesus Cristo, com as respectivas imagens representando: 1.<sup>º</sup>, Jesus no Horto; 2.<sup>º</sup>, Jesus na prisão; 3.<sup>º</sup>, Jesus atado à coluna; 4.<sup>º</sup>, Jesus coroado de espinhos; 5.<sup>º</sup>, Ecce Homo; 6.<sup>º</sup>, Jesus com a cruz nas costas; 7.<sup>º</sup>, Jesus no Calvário. Essas imagens eram transportadas ao ombro pelos Irmãos Terceiros, nas memoráveis procissões que tiveram início em 1681, e foram realizadas até a 2.<sup>a</sup> década do século XX.



Detalhes do forro da nave da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo, pintado em 1798 pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo; o painel central foi pintado em 1899 por Pedro Alexandrino, o Moço (1860—1841).



Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo,  
pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo (1798).



Os quatro Evangelistas; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo (1798).



Santas da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo (1798).



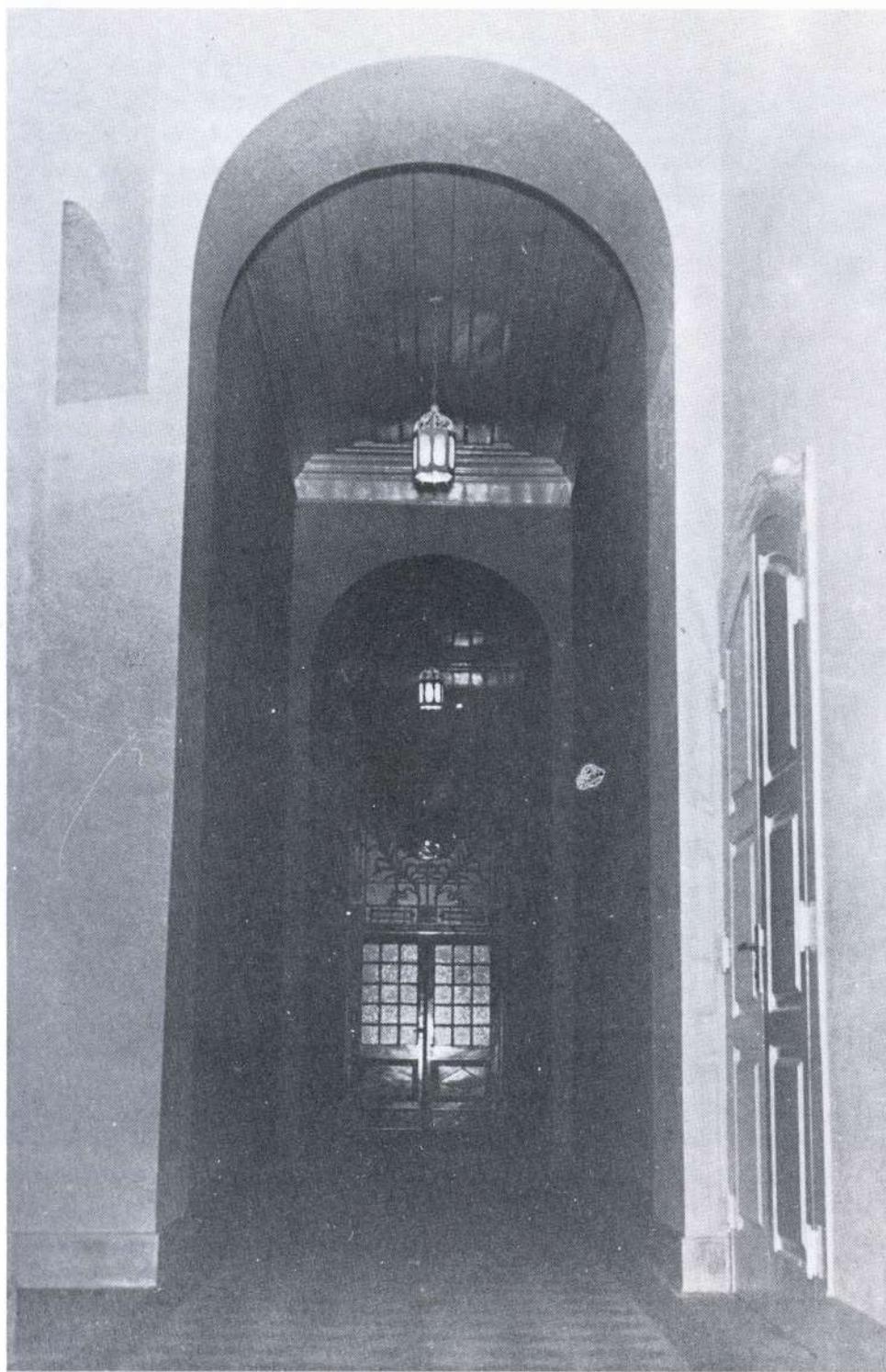
Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo. (1798).



Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo. (1798).



Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo. (1798).



Corredor da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo, que dá acesso à Sacristia e às demais dependências da parte lateral.

## CAPÍTULO VI

### REFORMAS DA IGREJA DO CARMO

*H*istoriadores referem-se a miude às reformas da Igreja do Carmo; mas, por mais estranho que pareça, nenhum esclareceu em que consistiram essas reformas, citando unicamente os anos em que teriam sido feitas.

Queremos de uma vez por todas deixar bem claro em que consistiram as reformas; para tanto vamos preliminarmente descrever a Igreja e suas dependências, visto que a Igreja propriamente dita ocupa apenas um terço da área de toda a construção que se chama Igreja do Carmo.

O altar-mor, a nave e a sacristia compõem o corpo da Igreja propriamente dita, com a porta principal de entrada pela Avenida Rangel Pestana.

As suas dependências com área de construção muito maior que a própria Igreja são: dois corredores laterais; um do lado direito que dá para a rua do Carmo, outro do lado esquerdo que confina com o prédio da Secretaria da Fazenda; o corpo do lado esquerdo, com entrada pela Avenida Rangel Pestana, n. 230, contém um pequeno "hall", sala onde funciona o Ambulatório Nossa Senhora do Carmo, um grande salão de vestiário dos Irmãos, sala do café, e o salão da "Biblioteca Monsenhor Passalacqua", e mais um pequeno quarto; no sub-solo a cripta. No andar superior existe um "hall", sala da Secretaria, sala da Tesouraria, Salão Nobre e mais um grande "hall" que dá acesso ao Consistório e finalmente dois quartos grandes e mais um pequeno no sótão. Pelas fotos e planta anexas poder-se-á ter uma idéia precisa sobre a Igreja do Carmo.

A sacristia e o corredor que davam para a rua do Carmo sofreram redução, ficando apenas o atual depósito, como se infere pela escritura de compra e venda, lavrada aos 27 de abril de 1911, a

folhas 44 do livro n. 75 do Tabelionato Pompeu de Toledo, Sexto Tabelião de Notas da Comarca; por esta escritura o então Prior Doutor Adolpho Augusto Pinto, devidamente autorizado por deliberação da Mesa Conjunta (Assembléia Geral) tomada em sessão do dia 9 do mesmo mês, "vendeu à Câmara Municipal de São Paulo uma faixa de terreno do edifício da igreja, ao longo da rua da Boa Morte (hoje rua do Carmo), necessária para a retificação do alinhamento desta rua, que confronta pela frente com o atual alinhamento da igreja e do prédio anexo, pelos fundos com o novo alinhamento que, partindo do canto do largo do Carmo com a rua da Boa Morte, vai encontrar a linha da frente dos prédios desta rua, que estão no seu alinhamento definitivo, pelo extremo lateral do referido prédio do ginásio com a rua da Boa Morte, onde há um recanto, não interessando a área ora adquirida à torre, nem à nave da Igreja"; a Câmara Municipal de São Paulo foi representada pelo então Prefeito de São Paulo, Barão Raymundo Duprat, que pagou pela desapropriação Rs. .... 100:000\$000 (cem contos de réis); o Barão Raymundo Duprat era também Irmão Terceiro do Carmo.

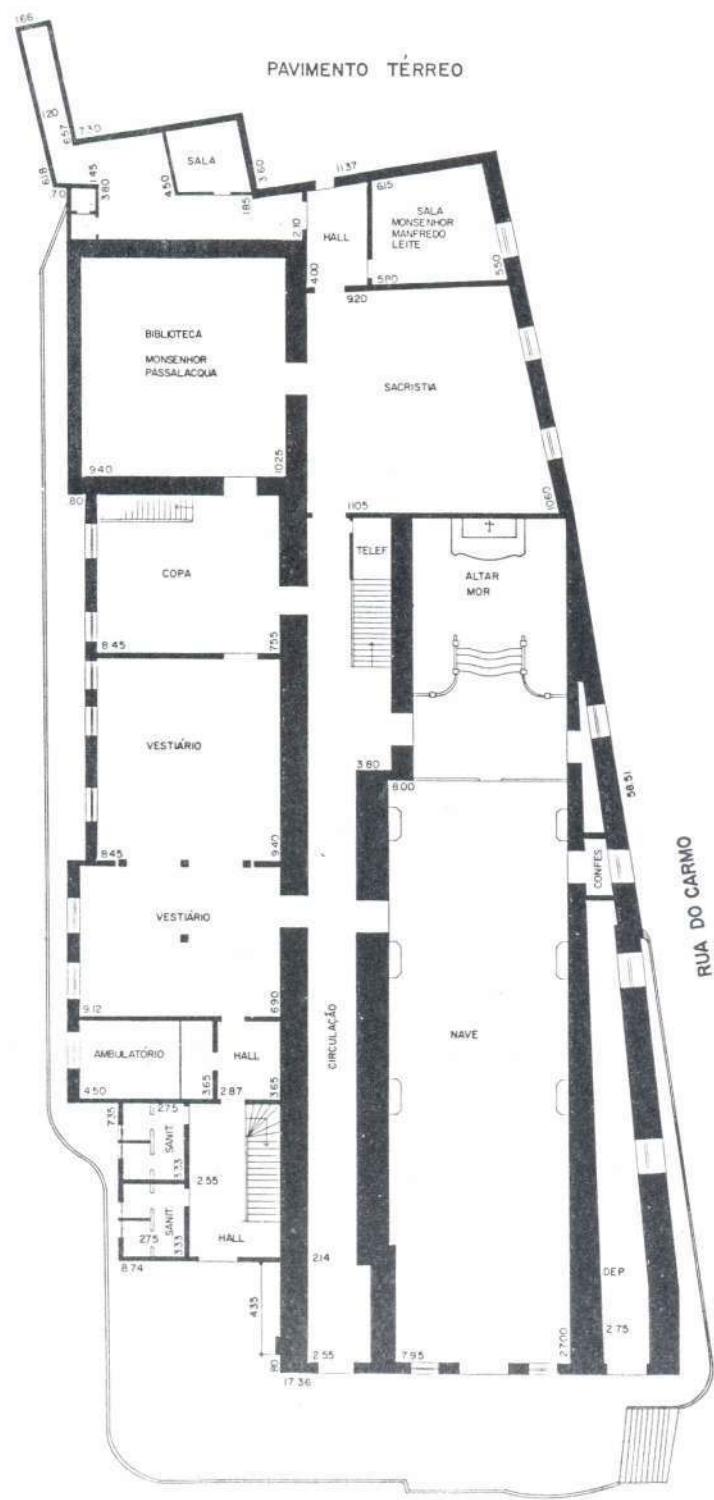
Nas fotografias antigas e atuais da Igreja que ilustram este capítulo nota-se visivelmente a redução da sacristia e do corredor que ficou sendo o atual depósito.

Após a demolição do nosso vizinho, o antigo Convento do Carmo, a parte lateral de nossa igreja que com ele confinava, ou seja, a parte hoje ocupada pelo ambulatório, salão de vestiário, a sala da "Biblioteca Monsenhor Passalacqua", e mais a área correspondente na parte superior, achava-se, em 1958, ameaçada de ruir, em consequência das obras do edifício da Secretaria da Fazenda do Estado que abalaram profundamente não só essa parte como também a estrutura geral da Igreja que chegou a sofrer ligeira inclinação e inúmeras rachaduras, ao ponto de serem necessários serviços urgentes de estaqueamento e amarração, cujo custo atingiu naquela época a cinco milhões de cruzeiros. Eram inadiáveis os serviços de restauração dessa parte; resolveu então a Mesa Administrativa entregar os trabalhos de reconstrução dessa parte lateral ao famoso professor, Dr. Luiz de Anhaia Mello, que procedeu à demolição e reconstruiu totalmente essa parte lateral, não atingindo sequer o corredor e menos ainda o corpo da igreja. O custo final dessas obras foi de Cr\$ 30.180.472,60.

Concluímos deixando bem claro que a Igreja teve apenas as seguintes reformas: no local onde estavam colocados os sinos foi levantada, em 1900, a atual torre. Das três portas com grade, existentes na entrada, foi mantida somente a central, e trocadas

as grades de ferro pela atual porta de madeira; as duas portas laterais foram transformadas nas atuais janelas. No ano de 1924 o piso da Igreja foi reconstruído em toda a sua extensão, parte em mármore e parte em madeira; e sempre foram feitos os serviços próprios de manutenção do madeiramento e da pintura, sem nenhuma alteração na estrutura e nos ornatos, conservando-se, portanto, a Igreja do Carmo, na sua integridade desde a sua fundação.

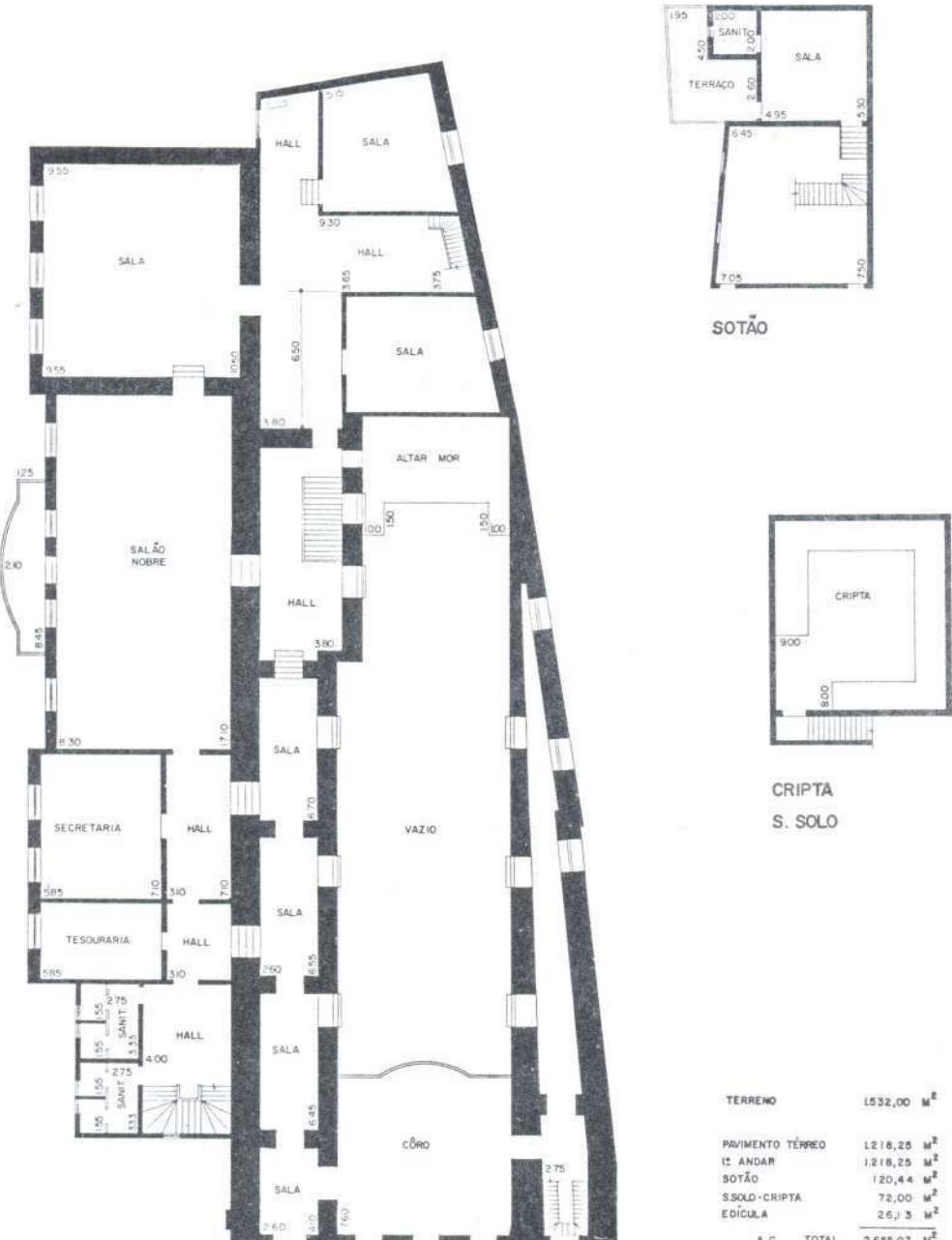
SECRETARIA DA FAZENDA



AV. RANGEL PESTANA

Planta da Igreja do Carmo, da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo.

1º ANDAR

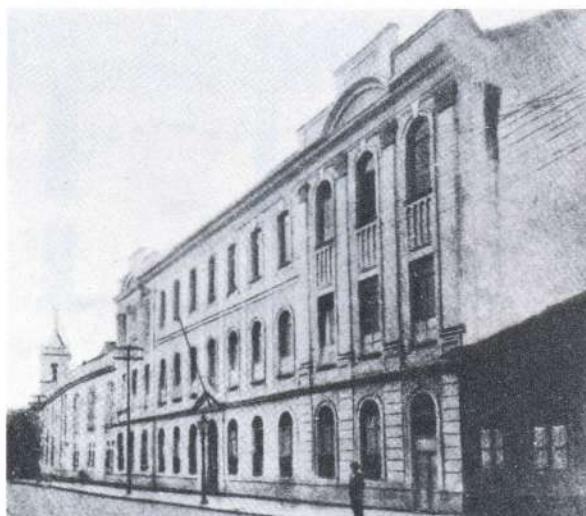


Planta da Igreja do Carmo, da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo.



Situação em que se encontravam o corredor e a sacristia da Igreja do Carmo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo, avançados sobre a rua da Boa Morte, hoje rua do Carmo; uma pequena faixa de ambos foi vendida à Câmara Municipal de São Paulo em 27.04.1911, para o indispensável alargamento da rua, que ficou depois na situação em que se vê nas fotos abaixo, e como se encontra até hoje. Foto de 1900.

Fotos da Igreja do Carmo e do Colégio do Carmo, tiradas no dia 1.<sup>º</sup> de dezembro de 1912, por ocasião da inauguração do colégio, na qual se vê a rua da Boa Morte já alargada, hoje rua do Carmo.



## CAPÍTULO VII

### COMISSÁRIOS DA ORDEM 3.<sup>a</sup> DO CARMO DESDE 1856

**C**omissário era o antigo nome do sacerdote diretor espiritual dos Irmãos Terceiros; esse nome foi sempre consagrado em todos os estatutos das Ordens Terceiras Carmelitanas do Brasil. A nossa Ordem Terceira adotou o nome de Comissário até o ano de 1957, quando por determinação da Regra Carmelitana passou a chamar-se Padre Diretor, em uso até hoje.

Damos a seguir os nomes dos Diretores Espirituais da Ordem somente a partir de 1856, pois os anteriores são desconhecidos dentre os presentes.

#### Padre ANTONIO DE ARAUJO MUNIZ — 1856/1871

Em 11 de agosto de 1856, o Pe. Antonio de Araujo Muniz foi nomeado Comissário da Ordem por três anos, pelo Frei Antonio Inácio do Coração de Jesus. Ao terminar o seu mandato, a Mesa Administrativa, na sessão de 31 de outubro de 1859, resolreu aprovar a continuidade do Padre Comissário por tempo indeterminado, motivo pelo qual exerceu suas funções até 1871.

#### Frei MANOEL DA ASCENÇÃO FRANCO — 1871/1873

Em 10 de dezembro de 1871, Monsenhor Felix Maria de Freitas e Albuquerque, Visitador Apostólico, assinou a patente de Comissário a favor de Frei Manoel da Ascenção Franco.

#### Cônego JERONIMO PEDROSO DE BARROS — 1873/1875

Em 18 de novembro de 1873, o então Comissário, Frei Manoel da Ascenção Franco, escreveu à Ordem comunicando não mais poder continuar a exercer as suas funções, por estar ocupando as de Conventual no Convento do Carmo do Rio de Janeiro;

diante disso a Mesa Administrativa confirmou o Subcomissário Cônego Jeronimo Pedroso de Barros, no cargo de Comissário interino, no qual permaneceu até 1875.

*Padre ANTONIO JOAQUIM DE SANT'ANA — 1875/1881*

Em 24 de julho de 1875, foi concedida a patente de Comissário ao Padre Antonio Joaquim de Sant'ana, que exerceu o cargo até 1881.

*Cônego ANTONIO GUIMARÃES BARROSO — 1881/1890*

A 8 de maio de 1881 foi empossado no cargo de Comissário, por ordem do visitador Apostólico, o Cônego Antonio Guimarães Barroso.

Digno de destaque foi o fato de que no dia 26 de novembro do mesmo ano, o Santo Padre, o Papa Leão XIII, submeteu todas as ordens religiosas aos Bispos do lugar — “ordinarii loci”.

*Cônego VICENTE DE MELLO CESAR — 1890/1892*

Em 30 de novembro de 1890, exonerou-se o Cônego Antonio Guimarães Barroso, assumindo o cargo de Comissário o Cônego Vicente de Mello Cesar, ocupando-o até 1892.

*Monsenhor Doutor CAMILO PASSALACQUA — 1892/1920*

Em 29 de fevereiro de 1892, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho nomeou o então Padre Doutor Camilo Passalacqua Comissário da Ordem, cargo que exerceu até o seu falecimento ocorrido em 12 de junho de 1920; no dia seguinte o Pe. Bernardo Cabrita, Subcomissário da Ordem, foi nomeado Comissário pelo Cônego Dr. João Martins Ladeira, Chanceler do Arcebispado, até que tomasse posse o novo Comissário que deveria ser nomeado.

*Monsenhor MANFREDO LEITE — 1920/1969*

No dia 25 de julho do mesmo ano de 1920, Dom Duarte Leopoldo e Silva nomeou Comissário o então Cônego Manfredo Leite, que dirigiu o Sodalício até 18 de março de 1969, quando faleceu.

*Cônego JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO — 1969*

Com o falecimento do Monsenhor Manfredo Leite, o Cônego José Pascoal Christofaro, então Subdiretor, assumiu interinamente o cargo de Padre Diretor na forma do artigo 13 do Estatuto. Na reunião extraordinária de 23 de março a Mesa Administrativa in-

dicou ao Frei Angelino Wissink, Provincial Carmelitano e a Sua Eminência Dom Agnelo Rossi, DD. Cardeal Arcebispo de São Paulo, o nome do Cônego José Pascoal Christofaro, um dos vultos proeminentes do clero paulista, que como Subdiretor já vinha dedicando um carinho inexcedível à nossa Ordem, conquistando a amizade e a estima de todos.

Em conformidade com o disposto nos artigos 11 e 12 do Estatuto que rege a nossa Ordem, o Revmo. Provincial Carmelitano expediu em 27 de março o decreto de nomeação, que foi confirmado, no dia 29, por Sua Eminência o Cardeal Dom Agnelo Rossi.

No dia 30 de março, o Cônego José Pascoal Christofaro, em sessão extraordinária da Mesa Administrativa, tomou posse solene do cargo de Padre Diretor da Ordem Terceira do Carmo, à testa do qual se encontra até hoje.

## CAPÍTULO VIII

### CÔNEGO JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO

O saudoso Monsenhor Manfredo Leite foi sucedido a 19 de Março de 1969 pelo então Padre Subdiretor, Cônego José Pascoal Christofaro. De tal forma ele se identificara com o Monsenhor Manfredo Leite, que os dois dignos Ministros do Evangelho, como os primeiros cristãos, pareciam um só coração e uma só alma. Durante os dez anos em que trabalharam sempre juntos, sem ter havido entre eles o menor atrito, a mínima dissensão, puderam realizar os ideais religiosos da Ordem.

O Cônego Christofaro conta na Ordem Terceira do Carmo um amigo em cada Irmão, tem atraído em torno de si simpatia e conquistado boas amizades. É que o zeloso Ministro de Deus, vem-se impondo pelo talento, pelas virtudes, ilustração pouco vulgar, e sobretudo, pela distinção de maneiras que a todos cativam à primeira vista.

S. Excia. Revma. é um espirito privilegiado, e de grande projeção dentre os sacerdotes dignos desta Arquidiocese, como veremos pelo seu “curriculum vitae” que passamos a descrever.

Nasceu em São Paulo no dia 19 de março de 1928. São seus pais Sr. Francisco Christofaro e D. Malvina Del Reio Christofaro.

Aprendeu as primeiras letras no Grupo “Campos Salles” de São Paulo e no Grupo Escolar “Cesário Motta” de Itú; admissão no Externato São José do Patrocínio de Itu; curso de humanidades no Seminário Menor de Pirapora. Os cursos de Filosofia e Teologia foram realizados no Seminário Central do Ipiranga, sendo depois ordenado sacerdote pelo Bispo Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, no dia 8 de dezembro de 1952, na Catedral Provisória Igreja de Santa Ifigênia.

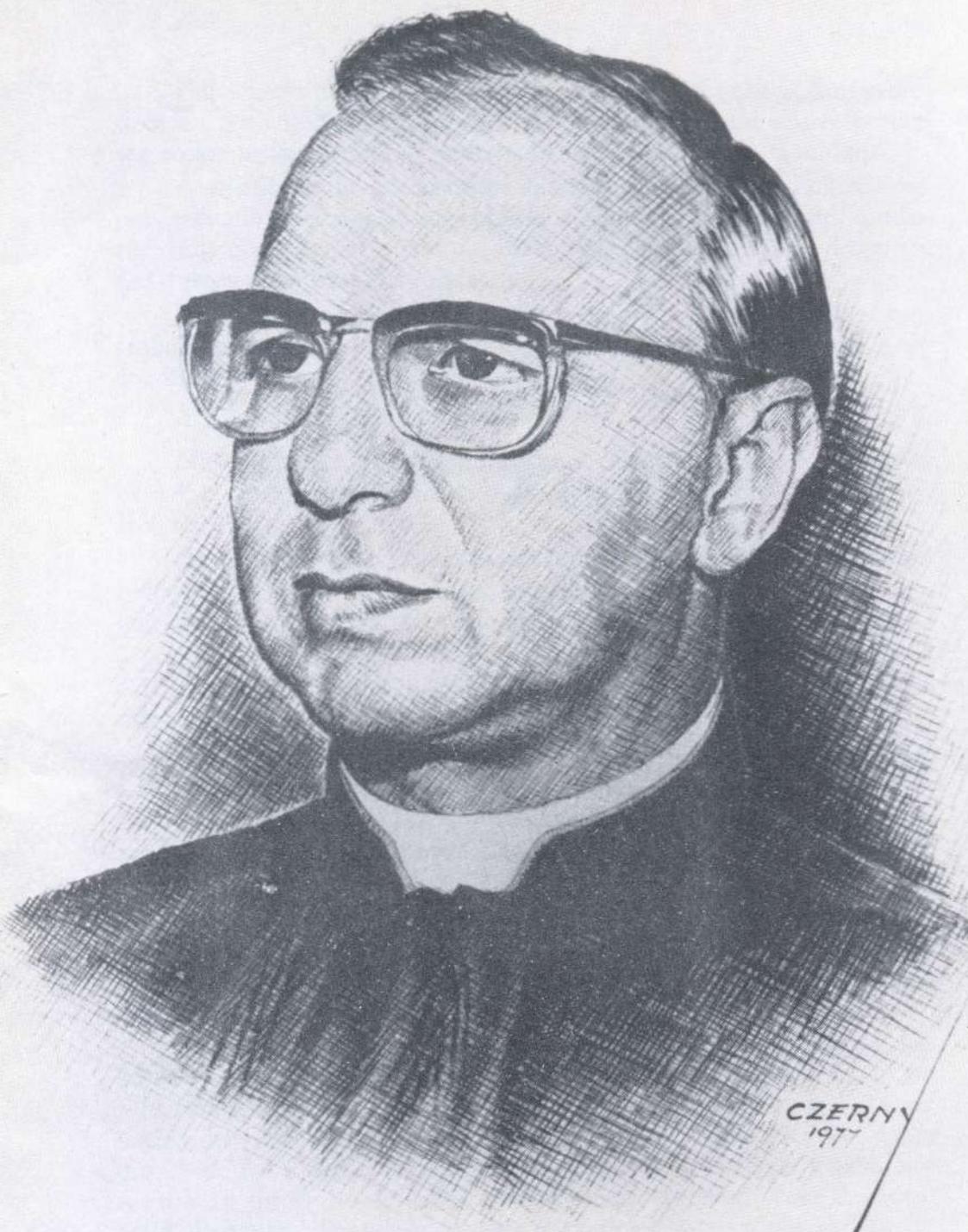
Em 1968 cursou a Escola Superior de Guerra (ADESG) onde foi diplomado.

Dentre os cargos que exerceu salientam-se os seguintes: foi Professor do Seminário de Aparecida do Norte; Professor e Ministro do Seminário Central e da Faculdade Teológica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Vigário Cooperador da Catedral de São Paulo; Diretor da Rádio 9 de Julho; Catedrático do Cabido Metropolitano; Diretor Arquidiocesano do Apostolado da Oração; Diretor Arquidiocesano da Federação das Filhas de Maria; Diretor Assistente Eclesiástico das Equipes de Casais de Nossa Senhora; Assistente Eclesiástico da Aliança Eleitoral Católica; Assistente Eclesiástico do Movimento Familiar Cristão; Assistente Eclesiástico das Mães Cristãs; Padre Subdretor da Ordem Terceira do Carmo; Diretor da Congregação Mariana do Ginásio do Estado; Capelão do Carmelo de Aparecida do Norte; Capelão das Missionárias de Jesus Crucificado; Capelão das Irmãzinhas da Imaculada Conceição; Juiz do Supremo Tribunal de Apelação; Secretário do Colendo Cabido Metropolitano, e Vigário da Paróquia do Bom Jesus do Brás.

Dentre as condecorações recebidas são dignas de menção a Medalha de Mérito de Tamandaré da Marinha e a Gran Cruz de Jerusalém (Patriarcado Latino).

Recebeu as seguintes honrosas missões especiais: por designação da Cúria Metropolitana participou do Congresso Eucarístico Internacional de Munich; por designação da Secretaria do Estado da Nunciatura Apostólica e da Rádio Vaticana participou do Congresso Interamericano Mariano de Buenos Ayres, e do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Atualmente o Cônego Christofaro está no exercício dos seguintes cargos: Padre Diretor da Ordem Terceira do Carmo; Coordenador da Pastoral (REC — Setor 1); Vice-Provedor da Venerável Irmandade São Pedro dos Clérigos; Diretor da Federação Metropolitana Paulista e Catedrático do Cabido Metropolitano; Membro do Conselho Diretor do IPREC (Instituto da Previdência do Clero); Membro do Conselho de Presbíteros da Arquidiocese e da Regional Sul 1; Coordenador da Pastoral da Sé; Membro da Comissão Arquidiocesana de Ecumenismo, e Vigário Cooperador da Catedral.



CÔNEGO JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO  
Catedrático do Cabido Metropolitano

Diretor Espiritual da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo desde 19 de março de 1969

## CAPÍTULO IX

### MONSENHOR CAMILO PASSALACQUA

O clero brasileiro e especialmente o da Arquidiocese de São Paulo perdeu no dia 12 de junho de 1920 um de seus mais notáveis membros: o benemérito Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua, de saudosa memória.

A sua morte causou a mais profunda consternação no seio da nossa sociedade não só entre os seus amigos como até mesmo entre os indiferentes em matéria religiosa que não desconheciam suas peregrinas qualidades.

Um grande livro seria pequeno demais para conter a relação dos trabalhos e das obras que semeou. Alma de apóstolo, coração de sacerdote e espírito educador, Monsenhor Passalacqua foi um exemplo edificante de trabalho útil, bondade accolhedora e guia inteligente e amável.

Não era apenas conhecido das classes elevadas a que pertencia pela fina cultura de seu espírito cavalheiresco, mas também, e principalmente, das classes humildes, com as quais contraiu afinidades estreitas.

O seu físico agigantado se impunha e o seu olhar severo nada mais era que o reflexo de um coração grande para as mais nobres ações, comparáveis às de um São Vicente de Paulo no carinho com que recebia a pobreza ou às de um São João Bosco no amor para com as crianças desamparadas.

De todas as facetas pelas quais se estude esse verdadeiro homem de Deus, encontram-se tons de brilho e refúlgência; os seus conselhos eram sempre ouvidos com agrado e seguidos com firmeza. Profundo conhecedor do homem e das suas misérias, sabia tirar delas partido para aquilo que lhe poderia ser útil na prática do bem.

O melhor de suas aptidões e de seus esforços ele empregou na prática da caridade cristã, caridade que desconhece fronteiras, e na cultura das almas submetidas à sua esclarecida e sábia orientação espiritual, realizando assim, em sua passagem terrena, aquilo que emoldura e caracteriza o formador de consciência.

Nomeado Comissário (Diretor Espiritual) da Ordem Terceira do Carmo, em 29 de fevereiro de 1892, por Dom Lino, então Bispo de São Paulo, recebeu o encargo de reorganizá-la. Assumindo a direção deste tradicional sodalício que congregava pessoas da mais elevada representação social de São Paulo, Monsenhor Passalacqua conseguiu em pouco tempo restabelecer a sua importância institucional. Voltaram a frequentar a Ordem velhos irmãos e irmãs; as entradas de noviços multiplicaram-se, todos os cultos em homenagem a Nossa Senhora do Carmo readquiriram o esplendor de outros tempos e a vida deste grande sodalício foi animada pelo seu Comissário que soube impor-se ao respeito dos jurisdicionados, conquistando-lhes ao mesmo tempo o coração com os exemplos de ministro diligente no trabalho de Deus.

A sua palavra era sempre ouvida pelos Irmãos Terceiros com amor filial; as suas ordens eram cumpridas religiosamente e os seus simples pedidos eram considerados verdadeiras ordens imperativas.

É digno de destaque o final da dedicatória da 3<sup>a</sup> edição do DECOR CARMELI aos Irmãos Terceiros, na qual Monsenhor Passalacque assim se expressou em 1º de junho de 1905:

"Finalmente mais um fato cumpre salientar, e é que, entre as provas que sem cessar nos têm dado e continuam a dar os nossos queridos Irmãos Terceiros, havemos de especializar o carinho com que todos vós tratais o vosso Comissário; hoje constituímos uma verdadeira família, e era aquilo a que mais aspirávamos."

A vida, o brilho, e o esplendor da Ordem Terceira do Carmo muito devem à sua esclarecida orientação.

No mesmo dia em que assumiu a direção espiritual da Ordem, lançou a 1<sup>a</sup> edição do DECOR CARMELI, livro que serve de guia às tradições da Ordem e dos exercícios de piedade do Irmãos Terceiros; nele se consubstancia o espírito que deve reinar na Ordem. Como era de esperar, essa 1<sup>a</sup> edição de dois milheiros, lançada em dezembro de 1892, teve carinhoso acolhimento por parte não somente dos Irmãos Terceiros como de pessoas estranhas à Ordem, o que levou Monsenhor a lançar novas edições ampliadas em 1896, 1905 e 1916.



MONSENHOR DOUTOR CAMILO PASSALACQUA  
**Protonotário Apostólico "ad instar participantium"**  
Diretor Espiritual da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, de 29.II.1892 a 12.VI.1920

Durante a vida funcionou sempre, sem solução de continuidade, na Igreja do Carmo, o velho templo que ele tanto amou, e onde a sua palavra evangelizou tanta gente, o catecismo que cheio de amor ao próximo ele fundou e manteve, com aulas às terças e sextas-feiras, para cerca de 300 crianças e algumas pessoas adultas.

Monsenhor foi também educador inteligente, do que deu provas nos fecundos anos de seu reitorado no Seminário Episcopal; fino cultor das letras, profundo conhecedor da nossa língua, que manejava com elegância e primorosa destreza, defendia com denodo e espalhava com intenso brilho, no livro e no jornal, os princípios salutares da Religião Católica, que o contava entre os seus mais fulgidos ornamentos, como veremos na sua síntese biográfica que daremos a seguir.

Deixou uma seara opulenta, inspirada sempre no fervor do mais puro espírito cristão, consubstanciada nos livros que publicou, alguns de raro valor literário, que estão constantemente a lembrar-lhe o nome e tributar-lhe homenagens de saudade e gratidão. Possuía uma riquíssima e escolhida biblioteca que já em vida doou à Ordem, e hoje se encontra na "Biblioteca Monsenhor Passalacqua".

Monsenhor Passalacqua teve a vida cheia de realizações admiráveis; seu zelo se desdobrou em iniciativas de grande alcance não somente para o bem da nossa Ordem, como também para o bem da nossa gente e da nossa Igreja, da qual ele foi um de seus mais lídimos representantes.

Fundou várias associações religiosas e filantrópicas que até hoje ainda existem prestando inestimáveis serviços à sociedade: a Casa Pia de São Vicente de Paulo, o Colégio Sion, o Colégio do Carmo, a Associação das Mães Cristãs, a Associação das Damas de Caridade, os Centros de Catecismo, os Retiros Espirituais, as Obras Vicentinas, a Escola de Enfermagem e o Dispensário Médico Cirúrgico "São Camilo" (1918) e por último, à guisa de testamento espiritual, o Instituto Profissional João e Raphaela Passalacqua, fundado em 24 de outubro de 1919, pouco antes do seu falecimento, demonstram à saciedade que Monsenhor foi um modelo de sacerdote zeloso, prestativo à Igreja, aos fiéis e à Pátria. O Instituto João e Raphaela Passalacqua fundado em memória de seus pais, no próprio lugar onde ele passou os últimos dias de sua vida (rua João Passalacqua) e que lhe perpetua mais particularmente os sentimentos de caridade, continua até hoje abrigando e instruindo centenas de meninos e meninas, sob a dedicada direção das Irmãs de São Vicente de Paulo, com ensino primário, prendas domésticas e jardim da infância.

Filho amantíssimo e denodado da Igreja Católica, foi sacerdote na mais lídima acepção do termo, e o homem como o deviam ser todos aqueles que se interessam pelo bem da humanidade.

A memória de Monsenhor Camilo Passalacqua ficará sempre gravada no coração dos pobres, dos seus amigos e admiradores (entre os quais inúmeros afilhados), na história da Pátria e nos fastos da Igreja Católica.

Nossa Senhora do Carmo, sob cujo olhar meigo e suave tanto trabalhou ter-lhe-á dado a doce acolhida aos que se devotam ao seu culto.

\* \* \*

Nasceu Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua aos 7 de maio de 1858, em Scaléa, velha cidade da província de Nápoles, na Itália.

Foram seus pais João Passalacqua e Raphala Bello Passalacqua, que, pela sua muita devoção à Santíssima Virgem do Carmo, lhe consagraram este seu primeiro e querido filho.

Em 1865, fazendo seu pai viagem a Marselha, levou consigo este seu filho, que então tinha 7 anos, e matriculou-o no Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã, daquela cidade.

Vindo com ele para São Paulo em 1866, colocou-o no antigo Colégio Knüppel, onde completou o curso das primeiras letras.

Anos depois, em 1869, voltaram ambos novamente à Europa, regressando de lá, para esta Capital, em 1870, e aqui fixaram definitivamente residência com toda a sua família.

Como manifestasse decidida vocação para as letras e para a vida eclesiástica, ingressou, em 2 de março de 1874, no Seminário Episcopal, terminando aí o seu curso de preparatórios e de teologia, com as melhores classificações de aproveitamento.

Recebeu a tonsura clerical e as quatro ordens menores no dia 23 de junho de 1879, que lhe foram conferidas pelo então Bispo Diocesano D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho. Em 14 de março de 1880 recebeu, do mesmo prelado, o Subdiaconato, e, no dia 27 de maio desse mesmo ano, a ordem de diácono e finalmente no dia 16 de junho de 1881, aos 23 anos, recebeu, com a necessária dispensa de idade e de interstícios, a sagrada ordem de Presbítero, sendo, entre outros, seu colega de ordenação o então Revmo. Vigário Geral de Taubaté, Monsenhor Antonio Nascimento Castro.

Celebrou a sua primeira missa na Matriz da Consolação em 11 de julho de 1881, e, nesse mesmo dia, foi nomeado professor do Seminário Episcopal, onde lecionou diversas matérias até 1889;

em 1883 foi nomeado para o importante cargo de Diretor espiritual desse Seminário, exercendo-o até 1889.

Por ocasião do Sínodo Diocesano, realizado em 1883, foi nomeado seu Promotor e escolhido como um dos Examinadores Sindrais; nessa assembléia propôs o grandioso projeto que havia elaborado com o Cônego Augusto de Araujo Muniz, que tinha por fim reorganizar a Irmandade de São Pedro dos Clérigos desta Capital.

Nesse mesmo ano foi provido, mediante brilhante concurso, nas cadeiras de pedagogia e metodologia da Escola Normal, e nomeado pelo Governador da Província examinador de Instrução Pública.

Em 27 de setembro de 1887 fundou nesta Capital a Associação das Damas de Caridade, cujos intuitos são socorrer corporal e espiritualmente os doentes pobres em seus domicílios.

Tendo deixado os cargos que ocupava no Seminário, fundou em 1889, associado com dois amigos distintos, o Ginásio Paulista, cuja Diretoria teve de abandonar anos depois, por motivo de saúde.

Em 1890, já restabelecido, regressando de uma viagem que fez à Europa, foi nomeado, pelo Revmo. Ordinário da Diocese, Vigário da Paróquia da Conceição de Campinas, onde, no pouco tempo em que lá esteve, pôs em evidência o seu muito zelo e rara atividade de verdadeiro pastor de almas.

Novamente em São Paulo, dedicou-se ao magistério, lecionando em diversos colégios, e entregou-se de alma e coração ao exercício do munus pastoral, pregando, escrevendo, catequizando e difundindo por toda a parte, na cidade e no interior do Estado, a palavra de Deus e, com ela, a iniciativa de várias obras piedosas, como a das primeiras comunhões da infância.

Pelo Exmo. e Revmo. Sr. Dom Lino Deodato de Carvalho, foi nomeado, em 29 de fevereiro de 1892, Comissário da Venerável Ordem Terceira do Carmo.

Nessa data foi também convidado para exercer as funções de Assistente da Federação Católica.

Fundou, em 1893, o periódico intitulado "Mensageiro Popular".

No dia 19 de julho de 1894 fundou a Casa Pia de São Vicente de Paulo, testemunho vivo da caridade paulistana, pois educa órfãos e desvalidos. Confiou a direção a várias senhoras paulistas, cuja admirável dedicação foi registrada pela imprensa nos anais da história dessa casa. Em 1898 mandou vir da Bélgica

as Irmãs de São Vicente, às quais entregou a direção do estabelecimento.

No dia 10 de agosto de 1898 abriu um externato anexo dedicado exclusivamente aos pobres e no dia 19 de julho de 1905 restaurou todos os edifícios e inaugurou a capela nova.

No dia 6 de fevereiro de 1895, tomou posse do cargo de Reitor do Seminário Episcopal, por nomeação do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, então Bispo de São Paulo, que seria em 1905 o primeiro Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro e da América do Sul.

Nesse mesmo ano, em 18 de Julho, dia em que o Seminário festejava o onomástico do finado, foi-lhe entregue pelo Exmo. e Revmo. Sr. Dom Joaquim Arcoverde o título de Camareiro Secreto, com que o Santo Padre Leão XIII o galardoou, em virtude dos extraordinários serviços por ele prestados à Igreja, os quais já então eram sobejamente conhecidos em todo o Brasil e em Roma.

No dia 12 de julho de 1897, após brilhante e profícua administração, exonerou-se do cargo de Reitor do Seminário Episcopal.

Publicou, em 1897, a "Pequena Revista Católica" e o "Pequeno Mensageiro".

Com a cooperação da Venerável Ordem Terceira do Carmo, fundou em 4 de abril de 1899, o Externato de Nossa Senhora do Carmo, anexo à Igreja da Ordem, na rua do Carmo.

Em Outubro tomou parte, como Subpromotor de Fé, no processo canônico do Venerável Servo de Deus José de Anchieta.

Ainda neste mesmo ano, fundou o Externato filial à Casa Pia "Patrocínio de São José".

Data também desse ano a fundação da Associação das Mães Cristãs.

Regressando, em 1900, de uma peregrinação que fez, com grande número de brasileiros, à Cidade Eterna, a Lourdes e a Paray-le-Monial, recebeu das mãos do Exmo. Sr. Bispo Diocesano o Breve em que o Papa Leão XIII o nomeou Protonotário Apostólico "ad instar participantium".

A profissão de fé e o juramento do estílo foram feitos, por procuração, em 17 de setembro daquele ano, perante o Colégio dos Protonotários em Roma.

Foi-lhe conferido o grau de Doutor em Teologia em 15 de dezembro de 1901, ainda pelo Sumo Pontífice Leão XIII, de santa e sábia memória fazendo nesse mesmo ano o juramento de praxe, diante do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo e com assistência de alguns dos seus mais distintos amigos desta cidade. Testemunharam o



Monsenhor Camilo Passalacqua com um grupo de Irmãos da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo, em setembro de 1900, em Páris, por ocasião da peregrinação a Lourdes e Paray-le-Monial.

Sentados, da esquerda para a direita: Julinda Cesar da Silveira, Monsenhor Camilo Passalacqua, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme e Maria Joana Ortiz Monteiro.

De pé, da esquerda para a direita: Dr. J. Ortiz Monteiro, Maria Esther Leme Maciel, Maria Adelaide Leme Monteiro (D. Nenê), Dr. Raul Ortiz Monteiro, Maria de Lourdes Leme Quartim Barbosa, Francisca L. de Araujo Cintra, Maria Fausta de Macedo Leme, e um Terceiro Carmelita.

Nesse mês de setembro Monsenhor Passalacqua recebeu o Breve pelo qual o Papa Leão XIII o nomeou Protonotário Apostólico "ad instar participantium".

O Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, que já era Cavaleiro de São Gregório Magno, recebeu de Sua Santidade a Cruz "pro ecclesia et pontifice".

O Dr. Raul Ortiz Monteiro foi agraciado com o título de "Camareiro de Honra de Capa e Espada" de Sua Santidade Leão XIII, no dia 30 de outubro desse mesmo ano.

ato o Exmo. e Revmo. Arcediago Dr. Paula Rodrigues, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme e Dr. Raul Ortiz Monteiro.

Em 1904, foi nomeado redator do "Boletim Eclesiástico", fundado pelo Exmo. Ordinário de então, Dom José de Camargo Barros.

Em 1907, Monsenhor Passalacqua aceitou a presidência da "Liga Paulista de Profilaxia Moral e Sanitária", onde evidenciou qualidades apreciáveis de homem de ação e saber.

A fim de tornar mais ampla a educação da Casa Pia, fundou em 1910 a Escola Profissional anexa.

Auxiliado pela Corporação Carmelitana desta cidade, fez instalar no Ginásio, em 1912, aulas noturnas para operários.

Em 1914 fundou o centro vicentino Santo Thomaz de Aquino, que funciona até hoje em nosso sodalício. Em 1918 fundou a Escola de Enfermagem e o Dispensário Médico-Cirúrgico "São Camilo".

Como escritor, Monsenhor Passalacqua fez aparecer, em diversos anos, à luz da publicidade, grande número de proveitosos trabalhos literários.

Em diversas épocas da sua vida pública foram-lhe conferidos vários títulos de associações científicas e literárias, entre outros: o de membro da Arcadia Gregoriana, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o da Antiga Associação dos Homens de Letras.

A sua vida esteve intimamente ligada à do Seminário Arquidiocesano, onde, depois de haver terminado o seu curso com todo o brilhantismo, exerceu com exemplar proficiência o honroso cargo de professor.

Este estabelecimento de ensino contava então no seu corpo docente uma pléiade de sacerdotes cheios de ciência e de fé, que foram a glória do professorado daquela casa, e em cujos anais deixaram imortalizados seus nomes.

Entre os muitos ilustres colegas de magistério de Monsenhor Passalacqua, podemos citar o saudoso Monsenhor Dr. Francisco de Paula Rodrigues, Monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura, então Arcediago do Revmo. Cabido, D. José de Camargo Barros, que foi prelado desta Diocese; D. Alberto Gonçalves, Bispo de Rio Preto; Monsenhor Agnello José de Moraes, Cônego da Sé Catedral, e Cônego Dr. José Valois de Castro, Senador estadual.

A par da educação intelectual, era mister a formação moral dos seminaristas. Para a inteligência tinham eles a luz que se desprendia em abundância de cérebros tão privilegados, e para o coração devia o vigilante pastor da Diocese dar-lhes reflexos de to-

nalidades austeras e delicadas dum outro coração, que, batendo serena e piedosamente num peito de sacerdote, lhes fosse capaz de servir de modelo espiritual e ao mesmo tempo de orientação prática.

Entre a reluzente corporação do professorado, o escolhido para exercer esse elevado e espinhoso cargo de diretor espiritual dos jovens alunos do Seminário, foi, em 1883 o nosso ilustre biografado.

Era ainda moço, tinha apenas dois anos de ordenação, e, não obstante isso, soube desempenhar com tino e prudência de velho os deveres inerentes a tão difícil cargo, e arcar, sem desfalecimentos, com o peso das enormes responsabilidades de dirigir consciências, aliás suavizado pela nunca interrompida harmonia de vistas com o respectivo Reitor, o venerando Monsenhor João Alves.

Obediente sempre à voz do seu Prelado, expendeu o melhor das suas energias de sacerdote no exercício de tão áspera missão, estudando a diversidade de temperamentos e guiando os esperançosos moços com suavidade e firmeza, ao mesmo tempo que lhes burilava os corações, segundo os ditames santos da consciência e os moldes purificantes da virtude.

São frutos destacados dessa inteligente direção alguns dos melhores ornamentos do episcopado e clero brasileiros. Citemos apenas os nomes do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Duarte Leopoldo e Silva, nosso exemplaríssimo e saudoso Arcebispo; Dom João Baptista Nery, falecido Bispo de Campinas, e Monsenhor Antonio Pereira Reimão.

Preocupava-o muito o futuro da mocidade destinada ao sacerdócio. Por isso chamava continuamente a atenção dos seus jovens subordinados para a delicada e divina missão, que mais tarde iriam desempenhar no meio duma sociedade sedenta de luz a ávida de alimento espiritual.

Fomentou ali o amor pelo ensino da Religião, principalmente pelo catecismo, estabeleceu palestras familiares durante os recreios da noite, aperfeiçoou os alunos no canto gregoriano e na liturgia ministrava lições de eloquência sagrada, dando nova orientação à Conferência São Francisco de Sales, fundada para esse fim.

Pretendendo o então Bispo de São Paulo, Dom Joaquim Arcoverde, reformar, sob novas bases, o Seminário, nomeou o então Padre Camilo Passalacqua Reitor desse estabelecimento, no dia 6 de fevereiro de 1895; o que foi esse reitorado na sua ação fecunda e ótimos resultados, dizem-no as gerações desse tempo e mais ainda os documentos altamente elogiosos com que o Cardeal Arcoverde por várias vezes honrou o exemplaríssimo Reitor, entre os quais avulta a carta em que lhe concedera a demissão pedida, em 12 de julho de 1897.

Foi devido à sua iniciativa que seguiram para Roma e Paris, a fim de aperfeiçoar seus estudos e completar a formação do caráter sacerdotal nos Colégios Pio Latino Americano e de São Suplício, os Srs. Dom Sebastião Leme, doutor em Teologia, então Arcebispo de Olinda e Recife; Dom Benedicto de Souza, doutor em Direito Canônico e Bispo do Espírito Santo; Monsenhor Maximiano Leite, doutor em Teologia, Vigário Geral da Arquidiocese do Rio; Padre João Baptista de Siqueira, doutor em Filosofia, Cônego André Arcoverde, doutor em Direito Canônico, membro do Cabido daquela Arquidiocese e Monsenhor Francisco de Mello Sousa, doutor em Direito Canônico, então Vigário da Consolação.

Foram também seus alunos o Cônego João Ladeira, doutor em Direito Canônico, Chanceler do Arcebispado; Cônego José Hygino de Campos, também doutor em Direito Canônico, e atual Visitador da Arquidiocese e os Revmos. Padres Dr. José Antonio Gonçalves de Rezende, e Cônego Dr. Virgilio Morato, vitimado, no Rio, em 1918, pela epidemia de gripe.

Na qualidade de Comissário da Ordem Terceira do Carmo, alguém poderia igualar-lhe no zelo, mas nunca sobrepujá-lo.

Foram belíssimas as festas que, em 1917, se realizaram na Ordem Terceira do Carmo, para comemorar o 25º aniversário da nomeação de Monsenhor Passalacqua para seu Comissário.

A alegria que então se notava em todas as fisionomias, a satisfação de todos os assistentes eram bem uma prova de quanto era estimado o seu virtuoso Diretor Espiritual.

Como evangelizador, possuía a singularíssima e rara particularidade de saber congregar e tornar homogêneos todos os esforços individuais dos bons católicos.

Como publicista, falavam, melhor do que nós, as inúmeras obras que deixou, de caráter literário, científico, teológico, pedagógico, canônico e místico.

Entre elas avultam "Pedagogia e Metodologia", publicada em 1887, "O Homem no Século" (1892), curso completo de Religião, "A Arte Cristã" (1894), "Harmonias do Mundo pelo Cristianismo" (1895), "Guia do aspirante ao sacerdócio" (1897), "A Confissão Sacramental" (1898), "O Catolicismo Social no século XIX" (1898), "Ensino cristão e ensino leigo" (1899), "Uma página de Direito Público Cristão" (1900), "As Ordens Terceiras em face do Direito Canônico vigente" (1901), "Existência histórica e Divindade de Jesus Cristo" (1902), "O apostolo S. Thomé na América" (1904), "As ciências e as letras, "Atualidades" ... (1906) suas vantagens e perigos" (1907-), "Raios de Verdade" (1907), "Estudos sobre o Homem" (19911) e mais de cinqüenta obras.

Como professor, Monsenhor Passalacqua, tanto no Seminário, como na Escola Normal, era idolatrado pelos seus alunos.

Mediante brilhante concurso, foi nomeado, em 1888, professor de Pedagogia, Metodologia e Doutrina Cristã, da Escola Normal.

Proclamada a República, o Governo do Estado suprimiu essa cadeira; tendo Monsenhor Passalacqua pleiteado o seu direito perante o Poder Judiciário, e obtendo ganho de causa, voltou para a Escola Normal em 1912.

Em 1918, Monsenhor Passalacqua aposentou-se no cargo de lente da 1<sup>a</sup> cadeira de Português, Latim e Literatura Portuguesa da Escola Normal Secundária da Capital.

Por ocasião das suas despedidas, foram-lhe prestadas as mais sinceras homenagens pelo Diretor, corpo docente, alunos e pessoal administrativo.

Como catequista, foi inimitável em dedicação e esforço.

Até pouco antes do seu falecimento, o apostólico prelado havia concentrado todas as suas atenções sobre a obra catequética da sua Ordem Terceira, onde todos os anos se realizavam duas solenidades de primeira comunhão com grande número de crianças, e uma festa de encerramento das aulas, cujos convites eram sempre procurados com empenho pelas famílias desta cidade, que apreciavam sobremaneira a ação educativa dos alunos do catecismo da Igreja da V.O.T. do Carmo.

Era freqüentada a aula por cerca de 300 crianças, exercendo as funções de catequistas distintos Irmãos e Irmãs da Ordem.

No Ginásio este ensino era feito pelos respectivos professores e Irmãos Maristas aos seus alunos em número aproximado de 500.

Na Igreja começou o ensino a ser facilitado com o auxílio de projeções luminosas.

Para esse efeito Monsenhor adquiriu a respectiva máquina e quadros catequéticos, os quais às sextas-feiras, após as lições ordinárias, eram exibidos aos alunos, enquanto um sacerdote fazia explicação de cada um dos assuntos religiosos, fatos e personagens bíblicos que os quadros iam apresentando.

Por este processo, a criança, fixando as cores e os traços da estampa luminosa, retinha e assimilava mais facilmente a palavra instrutiva do sacerdote que lhe falava, além de atrair mais a alma do aluno a ouvir a palavra de Deus. Graças a esta novidade, introduzida pela primeira vez no ensino da catequese da Ordem Terceira, o número de alunos atingia por vezes a cerca de 600.

Foi por tudo isso que Monsenhor Passalacqua se tornou digno das homenagens que lhe foram tributadas a 7 de maio de 1916, por ocasião do seu 58º aniversário.

Por essa ocasião foi inaugurado o seu busto em bronze, na Casa Pia de S. Vicente de Paulo, iniciativa da Associação das Damas de Caridade desta Capital, auxiliada por amigos e admiradores do distinto homenageado.

O ato foi honrado com a presença do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano e o discurso oficial foi feito pelo então Vigário Geral Monsenhor Dr. Benedicto de Souza.

Falaram ainda outros oradores de evidência no nosso meio social e católico.

A cerimônia foi imponente.

Um dos últimos atos de benemerência praticados pelo virtuoso Padre foi o da doação da sua casa de moradia na rua Conselheiro Ramalho, onde fundou o "Instituto João e Raphaela Passalacqua", inaugurado a 24 de outubro do ano de 1919, dia de S. Raphael.

No discurso em que entregou às Irmãs de S. Vicente aquela casa que lhe evocara tão doces reminiscências da sua infância, disse Monsenhor Passalacqua que, prevendo contados os seus dias, alterada como andava sua saúde, tratou de fazer o seu testamento espiritual. Fez igualmente o seu testamento legal nas notas de um tabelião da Capital.

Neste dispôs, entre outras coisas, que aquela sua residência, por sua morte, servisse para nela se fundar um Instituto católico profissional em favor das classes pobres, e que se lhe desse o nome de seus saudosos pais, confiado às piedosas Irmãs de S. Vicente de Paulo, desta Capital.

Passaram-se os tempos, disse ele, e Deus, em sua infinita bondade, está prolongando a minha existência. Resolvi, então, efetivar tal obra nesta casa, que em parte eu herdara de meus pais, satisfazendo as outras partes aos demais herdeiros, conservando-a, para esse fim, intacta e indivisa, se bem que aumentada e melhorada por mim, contentando-me de, hoje em diante, ir habitar uma outra mais modesta, onde espero acabar os meus dias, em paz com Deus e com os homens.

E acrescentava:

"Convidei, em boa hora, as dignas Irmãs, a quem havia já confiado a minha dita disposição, e, interessadas, como eu, em beneficiar a nossa infância, aceitaram tomar conta do referido Instituto, cuja propriedade definitiva a elas passará após a minha morte, observadas as cláusulas testamentárias.

É possível que quantos, neste mundo, se deixam levar por um prisma diferente, fixando seus olhares tão somente para o bem-

-estar pessoal, é possível que julguem uma temeridade este meu passo, que importa desfazer-me espontaneamente da maior parte de meu modesto patrimônio e da respectiva renda que poderia dar-me para garantir a minha subsistência em tempos tão difíceis, como os que passamos.

Não é temeridade, senão, como vos disse, obra de amor, planejada e resolvida diante de Deus e das necessidades, cada vez mais prementes, do próximo, naquilo que mais interessa, como é a Educação Católica integral das gerações nascentes, que são o futuro da Pátria e da Religião.

Não devemos diminuir a confiança na Divina Providência, e eu sempre confiei nela e continuo a confiar, quaisquer que sejam ou venham a ser as circunstâncias de minha existência".

Essas palavras revelam a grande abnegação, o despreendimento, o desinteresse do apostólico sacerdote.

Um dos seus últimos serviços prestados à salvação das almas foi a idéia que pôs em execução, das práticas quaresmais pregadas na Ordem Terceira do Carmo, pelo notável orador Padre Luiz Gonzaga Cabral. Foram os mais abundantes os frutos espirituais colhidos nessas conferências. Por essa ocasião o incansável Comissário da Ordem planejou a constituição da Biblioteca dos Terceiros Carmelitanos, que se pretendia inaugurar no dia 16 do mês de julho, por ocasião da festa de Nossa Senhora do Carmo.

Para esse fim, conseguiu boa soma de dinheiro, a oferta de vários livros, tendo feito, na Europa, encomenda de obras católicas.

Em 1918, sentindo-se melhor dos incômodos que o afligiam, Monsenhor Passalacqua deliberou seguir para a Europa. Obedecendo, porém, a conselhos de amigos, desistiu da sua excursão e, com o dinheiro a ela destinado, construiu uma poética vivenda na avenida Bartolomeu de Gusmão, n. 32, Praia do Embaré, em Santos, atrás da Capela de Santo Antônio, que ele festejou dois anos e pretendia ainda festejar no dia 13. Quis Deus, porém, que ele morresse justamente na véspera de Santo Antônio, junto à Capela em que ele diariamente celebrava e instruía os fiéis. Vitimou-o a "angina petoris", moléstia que havia muito o acabrunhava

Monsenhor Passalacqua faleceu aos 62 anos, às 12 horas do dia 12 de junho de 1920, após prolongada agonia, na sua casa da Praia do Embaré.

Sentindo-se mal na quinta-feira à tarde, dia 11, foram chamados os médicos Drs. Raphael do Monte e Guilherme Alvaro que o assistiram.

À 1,45 da madrugada do dia 12, o Padre Pedro Gastão de Moraes, dedicado amigo do Monsenhor Passalacqua, ministrou-lhe os sacramentos e a bênção apostólica que ele recebeu em pleno juízo, auxiliando o sacerdote ministrante.

Momentos antes de morrer ofereceram-lhe um crucifixo; "não é preciso", disse sorrindo, "tenho Jesus em meu coração".

Monsenhor morreu rodeado de sua extremosa irmã Leopoldina Passalacqua Botelho, de seu irmão o Desembargador Paulo Américo Passalacqua, de seu médico particular Dr. Lourenço Missuti e do Dr. Franco da Rocha, que vieram de São Paulo especialmente para assisti-lo, e de outras pessoas de sua amizade.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, assim que recebeu a notícia do passamento, seguiu para Santos a fim de velar o corpo, tendo antes ordenado a expedição de editais, comunicando o infausto acontecimento ao clero.

Logo após a sua morte os sinos da igreja do Embaré dobraram finados. Depois de encomendado o corpo do grande sacerdote, foi ele transportado da sua residência da avenida Bartolomeu de Gusmão, n. 32, para a Capela de Santo Antonio do Embaré, situada a pequena distância da sua casa.

Velaram o corpo de Monsenhor durante a noite do dia 12 para o dia 13: o Desembargador Paulo Américo Passalacqua e Senhora, D. Maria Passalacqua Botelho e Dr. José Passalacqua, irmãos e sobrinhos do finado; Pe. Pedro Gastão de Moraes, Pe. Dr. Bernardo Cabrita, Sub-comissário da Ordem; Conde de Lara, Dr. Raul Ortiz Monteiro, Dr. Paulo de Abreu Leomil, Luiz Leme Maciel, Dr. João Quartim Barbosa, Dr. José Baptista Fraissat, Dr. Domingos Aulicino, Dr. Vicente Grecco, e Dr. Victor Pujol por si e pela Congregação Mariana; Braulio Silva e Senhora, D. Adelaide Hehl e filhos D. Maria Hehl, D. Lucia Hehl; Luiz Caiaffa, D. Genesia Loureiro, Alvaro Pinto da Silva Vaz Filho, Irineu de Oliveira, Francisco Loureiro, Dr. L. Ferreira, Dr. Ibrahim Nobre, João Baptista Amarante e família; Bento Mendes da Silva, José Monteiro, Araldo Machado, D. Marieta Machado, D. Maria Machado, Aristides Machado, Dr. Lourenço Missuti, Augusto de Carvalho, Alvaro Montenegro, João Coletto dos Santos e família, Manoel Emygdio de Faria, D. Antonia Dantas Faria, Senhoritas Risoleta Faria e Arenia Faria, D. Maria Glette, D. Sylvia Neke, Werner Hehl, D. Lucia H. Caiaffa, Dr. Souza Loureiro, Dr. Nicola Loureiro Oliveira, Heitor Pujol, D. Almerinda de Castro Oliveira, D. Alice Oliveira, José Ferreira, Maria Villaça de Camargo pelas enfermeiras de São Camilo; Comissão dos Carmelitanos e da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo; pelas Carmelitas da cidade de Santos, Senhoras D. Maria Duprat Gui-

marães e Dorothea Rildes Fernandes priora da Ordem Terceira; Irmã Maria dos Anjos pela Casa Pia de São Vicente de Paula; Irmão Sapor, Reitor do Ginásio do Carmo de São Paulo, e João Torquato G. Lustosa pela Ordem Terceira de Santos.

Às 6 horas da manhã do dia 13, sábado, presentes todos os que velaram o corpo, amigos e membros da família do pranteado Monsenhor Passalacqua, o Padre Gastão de Moraes celebrou a Santa Missa de corpo presente, finda a qual procedeu-se à encenação com o "libera me" cantado pelos Irmãos Maristas.

Às 6,45 o féretro saiu da Capela do Embaré para a estação da São Paulo Railway, onde foi colocado em carro especial ligado ao trem das 8,10 horas.

O Jornal do Comércio de São Paulo de 14 de junho que noticiou o passamento de Monsenhor anotou os nomes das pessoas que acompanharam o féretro de Santos a São Paulo, a saber: Membros da família de Monsenhor Passalacqua, Padre Bernardo Cabrita, Padre Gastão de Moraes, por si e representando os Srs. Capitão de Corveta Oscar Pacheco e Dr. Emilio Santos Oliveira; Conde de Lara por si e representando a Conferência de São Vicente de Paulo, Dr. Raul Ortiz Monteiro, Dr. Paulo de Abreu Leomil e Dr. José Fraissat representando a Ordem Terceira do Carmo de São Paulo; D. Maria Fausta de Macedo Leme, Dr. João Quartim Barbosa e senhora D. Maria de Lourdes Leme Quartim Barbosa, José Hildebrando da Silva Leme, José Sizenando de Macedo Leme, José Luiz Leme Maciel, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, Dr. Jorge Street e D. Zelia Frias Street, Mario Frias e Senhora, Dr. Nilo Costa, Dr. Alvaro Machado, Araldo Machado, Domingos Prieto, Antonio Vieira do Couto, Coronel Carlos Leoncio de Magalhães, Adolpho Bastos, Capitão de Corveta Oswaldo Pacheco, Dr. Emilio dos Santos Oliveira, Bahia de Abreu, Tenente Raul Helimod Soares, Irmã Maria dos Anjos, Maria Vilaça Camargo representando as Enfermeiras de São Camilo; Dr. Lourenço Missuti, Irmão Sapor, Reitor do Colégio do Carmo; Irmão José Desiderio, Padre Visconti, Superior dos Jesuitas; Julia Conceição, Antonio Augusto Vieira do Couto, Bento Mendes, Dr. Francisco de Paula e Silva, Juiz de Direito; Daniel Theotonio Ferreira pela Siciedade de S. Vicente de Paula; José Domingos Duarte e Dr. Amador de Carvalho.

O trem chegou à Estação da Luz às 10,30 horas. A plataforma e todas as dependências da estação estavam repletas. Lá se encontravam aguardando a chegada do féretro altas autoridades civis, militares, religiosas, e diversas associações; segundo a estimativa da imprensa mais de 2.000 pessoas: uma verdadeira apoteose a Monsenhor Passalacqua. Numerosas coroas com sentidos

dizeres viam-se colocadas sobre os principais pontos da grande e majestosa estação.

Antes de falecer, Monsenhor Passalacqua recomendou que seu corpo fosse diretamente da Estação da Luz ao Cemitério da Ordem 3<sup>a</sup> do Carmo, onde deveria ser celebrada Missa de corpo presente; sua vontade foi cumprida.

Ao coche mortuário seguiam-se dois coches com as coroas e mais de 500 carros, que levaram 45 minutos da estação diretamente ao Cemitério do Carmo aonde chegou às 11,15 horas. Aí o corpo depositado numa eça em frente à capela do cemitério, que estava rigorosamente guarneida de luto. O cemitério foi pequeno para conter todas as pessoas presentes, pois a maioria ficou aglomerada do lado de fora na rua Sergipe.

Começou logo a Missa de corpo presente celebrada pelo Pe. Dr. Bernardo Cabrita, Subcomissário da Ordem, que após o Santo Sacrifício fez a encomendação do corpo.

A desolação era geral. Muitas senhoras e cavalheiros choravam e outros não escondiam seu pesar imenso pela morte do benemerito prelado. O corpo de Monsenhor, revestido de paramentos eclesiásticos e casula roxa, esteve por algum tempo em exposição, depois de terem os Irmãos do Carmo rezado as "estações tradicionais" em sufrágio da sua alma.

O Cônego Adomiro Krauss, Vigário da Bela Vista, em cuja paróquia residiu Monsenhor Passalacqua, acompanhou o féretro da estação até o Cemitério, fazendo as encomendações e benzendo a campa.

Ao baixar à sepultura o corpo foi encerrado no jazigo em que repousavam seus pais João Passalacqua († 14.10.1901) e D. Raphaela Passalacqua († 15.3.1903); falou em primeiro lugar, em nome da Ordem Terceira do Carmo, o Irmão Professor Dr. Francisco Morato. Disse em resumo:

*"Não era a primeira vez que os seus irmãos da Ordem Terceira lhe delegavam poderes para falar prestando homenagem ao ilustre Comissário.*

*Algumas vezes interpretou o júbilo dos Carmelitanos em vários atos obrigados pelas convenções sociais. Interpretava naquele momento a grande mágoa, o imenso pesar dos Irmãos Terceiros pela morte de Monsenhor Passalacqua.*

*Ele morreu, mas a sua obra aqui ficava imperecível; começava ele a viver no mundo eterno, onde já entrara. Dessa mansão bendita, onde iria gozar agora o prêmio*

*de seus grandes serviços prestados à Religião, à Sociedade, pedia a Monsenhor Passalacqua que olhasse pela sua grande obra, que não a desamparasse, até que um dia pudesse todos os Irmãos Terceiros encontrá-lo na eternidade."*

Falou depois, visivelmente emocionado, o Pe. Pedro Gastão de Moraes, que a cada frase soluçava; comoveu imensamente a todos os presentes. Em nome da Escola de Enfermeiros, fundada por Monsenhor, falou a enfermeira V. Camargo. Por fim falou o Dr. Raphael Paulino de Camargo como amigo da família Passalacqua, lamentando a perda irreparável de Monsenhor e pedindo a Deus que desse à sua alma o descanso eterno.

Eram 13 horas quando terminaram os atos no cemitério.

A imprensa de São Paulo presente ao desenrolar dos acontecimentos desde o falecimento em Santos até o sepultamento no cemitério pôde anotar o nome de cerca de 500 pessoas que acompanharam o féretro da Estação da Luz até o Cemitério do Carmo; daremos a seguir apenas os nomes das autoridades civis, militares e religiosas, e das associações presentes:

Representante do Exmo. Presidente do Estado; Dr. Jayme Ferreira da Silva pelo Secretário da Fazenda; Tenente Manoel Marinho, pelo Secretário da Justiça; Dr. João Baptista de Souza, Delegado Geral; Raul Ferreira, pelo Prefeito Municipal; Barão Raymundo Duprat, Presidente da Câmara Municipal; Tenente Pedro Luz, pelo Comandante Geral da Força Pública; Senadores Adolpho Gordo e Oscar de Almeida; Deputados Raul Cardoso e Alcantara Mâchado; Dr. Altino Arantes, ex-Presidente do Estado; Dr. Cândido Rodrigues, ex-vice-Presidente do Estado; Dr. José Augusto de Azevedo Antunes, Diretor da Escola Normal acompanhado de diversos professores dessa escola; João Oliva, pela Sociedade União dos Polinhanenses; Diretoria da Associação N.S. Auxiliadora, do Bom Retiro; Irmãs de São Vicente de Paulo da Casa Pia; Irmãs de São Vicente de Paulo da Vila Mariana; Irmãs do Colégio do Patrocínio de São José; Irmãs de São Vicente de Paulo da Escola Paroquial de Santa Cecília; Irmãs de São Vicente do Instituto "João e Raphaela Passalacqua"; Superiora Provincial das Irmãs de São Vicente acompanhada das orfãs e alunas; Superiores dos Missionários do Sagrado Coração de Maria; Escola de Enfermeiras do Dispensário São Camilo; Pro-

fessor Achiles Block da Silveira, pela turma de normalistas de 1918; Comissão de Seminaristas; Comissão da Conferência de São José do Belém; Comissão da Venerável Ordem Terceira de São Francisco; Dr. José Vicente de Azevedo pelo corpo docente do Ginásio do Estado; Comissão de Professores, Irmãos Maristas e alunos do Ginásio do Carmo; Comissões do Catecismo e Apostolado da Oração e da Conferência São Tomaz de Aquino, todos da Venerável Ordem Terceira do Carmo; Comissão da Associação dos ex-alunos de Dom Bosco e do Colégio Coração de Jesus; Luiz Tolosa de Oliveira e Costa e Dr. Carlos Felipe Rossi, pelo Apostolado e Congregação Mariana de São Gonçalo; Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira por si, e pelo Jornal do Comércio.

Do clero estavam presentes dentre os muitos sacerdotes: Monsenhor Emilio Teixeira, Vigário Geral, por si e representando Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo; Monsenhor Arcediago Ezequias Galvão da Fontoura, Presidente do Cabido; Cônego Antonio Lessa, Tesoureiro-mór da Catedral; Monsenhor Dr. João Evangelista Pereira de Barros, Chantre do Cabido; Monsenhor Agnelo de Moraes, Monsenhor Mello Souza, Cônegos Manfredo Leite, membros do Cabido; Dom Miguel Kruse, abade do mosteiro de São Bento; Pe. Dr. Gastão Liberal Pinto, Vigário de Santa Ephigenia; Frei Cyrillo Thewes, Provincial, e Freis Eliseu e José representando os religiosos do Convento do Carmo; Pe. Luiz Yabar, superior da igreja de São Gonçalo dos Jesuítas; Pe. Dr. Alberto Teixeira Pequeno, Reitor do Seminário Provincial; Pe. João Baptista Du Dreueuf, Reitor do Colégio São Luiz; Pe. M. Givet, Superior dos padres de Sião.

Compareceram incorporados os membros da Mesa Administrativa da Ordem Terceira do Carmo, centenas de Irmãos e Irmãs, e ainda todas as pessoas que velaram o corpo de Monsenhor em Santos, que o acompanharam na viagem a São Paulo e que foram prestar-lhe as últimas homenagens no Cemitério.

\* \* \*

No dia 18 de junho, 7º dia do falecimento, a Ordem Terceira do Carmo fez celebrar, às 8 horas, na sua igreja, solenes exéquias em sufrágio da alma do saudoso extinto que por 28 anos foi seu zeloso Comissário. Às 8 horas teve início a Santa Missa cantada pelo Revmo. Provincial Carmelitano Frei Cyrilo Thewes, que

oficiou nessas cerimônias fúnebres acolitado pelos Revmos. Frei Eliseu e Padre Marcelo Franco.

Ao centro do templo erguia-se o sumptuoso catafalco, junto ao qual foi dada a absolvição pela alma do saudoso sacerdote. Fazendo o necrológio de Monsenhor Passalacqua, o Monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura pronunciou uma comovente oração.

A assistência era numerosa e seleta enchendo completamente o recinto do templo, coro e tribunas. Além das pessoas da família enlutada, estavam a Mesa Administrativa e Irmãos do Carmo revestidos de seus hábitos, membros do clero secular e regular, representantes das autoridades civis e militares, da imprensa, e de um sem-número de senhoras e cavalheiros; o Dr. João Baptista de Souza Delegado Geral de São Paulo, compareceu pessoalmente à cerimônia; notaram-se representantes de todas as Instituições fundadas por Monsenhor Passalacqua.

Por ocasião do "Libera me" solenemente cantado no coro pelos Irmãos Maristas foi distribuída uma lembrança com a fotografia e traços biográficos de Monsenhor precedido dos seguintes dizeres: "Beati mortui qui in Domino moriuntur".

Além da Missa de 7º dia celebrada na igreja do Carmo, outras foram celebradas em diversas igrejas de São Paulo e Santos.

No 30º dia de seu falecimento as homenagens fúnebres foram prestadas na Capela do Cemitério do Carmo junto ao túmulo em que Monsenhor Passalacqua foi sepultado.

Às 8 horas do dia 12 de julho foi celebrada a Missa da família enlutada e às 8,30 horas a da Ordem Terceira do Carmo, sendo celebrante o Revmo. Comissário Interino Pe. Dr. Bernardo Cabrita.

A absolvição foi dada junto ao jazigo. A assistência foi numerosíssima, vendo-se entre ela, além da Família Passalacqua e os Irmãos Terceiros da Ordem, representantes da imprensa, de todos os Institutos de sua fundação, do clero regular e secular e de muitas outras corporações religiosas de São Paulo.

Terminado o ato da absolvição, foi inaugurado, junto ao epitáfio do mausoléu, um grande bronze com a efígie de Monsenhor Passalacqua, obra do artista Fernando Frick, com os seguintes dizeres:

*"Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua  
Passou a vida fazendo o bem.  
Oremos por ele. \* 7.V.1858  
† 12.VI.1920"*

Nesta ocasião falaram o médico Dr. Ulisses Paranhos, o Irmão Terceiro João Lourenço e o Comissário Interino Pe. Dr. Bernardo Cabrita.

Os jornais de São Paulo, de Santos e alguns da Itália deram a mais ampla cobertura ao falecimento de Monsenhor e às homenagens póstumas que lhe foram prestadas. A Câmara Municipal de São Paulo, na sessão de 20 de julho presidida pelo Barão Raimundo Duprat, "consignou em ata um voto de profundo pesar pelo infiusto falecimento do preclaro sacerdote Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua".

Monsenhor morreu, mas vive e viverá sempre nas suas obras, no coração de seus amigos e de todos quantos tiveram a ~~aventura~~ de conhecê-lo.

\* \* \*

Monsenhor Passalacqua foi sepultado no túmulo n. 10 da quadra 10, do Cemitério do Carmo, aí permanecendo até o dia 12 de junho de 1976, quando os seus restos mortais foram transladados para a cripta da igreja do Carmo, como veremos no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO X

### MONSENHOR MANFREDO LEITE

O lugar vago pelo falecimento do inesquecível Monsenhor Passalacqua foi ocupado pelo então Cônego Manfredo Leite, um dos seus melhores amigos.

O seu nome fulgurava brilhante entre o alto clero da Arquidiocese e entre as figuras de elite do nosso meio intelectual.

O seu prestígio de sacerdote e orador sacro foi grande. Membro da Academia Paulista de Letras, ele será sempre lembrado como o notável orador que atraía admiradores do seu talento das mais longínquas distâncias, para ouvir a sua palavra.

Não havia ninguém que o não conhecesse, que não se tivesse entusiasmado ante a irradiações fortes de sua palavra burilada, luminosa, arrebatadora e castiçamente portuguesa, atirada às multidões pelos seus lábios privilegiados de orador do alto púlpito das nossas igrejas.

Sempre que se espalhava a notícia de que o festejado orador Manfredo Leite ia falar, os templos enchiam-se, e, todos os que apreciavam as boas letras e amavam a boa doutrina, disputavam um lugar em que melhor o pudessem ver e em que nenhuma palavra lhes escapasse. Nos dias festivos a Igreja do Carmo era pequena para conter a assistência de pessoas que vinham de longe para ouvi-lo pregar.

O verbo saía-lhe dos lábios dardejante, inflamado, impetuoso como uma catadura de pérolas, vibrante, clara e ardente como um sol em pleno zênite.

Aos burilamentos da frase sabia ele sempre unir os brilhos do raciocínio, as florações da erudição e a rigidez do argumento.

Sem desdouro para os grandes oradores da nossa terra, Monsenhor Manfredo Leite foi o príncipe de todos eles.

Dotado de um talento invejável, ele soube honrar com as luzes do seu saber não simplesmente a tribuna sagrada mas também a cátedra de nossas escolas.

No Seminário e no Ginásio Diocesano foi um dos lentes mais ilustres, e na Faculdade de Filosofia e Letras um dos seus docentes mais distintos e apreciados.

Se o agitasse a asa da ambição, ele teria escalado sem grandes dificuldades a muralha gloriosa das posições políticas, porque dotes não lhe faltavam, e mais de uma vez os políticos de sua terra lhe tinham aberto caminho para os triunfos de sua palavra soberana e para as vitórias de seus ideais puros de patriota.

Preferiu porém viver escondido na roupeta humilde de seu sacerdócio, aparecendo somente quando o seu zelo de padre obrigava a levar as formosuras da verdade e os deslumbramentos do bem às turbas famintas de ideal e de luz.

Como amigo, era o melhor dos amigos, sempre franco e sincero, sempre leal e generoso.

Os colegas sentiam-se felizes com a sua amizade; todos os que lhe dispensaram um pouco de afeto encontraram nele uma alma feita de bondade, condescendência de sentimentos nobres e dedicação cativantes.

Caráter firme, disposição para a luta, independência e coragem foram traços que definiram e marcaram a personalidade de Monsenhor Manfredo Leite.

\* \* \*

Monsenhor Manfredo Leite (João Nepomuceno Manfredo Leite) nasceu em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, a 16 de maio de 1876. Foram seus pais Higino Honorato Leite e Leonarda Balbina Leite, oriundos de velho tronco paulista.

Seus primeiros estudos foram feitos no afamado colégio de Caraça, no Estado de Minas Gerais. Teve entre colegas muitos que mais tarde tiveram grande projeção na política e na sociedade como Afonso Pena Júnior e Fernando Mello Vianna. Fez os cursos de Filosofia e Teologia no Seminário do Rio Comprido, no Rio de Janeiro, cujo Arcebispo Dom João Esberard lhe conferiu as ordens de Subdiácono e Diácono.

No dia 25 de março de 1889 recebeu o Presbiterato das mãos do então Arcebispo daquela Arquidiocese, Dom Joaquim Arcôverde Cavalcanti, de saudosa memória.

Depois de ordenado seguiu para sua terra natal, onde se conservou durante quatro anos, desempenhando aí com inexcedível zelo o "munus" paroquial, como Vigário da Freguesia de São José.



MONSENHOR MANFREDO LEITE  
**Protonotário Apostólico "ad instar participantium"**  
Diretor Espiritual da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, de 25.VII.1920 a 18.III.1969

Foi deputado no Congresso Estadual de Santa Catarina, durante três anos. Foi amigo íntimo de Hercílio Luz, seu compadre duas vezes. Eleito deputado federal pelo mesmo Estado, e ocupando o segundo lugar na chapa, não foi reconhecido devido a militar nas fileiras do partido da oposição ao supremo chefe o senador Lauro Muller.

Vindo para São Paulo em 9 de novembro de 1903 com Dom José de Camargo Barros, que fora para aqui transferido da Diocese de Curitiba a que pertencia então Santa Catarina, o talentoso sacerdote distinguiu-se logo pela sua eloquência na tribuna sagrada e pelo acendrado zelo em seu ministério sacerdotal.

Foi professor de Lógica e Literatura no Ginásio Diocesano, Cura da Sé Catedral, Vigário em comissão da paróquia de Atibaia, administrador da Basílica de Aparecida quando se declarou a grande guerra de 1914, ocasião em que a autoridade Arquidiocesana julgou prudente substituir os religiosos alemães nos cargos que ocupavam nessa época.

Foi professor de Literatura da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, agregada à Universidade de Louvain da Belgica.

Foi nomeado em 28 de julho de 1907 Cônego Catedrático do Cabido Metropolitano, do qual já era 1º Apontador e já fora Secretário.

Em 1918 foi convidado e não aceitou o importante cargo de Visitador da Arquidiocese.

Fez parte da Comissão Tridentina, na administração temporal, lugar para o qual foi eleito pelo Cabido.

Entre os seus títulos destacaram-se o de Cônego Honorário da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, e o de Protonotário Apostólico "ad instar participantium".

Foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras em 28 de novembro de 1909, Membro Titular da Cadeira n. 23, onde se notabilizou pela sua atuação, deixando uma apreciável folha de serviços prestados. Foi redator Chefe da "Gazeta do Povo", redator do extinto diário católico "São Paulo", órgão oficial da Arquidiocese.

Monsenhor Manfredo Leite deixou nos seus livros "Duas Almas", "Seara", "In memoriam", "Ontem e hoje", "A Catedral de São Paulo", "Maria Glorificada", "Saudades", "A Educação", em discursos, sermões e conferências, artigos de jornal e páginas esparsas, o testemunho de sua fé, de seus princípios morais, de sua

cultura humanística, de seu valor literário e de seu culto pelos ideais que dignificam a vida.

Entre as obras às quais ele se dedicou, no seu ministério de bem servir, é de mencionar com prioridade a Ordem Terceira do Carmo, para o qual foi nomeado Comissário por Dom Duarte Leopoldo e Silva em 25 de julho de 1920, cargo que ocupou até 18 de março de 1969, quando faleceu.

Quarenta e cinco anos de trabalho permanente e devotado, seja nos postos de direção, no Conselho ou como Assistente Eclesiástico, valeram a Monsenhor Manfredo Leite o título de Sócio Benemérito e sua inscrição no "Livro de Ouro" da Associação Santa Teresinha. No recolhimento de Carapicuíba todos ainda sentem falta do grande benfeitor.

A Associação das Mães Cristãs, fundada em São Paulo em 1899 por Monsenhor Camilo Passalacqua, secundado por um grupo de senhoras da melhor sociedade Paulistana, após a morte do seu fundador em 1920 encontrou em Monsenhor Manfredo Leite o diretor idôneo que iria conduzi-la pelo espaço de quase meio século, com a exação que lhe era peculiar, no desempenho de qualquer de suas tarefas. Ele foi o guia sábio e seguro que nunca faltou.

\* \* \*

Monsenhor Manfredo Leite faleceu às 23 horas do dia 18 de março de 1969, na rua do Carmo, n. 44, onde residia. A notícia do seu falecimento causou a mais profunda consternação nos meios intelectuais brasileiros, sobremaneira na nossa Ordem.

No dia seguinte ao seu falecimento — dia de São José — seu corpo foi velado na capela-mor da Igreja da Ordem, onde foram celebradas duas Missas de corpo presente: às 8,30 horas pelo Revmo. Pe. Subdiretor Cônego José Pascoal Christofaro, e às 14,30 horas pelo Revmo. Pe. Waldemar Conceição. Às 15 horas, após a encomenda feita pelo Revmo, Bispo Auxiliar e Vigário Geral da Arquidiocese, Dom José Lafayete Ferreira Alves, o féretro saiu para o cemitério particular da Ordem Terceira. A Missa de 7º dia foi celebrada por sua Eminência Dom Jayme de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, que veio especialmente para prestar sua última homenagem ao seu grande amigo e conterrâneo.

Ao baixar à sepultura o nosso cc. Irmão Dr. Galileu Cintra, falando em nome dos Irmãos Terceiros do Carmo, proferiu a seguinte oração fúnebre:

"Incumbiram-me irmãos da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de vir trazer diante desta campa que se abre para recolher os despojos perecíveis do eminent prelado Monsenhor João Nepomuceno Manfredo Leite, que foi por largo tempo nosso querido Diretor Espiritual, os nossos sentidos adeuses na hora cruciante da despedida, para vir trazer os nossos corações contritos, pejados de infinita tristeza.

Pastor de almas como Cristo preconizava fossem os seus amados discípulos; guia espiritual inexcedível no cumprimento do dever, e nas prescrições morais do nosso sodalício, o seu trespasso inopinado envolveu-nos de tão dolorosa emoção, que a custo podemos sofrê-la, e dificilmente expungi-la, a fim de cumprir nossa delicada missão.

Desde tempos imemoriais do paganismo — pregava o Padre Bourdaloue, insigne orador do púlpito francês — “já se entendia que a grande mestra da vida para um aperfeiçoamento moral era a meditação sobre a morte”. E quando a ceifadora de vidas arrebata dentre os vivos, de nosso convívio amorável e religioso, um tão notável sacerdote — cheio de virtudes e inteligência — o mistério que circunda a morte mais se dilata, obrigando-nos a profunda meditação sobre a transitoriedade da vida terrestre e a perenidade da alma. Ela era como a pedra do poeta Rollinat de que nos conta Humberto de Campos: “a água, por mais escura que passasse pelos seus dedos, não lhe deixava, jamais, a menor partícula de limo nas mãos”. Ainda há pouco nos extasiava com suas homilias na hora do Evangelho, verdadeiras filigranas de lições morais e religiosas.

Era então de ver o seu pensamento cristão fluir docemente sobre a nossa vida em sociedade, recriminando, por vezes, esta, em seus excessos materialistas, em suas omissões de boa vontade; desblaterando os maus em suas ações transversoras; tudo com o fito de aprimoramento moral, entretecido de uma linguagem de encontro irresistível. E meditando agora sobre a sua morte, a nossa mente se povoa daqueles sábios conselhos, daqueles levantados ensinamentos, ditos de forma suavemente paternal, os quais, pela vida em fora, guardamos em nossos corações indelevelmente.

Conta-se que debaixo da sepultura de Santa Ermelinda, muitos anos depois de sua morte, as monjas abrindo-lhe o túmulo encontraram um jorro de água límpida, que purificava e curava. Não sei se acontecerá o milagre, mas estou certo de que a inscrição do seu nome no lápide do túmulo despertará ainda mais a nossa fé, incentivando a prática do bem, o que em vida ele tanto propugnou.

Empolgante tributo do púlpito sagrado, em dado momento polarizou coma fama da sua eloquência o mundo católico paulis-

tano, que acorria a ouvi-lo em seus sermões famosos: ninguém o excedia nos segredos da paranética.

Havia nele, em sua vida intelectual e religiosa, um substrato constante e inseparável, sempre atuante nas suas pregações, que o distinguia e o destacava; o culto de humanismo cristão, à luz de Santo Agostinho ou de Korgread, ou segundo o conceito insinuante de um professor-filósofo: "a auto-consciência de um ser existentes, cruzamento de contrastes e paradoxos de inamovíveis perplexidades, a fraqueza e a glória de um ser limitado e aflito, no abismo da angústia reveladora do liame sobrenatural com o divino que o transcende".

Pela sua independência, pela sua exuberante personalidade, pela mistura na sua oratória de emoções patrióticas e religiosas; pelo tom alti-eloquente das suas orações, Monsenhor Manfredo Leite representava, entre nós, os últimos vestígios da eloquência clássica sagrada.

Beletrista acatado nos meios literários, em todas as manifestações intelectivas em que se empenhou, sempre afirmou a sua preexcelência.

Aqui só há lugar para falar do sacerdote, de sua vida exemplar de eclesiástico; do beletrista, do artista da palavra falada ou escrita, membro conspícuo da Academia Paulista de Letras, certamente outros se encarregarão.

Cícero, numa das suas obras de pensamento profundo, deixou dito, e depois repetido por Plínio, o moço: "a felicidade na vida consiste em fazer coisas e atos que sejam dignos de ser escritos, ou compor escritos que mereçam ser lidos". Ora, todos os atos que ele praticou, ou brotaram de sua pena de escritor, ou assomaram aos seus lábios de orador, foram dignos de ser escritos, lidos e ouvidos. Qualquer que fosse o gênero de composição que versasse, já estava o sináculo da perfeição e da superioridade.

A nós, agora, cumpre cultuar a sua memória, empolgando as suas obras e exemplos, não os deixando perecer. O "non omnis moriar" do poeta latino à posteridade católica tem o dever de repetir-se, consagrando-o no seu julgamento.

Com o desaparecimento dentre os vivos de Monsenhor Manfredo Leite a Igreja paulista perde uma das suas figuras notáveis, de alto relevo, resplendor de nossa Igreja; a Igreja Universal, um baluarte inexpugnável de sua defesa; e a sociedade um varão de Plutarco dobrado de um coração de ouro.

A Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, diante da irreparável perda de Monsenhor Manfredo Leite, prosta-se genuflexa, com os olhos marejados de lágrimas".

Em seguida o Dr. Pedro Oliveira Ribeiro Neto, presidente da Academia Paulista de Letras, falando em nome desta, pronunciou o seguinte elogio fúnebre:

"Não chegou, o nosso querido Monsenhor Manfredo Leite, a receber da Academia Paulista de Letras a homenagem que se lhe resolveu prestar no dia do seu aniversário a 16 de maio deste ano, como único sobrevivente dos 40 fundadores da Academia, no seu 60.<sup>º</sup> aniversário de vida literária.

Chamou-o Deus à Sua presença, com a Sua voz de doçura infinita, para celebrar a Seus pés divinos a Missa perene da adoração. E essa voz, inaudível aos ouvidos físicos do homem, como um sopro apagou a chama bruxuleante da sua alma, que o corpo carregava há quase um século como uma flor de luz.

Dela nos vieram, durante decenios que desejariamos multiplicados, os ensinamentos de Bondade, de Amor e de Paz que se continham nos famosos e formosos discursos e sermões de Monsenhor Manfredo, na direção dos homens. Poucas vozes ouviu São Paulo, em mais de quatrocentos anos, brotadas dum púlpito, na altura da eloquência, da profundidade e da beleza da palavra que ora se extinguiu.

Neste ano comemorativo da Academia Paulista, aí está a saudade, roxa e dolorida, que depomos no sólio do mais alto grêmio literário de São Paulo, a avisar aos caminhantes que curvem o joelho diante dessa cruz, que Monsenhor Manfredo Leite carregou como um símbolo da nossa crença, com as suas mãos consagradas e a sua alma luminosa.

Que neste instante a Virgem Nossa Senhora do Carmo acolha sob o seu escapulário o filho dileto da Igreja, que lhe deu tanto brilho e tanto amor.

De joelhos, a Academia Paulista de Letras ergue a Deus esta oração, que São José, Padroeiro da Boa Morte, no seu dia de glória há de endossar junto ao Senhor".

Monsenhor Manfredo Leite foi sepultado no jazigo dos Diretores da Ordem, no Cemitério do Carmo. De suas mãos recebemos pessoalmente suas disposições de última vontade:

"Minhas últimas vontades.

Por cima da roupa com que a morte me tenha colhido quero apenas uma batina preta. Nada de paramentos. Simples batina. Nos pés, meias, e nada mais.

Enterro de terceira classe, e se possível anunciar na imprensa a minha morte depois que eu estiver enterrado. Na minha sepultura não quero túmulo. Apenas uma laje com esta inscrição: "FIDEM SERVAVI".

Estas últimas disposições retratam perfeitamente a figura inconfundível de Monsenhor Manfredo Leite.

\* \* \*

No dia 20 de maio de 1969 a Academia Paulista de Letras promoveu uma sessão em memória de Monsenhor Manfredo Leite, cabendo ao ilustre acadêmico Paulo Nogueira Filho, de saudosa memória, discorrer sobre os diversos aspectos da personalidade multiforme de Monsenhor Manfredo Leite, tais como o de orador sacro e profano; o de cidadão consciente de seus deveres cívicos; o de amigo querido de seus deveres cívicos; o de amigo querido de seus amigos; de afeiçoados aos animais; e, ainda, sobre fatos merecedores de registro de sua vida pública e particular, bem como sobre seus derradeiros dias, disposições de última vontade e morte.

O Diário de São Paulo do dia 25 do mesmo mês, na "coluna do Marcelino", publicou a seguinte notícia que ora destacamos:

"Foi solene e emocionante a sessão que a Academia Paulista de Letras promoveu, na última terça-feira, dia 20, em memória de um de seus membros, recentemente falecido, monsenhor Manfredo Leite. Uma dessas tardes paulistas de crepúsculo aberto e colorido. O salão da Academia estava repleto e houve gente que não conseguiu sentar-se e ficou o tempo todo de pé. A Venerável Ordem Terceira do Carmo estava representada com garbo, tendo à frente o Prior, Dr. Raul Leme Monteiro, o Diretor, Cônego José Pascoal Christofaro, Paulo Suplicy, Álvaro Pinto de Aguiar, Dr. Nelson Malheiro, Dr. Alcides Ribeiro, Dr. Nelson Carvalho, a Priora Clélia Palmério Roza e outros irmãos e irmãs das Mesas Administrativas da Ordem. O Ginásio do Carmo tinha, como seu delegado, o próprio reitor, e os alunos deram um colorido todo especial com sua reação às palavras dos dois oradores que discorreram sobre a vida e morte de monsenhor Manfredo Leite: Paulo Nogueira Filho e Cesar Salgado. Lá estavam também as Mães Cristãs, levadas por dona Wilma Ferreira de Araujo e as Irmãs do Asilo Santa Teresinha, representando dona Marina Mesquita. O prefeito enviou representante, o Sr. Guilherme Pedroso. Entre os acadêmicos — todos acompanhados de suas senhoras — contamos Guilherme de Almeida, Ernesto Leme, Leão Machado,

Vicente de Azevedo, Carlos Alberto Nunes, Mario Gracioli e a caçula dos imortais, Maria de Lourdes Teixeira, ainda não empossada em sua cadeira, o que se dará brevemente. Presidiu a sessão e com alta valia, Pedro de Oliveira Ribeiro Neto. Na platéia, dona Ana Rau, sra. Milton Marcondes, dona Burguetinha Pestana, que é a Mãe Cristã mais antiga e progenitora de Paulo Pestana; dona Lucia Revoredo, dona Maria Sá Moreira, Luiz Paranaguá, Paulo e Hermann Revoredo, Francisco de Paula Vicente de Azevedo, dona Elza Rezende, Alcyr Porchat, Alberto Prado Guimarães, Paulo Nogueira Neto e seus dois filhos, o pintor Paim e inúmeros representantes das classes literária e artística de São Paulo.

O retrato do homenageado estava colocado junto à mesa com um simples ramo de flores.

Como documentação viva, salientamos este trecho da oração do acadêmico Paulo Nogueira Filho, que vale ser revelada como documento humano:

"Nos primeiros dias de março, desapareceram as últimas esperanças de que Monsenhor pudesse sobreviver, dada a agravação irremediável de seus padecimentos. Na manhã de terça-feira, dia 18 de março de 1969, tivemos a notícia, dolorosamente esperada, de que estava "nas últimas". Sua empregada, Benedita, por volta das 7 horas |da tarde, por ordem dele, chama Ana Maria, minha mulher, uma de suas afilhadas diletas. Chegando à casa, ela o encontra ainda no escritório. Estava à sua espera. Iria para o quarto onde então conversariam. Na casa, permanecia apenas um grupo de fiéis amigos. Com dificuldade levaram-no até o leito no andar superior.

Depõe Ana Maria: Assim que entrei no quarto, com um olhar de tristeza que nele desconhecia, mas voz firme e com lucidez impressionante, começou a falar: "Minha filha, a morte já bateu à minha porta diversas vezes... mas hoje... é a definitiva; eu quero ir mesmo; ando muito cansado; tenho sofrido muito; não fique triste; fui um homem a quem Deus muito protegeu; realizei o que mais quis; minha vida de sacerdote foi coroada de êxito; amigos, tive uma legião deles que me acompanharam em todas as horas; Galeno, seu pai, foi dos maiores; o Raul Leme Monteiro foi para mim um filho e sua mulher Marilandis o meu anjo tutelar; a Benedita, uma dedicação de vinte anos; morro cercado de carinho e de conforto; você, minha afilhada, uma jóia eclesiástica — raio de sol em minha vida!" Nesse momento, é ainda Ana Maria quem fala: eu soluçava. Disse-me, sem alteração em sua voz: "Não faça isso — eu vou em paz; tenha coragem; nunca deixei de rezar pela |sua felicidade". Nesse momento pediu-me que apagasse a luz, pois queria repousar

um pouco. Assim, de mãos dadas, despediu-se de mim. Esperei que adormecesse para deixar o quarto. Eram pouco mais de 8 horas da noite.

Completamente aturdida pela emoção, Ana Maria vem à casa, para re refazer. Não teve tempo de encontrá-lo ainda com vida. Às 11 da noite deixa a sua luz de cintilar no convívio dos homens; passa ao esplendor da paz de Deus. Seus funerais surpreenderam pela ausência de inúmeros amigos que não podiam faltar ali, naquela hora. O nobre Prior do Carmo, Dr. Raul Leme Monteiro, explica a uns e outros que o fato era devido a certa determinação expressa do Monsenhor; o anúncio do seu falecimento só devia ser feito depois de seu enterro! Na verdade, não fora só essa a recomendação do morto sobre seus funerais. O Prior, que recebera as disposições da última vontade das mãos do Monsenhor, a 14 de julho de 1966, na hora das aflições por que passou no transe da morte de seu estremecido amigo, recordou-se dessa determinação e a cumpriu deslumbrado. Outra das vontades contida no mesmo documento diz: "Por cima da roupa com que a morte me tenha colhido quero apenas uma batina preta. Nada de paramentos, simples batina. Nos pés, meias e nada mais. Enterro de terceira classe. E se possível anunciar na imprensa a minha morte, depois que eu estiver enterrado. Na minha sepultura não quero túmulo. Apenas uma laje com esta inscrição: "Fidem Servavi". Peço encarecidamente sejam observadas estas minhas vontades".

Diante do esquife do Duque de Guise, Henrique III da França teria exclamado: "Morto parece ainda maior do que vivo". Contemplando o corpo inanimado do Monsenhor Manfredo Leite no velório da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, veio-me à mente esta frase atribuída por Troppel a Bousset: "O Universo não tem nada maior do que os grandes homens modestos". O nosso Monsenhor, morto, não parecia maior do que vivo. Grande homem modesto, com essa dimensão passa à eternidade!"

\* \* \*

No notável discurso proferido na Academia Paulista de Letras, no dia 20 de maio de 1969, na sessão em memória de Monsenhor Manfredo Leite, o ilustrado acadêmico e escritor J. A. Cesar Salgado assim se expressou:

"Foi durante o retiro dos Irmãos da Ordem 3<sup>a</sup> do Carmo, no dia 8 de março de 1969.

Após as orações, Monsenhor Manfredo Leite ergue-se na Capela-Mor, junto ao altar.

Como em todos os anos, desde velha data, ia ouvir-se a sua palavra, ansiosamente desejada.

No templo, até o silêncio parecia aguardar a voz do grande orador. Ele se mostra, de pé, imóvel, mudo, como presa de súbita inibição.

Por que tardava tanto em falar?

Em dado momento, os que lhe estavam mais próximos perceberam que ele se esforçava por dizer algo inaudível. Era um murmúrio de sons inarticulados. Nos olhos de Monsenhor Manfredo Leite reflete-se toda a angústia daquele transe inexorável.

Ele não conseguia falar! Faltava-lhe a palavra, o mais precioso de seus dons! A palavra que lhe servira de instrumento perfeito para comunicar suas idéias, suas emoções, sua sensibilidade de artista. A palavra que era a sua própria alma!

Naquele instante, Monsenhor Manfredo Leite sentiu que havia morrido para o mundo. E saiu, de improviso, como a fugir, sem um gesto de despedida, direto à sua casa, para esperar a morte.

E a morte veio, dez dias depois, selar para sempre os lábios daquele que havia sido uma das grandes vozes do púlpito brasileiro."

\* \* \*

Monsenhor Manfredo Leite foi sepultado no jazigo dos Pais Diretores da Ordem, do Cemitério do Carmo, onde permaneceu até o dia 12 de junho de 1976, quando os seus restos mortais foram transladados para a Cripta da Igreja do Carmo, como veremos no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO XI

### TRANSLADO DOS RESTOS MORTAIS DO MONSENHOR DR. CAMILO PASSALACQUA E DO MONSENHOR MANFREDO LEITE PARA A CRIPTA DA IGREJA DO CARMO NO DIA 12 DE JUNHO DE 1976

**D**esejando prestar uma significativa homenagem póstuma aos seus inesquecíveis e saudosos diretores espirituais Monsenhor DR. CAMILO PASSALACQUA (de 1872 a 1920) e Monsenhor MANFREDO LEITE (de 1920 a 1969), proeminentes vultos do clero brasileiro, resolveu a Mesa Administrativa, na reunião de 8 de novembro de 1975, transladar os seus restos mortais do Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, onde se encontravam, para a cripta da Igreja do Carmo, ficando aí para sempre expostos à veneração dos fiéis e de todos que os conheceram.

Concretizando esse desejo, a Mesa Administrativa procedeu à transladação no dia 12 de junho de 1975, data do 55º ano do falecimento do Monsenhor Passalacqua, com a seguinte programação:

Às 8,30 horas, o Cônego José Pascoal Christofaro, Diretor Espiritual da Ordem, fez a encomendação dos restos mortais na Capela do Cemitério, na presença do Professor Dr. Ernesto de Moraes Leme e do Dr. José Pedro Leite Cordeiro, ambos membros e representantes da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; achava-se também presente o Irmão Terceiro Álvaro Pinto de Aguiar, da Mesa Administrativa da Ordem.

Às 8,35 horas as duas urnas que continham os restos mortais, colocadas num rico andor dourado do século XVIII coberto de flores, foram transladadas num carro especial do Corpo de Bombeiros para a Igreja do Carmo, onde chegaram às 8,45 horas; aí, sa-

porta de entrada estavam aguardando todos os membros da Mesa Administrativa, Irmãos Terceiros, Membros da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, representantes da imprensa, parentes de Monsenhor Passalacqua e do Monsenhor Manfredo Leite, de São Paulo, do Rio, do Paraná e de Santa Catarina, Irmãos de São Vicente de Paulo, da Casa Pia de São Vicente de Paulo e do Instituto João e Raphaela Passalacqua.

Assim que o carro do Corpo de Bombeiros parou em frente à escadaria da igreja, os sinos repicaram festivamente para saudar a chegada dos antigos Diretores Espirituais que retornavam para sua própria casa, sua própria igreja, que continuará a ser deles, recebidos com o mesmo carinho que receberam em vida dos seus queridos filhos como eles os chamavam.

Ao entrar na igreja literalmente cheia, o andor, carregado por dois bombeiros e Irmãos Terceiros, foi levado até o altar-mor, e colocado em frente a ele, onde foi celebrada Missa "in memoriam" pelo Diretor Espiritual da Ordem, Cônego José Pascoal Christofaro. Os componentes do coro cantaram emocionados desde a entrada do andor até ser depositado ante o altar, chegando mesmo a verter lágrimas.

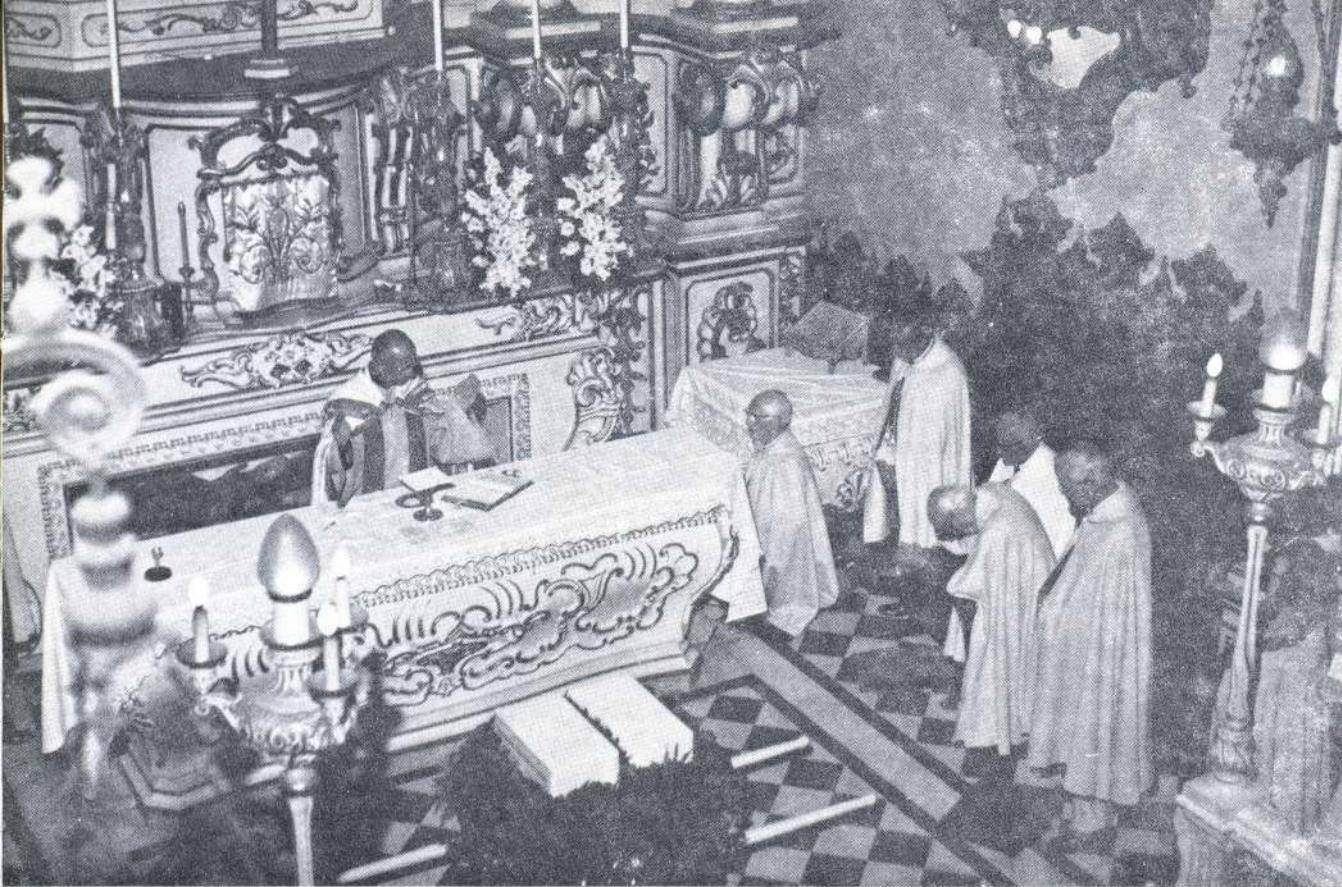
Após o evangelho, em breves palavras falamos sobre esses vultos que se agigantaram na passagem por este sodalício e que permanecerão na cripta da Igreja do Carmo até o fim dos tempos.

A seguir o Dr. Mario Savelli, representante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, proferiu a seguinte oração a Monsenhor Passalacqua, que transcrevemos integralmente:

"Estamos prestando exéquias a duas criaturas que se completaram nos serviços prestados a Deus e à Humanidade.

A obra de Monsenhor Manfredo Leite, em pontos vários, é o prosseguimento da de Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua, que Nossa Senhora do Carmo acolheu sob seu escapulário a 12 de junho de 1920, após 39 anos de exemplar sacerdócio.

O Instituto Histórico e Geográfico, que aqui represento, em sessão de 21 de junho de 1920, na palavra douta de Afonso de Freitas e de Lellis Vieira, rendeu homenagem sentida e devida ao titular ilustre que ainda pouco antes de falecer de sua tribuna pronunciara magistral palestra sobre um tema fascinante e historicamente polêmico: "Santo Thomé na América". Decorridos 56 anos,



As duas urnas com os restos mortais do Monsenhor Camilo Passalacqua e do Monsenhor Manfredo Leite, após a transladação do Cemitério do Carmo para a Igreja do Carmo, durante a Missa celebrada às 8,45 horas do dia 12 de junho de 1976, na Capela-mor, pelo Diretor Espiritual da Ordem, Cônego José Pascoal Christofaro.

minha voz é ainda eco daquele preito da douta casa que custodia nosso passado.

Camilo Passalacqua, senhor de acendrada vocação intelectual e de inexcedível religiosidade, não foi um contemplativo, mas, sim, homem de ação intensa, um infatigável e feliz realizador, do qual transparecia na imponência da figura física a dignidade da figura moral. Encarnou admiravelmente o pensamento de Lacordaire — “Viver é agir, agir é produzir e produzir é tirar de si alguma coisa igual a si”.

Nasceu em plena primavera da bela Itália, em maio de 1858, em Scalea na província de Cosenza, região amena da qual Varro mencionou as macieiras fruteantes duas vezes ao ano e Plínio gabou os generosos vinhos. Dali o menino Camilo, com os progenitores, muito cedo partiu, para, após curta estada na França, chegar à nossa, então tranquila, cidade. Em 1878, após com brilho superar os preparatórios, matriculou-se no Seminário Diocesano. Fez curso destacado e ordenou-se em 1881. Logo após, pelos reconhecidos méritos intelectuais e pela vocação pedagógica, integrava o corpo docente do Seminário. No púlpito, no confessionário e na cátedra destacou-se pela apostólica dedicação. Em 1888, o ano da Alforria, foi escolhido para Promotor de memorável Sínodo Diocesano, do qual participaram cerca de 200 sacerdotes. No mesmo ano, após brilhante concurso, foi nomeado professor de Pedagogia e Metodologia na Escola Normal.

No Episcopado de D. Joaquim Arcoverde — que se tornaria, em 1905, o primeiro Cardeal Latino-Americano — fundou, em 1886, a Associação das Damas de Caridade, destinada a socorrer material e espiritualmente, em seus domicílios, os enfermos desprovidos de recursos. Após curto interregno como pro-Pároco da paróquia da Conceição de Campinas, retorna a São Paulo onde, por Provisão de 29 de fevereiro de 1892, é nomeado Comissário da Venerável Ordem Terceira do Carmo, entidade que, desveladamente, serviu por mais de 28 anos. Para expandir o culto externo, complemento do que deve dominar o coração dos filhos do Carmelo, tornando-os portadores da mensagem de Cristo aos que ainda não são do seu grêmio, estabeleceu conferências trimensais e o retiro anual. A Ordem continua a exemplarmente cumprir a nobre missão estimulada nos primórdios pelos escritos

e pela vibrante expressão oral de Monsenhor Passalacqua.

Em 1895 assumiu a Reitoria do Seminário Episcopal, realizando notáveis reformas na estrutura e na disciplina do ensino ao clero e a jovens destinados a profissões leigas. Pelo seu labor, o Santo Papa Leão XIII agraciou-o com o título de Camareiro Secreto.

Afastando-se da Reitoria, passou a dedicar-se essencialmente à Venerável Ordem, e, para ampliar-lhe a ação benéfica, cogitou da fundação de um Externato anexo à Igreja. Assim, em 1899, surge — para a proficiente orientação dos Irmãos Maristas — o Ginásio Nossa Senhora do Carmo, do qual o imenso elenco de valores egressos do corpo discente evidencia, de forma meridiana, os méritos.

O zelo de Monsenhor Passalacqua não tinha, porém, limites, e funda a Casa Pia de São Vicente, abrigo de órfãos e meninos desvalidos de bens e, para emprego maior da caridade das virtuosas Irmãs Vicentinas, a Casa Pia "Patrocínio de São José". Cria, ainda a Associação das Mães Cristãs, sob patrocínio de Santa Mônica — paradigma de esposa, viúva e mãe cristã.

Em 1910, inovador na assistência social e comprendendo, vanguardero, a necessidade de ensino, adestrador para o trabalho remunerado, funda a Escola Profissional anexa à Casa Pia de São Vicente de Paulo. Em 1912, no Ginásio do Carmo, assistido sempre pela Ordem Terceira, estabelece aulas noturnas para operários, oferecendo-lhes ensino cristão. Nas lições de catecismo ministradas neste templo introduz o uso de projeções luminosas. Uma criatura permanentemente atualizada, diria um avançado e profícuo cultivador da vinha do Seminosa. Uma criatura permanentemente atualizada, diria um avançado e profícuo cultivador da vinha do Senhor.

Em seu último retiro espiritual, sempre voltado para o amanhã melhor — homem de realizações, mas também, de ciência e cultura literária —, propõe, com pronta e plena aceitação dos Irmãos Terceiros, a instalação de uma biblioteca. Não viveu para assistir à inauguração solene, mas, por certo, do Céu, abençoou mais essa sua obra de titã do labor espiritual e assistencial que teve a ventura de lavrar em seara fecunda: a Venerável Ordem Terceira do Monte Carmelo.

Seu funeral foi talvez o maior já realizado em São Paulo. A apoteose da afeição de toda uma cidade. Mas, a definitiva ausência física só fez avultar a veneração pela figura de permanente lidador das boas causas, e a mesma saudade, as mesmas preces e o mesmo respeito filial que, em preito de gratidão, lhe oferecíamos na sepultura do Campo Santo da Ordem Terceira vêm postar-se, para sempre, na cripta desta bela e antiga Casa de preces que — abençoando-o — viu São Paulo de Piratininga crescer até transmudar-se na maior Arquidiocese Católica do Orbe quando a ela retorna Monsenhor Camilo Passalacqua, que neste ambiente sagrado serviu em grau e sublimidade à nossa gente. Aqui as gerações surgentes evocarão a memória da criatura santa que da atividade sem hiatos em benefício da grei da qual era pastor bem amado legou-lhes, com uma obra de incommensuráveis dimensões, fruto do permanente otimismo construtivo, também, a excelsa lição contida nestas duas frases lapidares que respinguei num dos muitos magistrais discursos acadêmicos de Monsenhor Manfredo Leite, continuador de parte da abençoada e tão bem cumprida missão de Monsenhor Passalacqua: "Somente o bem é eterno! É preciso crer na vida e na primavera!"

Em seguida o preclaro acadêmico Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho proferiu a seguinte oração de exaltação de Monsenhor Manfredo Leite:

"Uma dinastia de priores do Carmo, da qual Raul Leme Monteiro é o quinto na mesma família, uma série de abnegados priores vem conservando para o enriquecimento do patrimônio religioso, cultural e artístico de São Paulo, esta antiga e tradicional Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Neste vetusto templo de mais de trezentos anos, ao redor destas mesmas maciças e pesadas paredes que resistiram aos séculos, à vista destes mesmos magníficos lampadários, ricas alfaias e ornamentais candelabros de prata, todos mais que centenários, neste local e nesta mesma posição em que ora me situo, pregava Monsenhor Manfredo Leite a fiéis que o ouviam enlevados. Esta era a sua casa e aqui ele exerceu, com dedicação e unção, o ofício de Ministro de Deus.

Disse o Apóstolo São Paulo: — "determinado é aos homens morrer uma vez. E monsenhor morreu. Transmudou-se em cinzas, em memória e em espírito.

Ali, à nossa frente, estão os restos, a poeira, as cinzas de João Nepomuceno Manfredo Leite, relíquias respeitáveis, venerandas cinzas daquele que foi, neste mundo, dignatário considerado da Igreja Católica, do homem de fértil cerebração e invejável aspecto físico, do consagrado orador, pregador, deputado, homem de letras, acadêmico. Trasladados do Cemitério do Carmo, os restos mortais de monsenhor agora recebem a nossa compungida homenagem, a nossa profunda reverência. Ele, que ali está, e mais monsenhor Camilo Passalacqua, outra eminente figura do clero paulista, em suas pequenas urnas, a seguir descerão rumo ao abafado silêncio da cripta da Igreja, onde se reunirão, lado a lado, às outras urnas que lá se encontram. Deus meu! O ambiente da cripta revela prenúncios da eternidade! Não é sepulcro! É cenário de algo sempiterno! Aqueles que lá se acham, ali permanecerão pelo decorrer dos séculos, até — e por que não? — até os apocalípticos dias do fim dos tempos.

Manfredo Leite morreu. Converteu-se em cinzas. Desfez-se no inanimado do pó. Mas deixou de si memória imortal. Pois a verdade é que ele revive na lembrança dos parentes e amigos que possuiu, dos admiradores que deixou, dos confrades que o admiravam, respeitavam e estimavam. Destarte, ele, que desapareceu pela morte, mereceu ter, aqui na terra, memória de sua existência, que ora estamos a recordar. Perdura o seu nome através dos ecos inextinguíveis de sua celebrada, notável oratória, refulge o seu talento nos escritos de sua lavra, e assinalado ele ficou na crônica, na história da cadeira que fundou e por sessenta anos ocupou na Academia Paulista de Letras. Em decorrência de preceito regimental, e nele se fundamenta a perenidade acadêmica, em cada renovação de titular da poltrona que foi de Manfredo Leite, ressurge ele nos méritos evocados e exaltados. Assim, a memória do preclaro sacerdote e distinto acadêmico aqui ficou e será cultuada e venerada enquanto existir a agremiação dos imortais de São Paulo. Bem-fadado ele, cuja lembrança vence a bruma opaca do esquecimento e sobrepaira na luminosidade da glória terrena.

Monsenhor morreu. E mudou-se em cinzas, em memória e em espírito. Morreu para o mundo e passou a

viver em Cristo. O seu espírito, bem o sabemos, todos aqueles que temos fé, alçou-se à região da verdadeira vida, e, segundo frei Heitor Pinto, a região "da vida sem morte, do contentamento sem arreio, do bem sem mal: da qual vida participam os santos". Monsenhor já se encontra, pelo que foi e pelo que praticou, na incógnita mansão do tempo ilimitado, da incessante serenidade, da durabilidade da beleza, do eterno deslumbramento perante a majestade de Deus.

José Maria Escrivá, em seu formoso e conhecido livro "Caminho", inseriu uma reflexão que vem a talho, que muito a propósito se aplica a Manfredo Leite: — "Realizará obra grande quem souber acomodar em si estas duas forças: o humano e o divino". Realmente, monsenhor, em elegante e bem composta existência terrena, conseguiu, com sabedoria e perícia, conciliar o humano com o divino. Amanhou ou dois campos aparentemente antagônicos. Neles semeou e frutificou. E na maturidade colheu e saboreou os valiosos frutos, os louros de uma vitoriosa trajetória nos setores profano e sacro. Assim, gozou de consideração e alcançou posição de relevo nos meios sociais e culturais do mais desenvolvido e importante Estado de seu País, ao mesmo tempo que, devotado ao serviço de Deus, mereceu categorizadas distinções honoríficas a ele outorgadas pela sua Igreja. Monsenhor soube, de fato, acomodar em si o humano e o divino. Fê-lo com prudência, com justeza, com propriedade, perfeição e retidão.

Para longe, para muito além do infinito, lá nas celestiais paragens, encontra-se a criatura de Deus que neste mundo se chamou João Nepomuceno Manfredo Leite. Bem-aventurada seja a sua alma".

Finalmente, no Salão Nobre, em frente aos quadros do Monsenhor Passalacqua e Monsenhor Manfredo Leite, na qualidade de representante dos parentes de Monsenhor Passalacqua, a Sra. Maria José Passalacqua Pereira pronunciou as seguintes expressivas palavras:

Sinto-me profundamente emocionada pela honrosa incumbência que me foi outorgada pelos meus familiares: a de agradecer às exmas. autoridades civis e religiosas, e a todos os bons amigos que aqui vieram prestar

uma homenagem póstuma ao Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua, nosso tio.

Sócrates disse 2.500 anos antes de Cristo: — tu serás eterno aqui na terra enquanto a humanidade de ti se lembrar!

Só os dotes do espírito e do coração em benefício de uma coletividade é que nunca feneçem, e aí está, para o todo e sempre, bem no âmago de São Paulo a rua Monsenhor Passalacqua.

Não viemos aqui para homenagear monopólios ou riquezas acumuladas, mas sim os efeitos de uma inteligência invulgar, do maior criador da sua época, do latinista erudito, do professor de português, literatura e pedagogia da única Escola Normal então existente, do escritor brilhante, do sacerdote e cidadão indômito.

E como um homem nunca fez nada sozinho, ele soube, como poucos, reunir ao seu redor uma plêiade de amigos de escol, entre os quais as figuras ímpares de D. Nêne e do Dr. Raul Ortiz Monteiro, que, tendo como alicerce o dinamismo do Monsenhor, fundaram as principais obras de benemerência da época, entre as quais, com especial carinho, queremos lembrar o Instituto João e Rafaela Passalacqua, nossos avós, que, como pioneiros de uma imigração que se iniciaria cinco anos depois, aqui aportaram em 1870.

Foram uns dos pioneiros que hoje são milhões!

As suas obras aí estão, tio padre, e muito melhor do que eu o poderia dizer, já foram citadas, e é pelos seus efeitos que esta Irmandade, mais de meio século após o seu falecimento, presta-lhe hoje a maior homenagem que um sacerdote pode esperar.

Por tudo o que sempre o senhor fez, nós, os descendentes de João e Rafaela Passalacqua, nos orgulhamos, e ao senhor e aos que aqui vieram enaltecer a sua obra imorredoura, o nosso mais profundo agradecimento, irmados todos na sua lembrança cuja existência foi um exemplo de que só o amor constrói, pois São Paulo já disse que Deus é o amor!

As urnas, sobre o andor, ficaram em exposição em frente ao altar de Nossa Senhora do Carmo até o próximo domingo, dia 20 de junho, quando, após a Missa, os Irmãos Terceiros transportaram-nas para a cripta da igreja, onde ficarão para sempre expostas

à veneração de quantos os conheceram como paradigmas de homens que passaram a vida fazendo o bem, servindo a Deus e glorificando a Santa Igreja Católica.

\* \* \*

Dentre as ilustres pessoas presentes às homenagens do dia 12 de junho, conseguimos anotar: Dom Ernesto de Paula, representando S. Eminéncia o Cardeal Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns; Desembargador Dr. Adriano Marrey Júnior; Embaixador Professor Dr. Ernesto de Moraes Leme, Dr. José Pedro Leite Cordeiro, Dr. Mario Savelli, Pe. Helio Abrantes Viotti e Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, todos membros da Academia Paulista de Letras; Monsenhor João Pavesio; escritores Alberto Prado Guimarães e Manoel Vitor; parentes do Monsenhor Passalacqua de São Paulo e do Rio de Janeiro; Julia Raphaela Passalacqua, Helena Passalacqua Ferreira, Elias Brizola Ferreira, Paulo Elias Ferreira, Antonieta Giacomo Passalacqua, Suzete aria Passalacqua, Maria José Passalacqua Pereira, Maria de Lourdes Passalacqua Frota, Maria Aparecida Passalacqua Godoy, Paulo Ruy Godoy Filho, aria Philomena Gopoy, Ana Lourdes Godoy, Olga Matera Passalacqua, Francisco de Paulo Passalacque Filho, F Matera Passalacqua, Francisco de Paulo Passalacqua Filho, Maria Alegretti Joli, Paudo, Marina Passalacqua; da Casa Pia de São Vicente de Paulo da Almeda Barros, compareceu D. Maria José Salgado acompanhada de vários alunos; do Instituto João e Raphaela Passalacqua compareceram Irmã Maria Lygia Vieira e alunos; das Irmãs de São Vicente de Paula compareceram Irmã Maria de Jesus, Irmã Maria da Glória, Irmã Luciana, Irmã Rita, Irmã Eucarestia e Irmã Luiza. Achavam-se presentes os seguintes sobrinhos do Monsenhor Manfredo Leite: vindos de Curitiba, Luis Reginato, sua esposa Marilia Reginato, e filha Isabel Reginato; vindos de Florianópolis, Lourival e esposa D. Maria do Carmo e filha Moema; Miriam e Marisa filhas de Milton Leite. Conseguimos anotar ainda os seguintes amigos e admiradores de Monsenhor Passalacqua e Monsenhor Manfredo Leite: Júlio Muller, Gilda Silveira, Odilia Sampaio Leal, Marcelo e Maria Giacomo de Oliveira, Fernão S. Reis Magalhães, Maria do Carmo Morato, Maria da Penha Bastos Diniz, Circe Marques Barros Martins, Dulce Ibiapina e Rosa Silveira.

## CAPÍTULO XII

### CEMITÉRIO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

**Q**uando, nos primórdios da colonização da terra de Santa Cruz, se fundou a Ordem Terceira do Carmo, São Paulo de Piratininga era uma cidade provinciana, cujos usos e costumes patriarcais bem denotavam o nível cultural de sua gente.

A carência de cemitérios era sentida de modo premente e as Irmandades Religiosas procuravam sepultar os seus mortos de acordo com as suas possibilidades.

A Ordem fazia, então, os sepultamentos dos Irmãos Terceiros, no jazigo que estava situado na sala onde hoje se encontra a biblioteca Monsenhor Camilo Passalacqua, nas paredes da capela-mor, da igreja e dos corredores e também sob a nave, no chão, em toda a extensão da Igreja, tendo para isso, mandado construir o seu piso, de molde que permitisse tais sepultamentos. O soalho era constituído de grandes retângulos de madeira que podiam ser removidos, deixando a descoberto as cavidades onde eram colocados os corpos dos Irmãos falecidos (as paredes da Igreja e dos corredores medem de 1,35 a 1,65 ms. de largura).

Na Igreja do Carmo foram sepultados Irmãos Terceiros bandeirantes, fundadores, homens ilustres como Pedro Dias Paes Leme (em 1633), pai de Fernão Dias Paes Leme, Pedro Taques de Almeida (em 1724), Libero Badaró (em 1830), Brigadeiro Francisco de Paula Macedo (em 1849) que veio ao Brasil com o regente D. João VI, em 1808, e que foi Prior da Ordem, Pe. Diogo Feijo (em 1843) e tantos outros.

Até o ano de 1867 os Irmãos Terceiros falecidos eram sempre sepultados na Igreja, salvo se durante a vida manifestassem expressamente seu desejo de serem sepultados em outro local,

como se infere pelo testamento de Amador Bueno da Veiga, lavrado a 18 de junho de 1718 que assim determinou:

"Sem embargo de que sou Irmão profeço da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, quizera que meu corpo seja sepultado no Collegio desta cidade de São Paulo donde sou fundador o que se conseguira quando o nosso Padre Comissário que no tal termo assistir com a meza e mais Irmãos me permitirem, e será meu Corpo amortalhado com o hábito de Nossa Senhora do Carmo. ...." (Este é um trecho do testamento que está arquivado sob o n. 14.962 no Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo)

Na sessão da Mesa Administrativa realizada em 13 de julho de 1856, foi lido um Ofício da Câmara Municipal, datado de 3 do mesmo mês e ano, em que eram pedidas as necessárias providências para a Ordem Terceira mudar o seu Jazigo para o Cemitério da Consolação, que estava sendo construído e prestes a ser inaugurado, como efetivamente o foi a 3 de julho de 1858. Ficou então resolvido que se representasse ao Governo da Província, solicitando autorização para a construção de um cemitério particular, de acordo com o desejo da Câmara.

Foi nomeada uma comissão composta dos Irmãos Revmo. Cônego Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, Major Hermenegildo José dos Santos, Lourenço Domingues Martins e José Gomes de Faria para, juntamente com a Ordem Terceira de São Francisco, promoverem a construção dos seus cemitérios.

A 26 de setembro de 1859, em reunião da Mesa Administrativa, foi lido o parecer da comissão encarregada da escolha do terreno para nele ser edificado o cemitério. Cogitava-se, então, de um terreno, pertencente a Felicio Fagundes, situado próximo à chamada Estrada do Carro, que ia a Santo Amaro.

Essa transação, porém, não foi efetuada e a Mesa Administrativa, em reunião de 16 de junho de 1866, resolveu solicitar da Câmara Municipal dois lotes de terreno para o cemitério, sendo o pedido enviado a 9 de novembro de 1867.

Por despacho de 21 do mesmo mês e ano a Câmara Municipal concedeu o terreno, medindo 203 palmos (44,66 ms) de frente para a rua (hoje Rua Sergipe), 386 palmos (84,92 ms) do lado do Cemitério dos Protestantes, 396 palmos (87,82 ms) ao lado da Estrada (hoje Cemitério da Consolação) e 193 1/2 palmos (42,57 ms) nos fundos, rente ao muro do Cemitério da Consolação, conforme consta do Título passado pela Câmara.



Cemitério do Carmo, na rua Sergipe, pertencente à Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo de São Paulo. Foi inaugurado a 12.XI.1868.

Em dezembro de 1867, foram iniciadas as obras do cemitério, graças a empréstimos e doações de Irmãos Terceiros.

No dia 12 de novembro de 1868 o Cemitério foi aberto na presença de grande número de Irmãos Terceiros revestidos de seus hábitos, os quais naquele dia, às 4 horas da tarde, saíram em procissão da Igreja do Carmo para o Cemitério; aí realizou-se a bênção do Cemitério pelo Prior do Convento do Carmo, Frei Manoel Ascenção Franco. No dia seguinte, dia 13, foi feita a primeira inumação com o corpo da Irmã Terceira Margarida Antonia da Silva.

Ficou então estipulada a quantia de 150\$000 (cento e cinquenta mil réis) anuais, correspondente aos vencimentos do Administrador do Cemitério, sendo o primeiro o Irmão Simão Luiz de Almeida. Seguiram-se outros Administradores que foram os Irmãos Joaquim José da Silva, João José Vieira Guimarães, Antonio Andrade de Souza e José Joaquim de Jesus França, sendo este o último administrador remunerado.

A 17 de setembro de 1871, a Câmara Municipal pediu fosse aberto um portão que ligasse os cemitérios, cabendo, a cada um, a metade das despesas. Este pedido foi rejeitado.

A 16 de maio de 1886, a Ordem Terceira do Carmo tratou da construção de uma Capela que foi orçada em 6:740\$000 (seis contos, setecentos e quarenta mil réis) pelo Engenheiro Dr. João Pinto Gonçalves, sendo nomeada uma comissão composta dos Irmãos Cônego Eugênio Dias Leite, Antonio Guimarães Barroso, Antonio Maria Chaves e João José Vieira Guamarães, para a fiscalização das obras.

Tendo falecido o Irmão Tenente General Jardim, legando à Ordem 8 apólices, resolveu a Mesa Administrativa, em reunião de 11 de julho de 1886, empregar esse legado na construção da Capela, sendo esta dedicada à memória do Irmão falecido e colocando-se-lhe uma placa comemorativa. Para esta Capela foi removido o altar pertencente à Capela do Consistório, e lá instalado. A seguir foi construída uma pequena sacristia e uma sala para a Administração do Cemitério, anexas à Capela.

Em diferentes épocas foram construídas 220 carneiras que circundam o cemitério, bem como realizadas diversas obras de embellimento da necrópole.

Em sessão da Mesa Administrativa, realizada em 14 de julho de 1901, foi lido um Ofício da Prefeitura Municipal, comunicando achar-se o Administrador do Cemitério da Consolação investido de poderes para fiscalizar o Cemitério da Ordem, de acordo com a Lei n. 116 de 11 de março do mesmo ano, lei essa que estabelecia a secularização dos cemitérios.

O Irmão Primeiro Procurador da Igreja, Luiz Maria Malheiro, de saudosa memória, em reunião de 28 de janeiro do ano de 1934, comunicou à Mesa, as dificuldades que se lhe antolhavam no sentido de autorizar sepultamentos em terrenos do cemitério, por falta de um Registro Geral dos Concessionários. O Irmão Vicente de Paulo Silvado Alvarenga ofereceu-se para esse serviço, sendo designado, então, para organizar o Cadastro de Concessões.

Foram afixados Editais no Cemitério e na Sacristia da Igreja da Ordem convocando os interessados para as necessárias declarações, o que surtiu ótimo efeito, permitindo àquele Irmão levar os trabalhos a bom termo.

Na mesma época, foi feita uma revisão completa dos títulos de concessão de terrenos, o que determinou a expedição de novos títulos, em substituição aos antigos. Estes títulos foram assinados pelo Procurador Geral, Irmão Eugenio Bittencourt.

Hoje, o cemitério conta com um cadastro completo, constituído de Livros de Registro de Terrenos, com todos os sepultamentos verificados, bem como Livres de Registro das Carneiras e do Ossário Perpétuo.

O cadastro, para maior facilidade, foi feito em duplicata e, assim, os Irmãos poderão recorrer a ele, não só na sala da Administração do Cemitério, como também na Secretaria da Ordem.

No Livro de Registro de Terrenos estão registradas 22 Quadras com 366 jazigos; no Livro de Registro de Carneiras 354 carneiras das quais 44 são carneiras de anjos; no Livro do Ossário Perpétuo estão registradas 354 gavetas.

Em 25 de novembro de 1934, foi nomeada uma comissão para estudar a reforma do cemitério, comissão esta composta dos Irmãos: Vicente de Paulo Silvado Alvarenga, Dr. Arthur Saboya, Eugenio Bittencourt e Dr. Galeno de Revoredo Barros. A comissão assim constituída deveria traçar o plano para a remodelação, ficando ainda, o primeiro nomeado, incumbido de apresentar um memorial descriptivo das obras, acompanhado de orçamento.

Pela reforma do Compromisso, em 26 de agosto de 1937, sendo Comissário Monsenhor Manfredo Leite, e Prior, o Dr. Mario Egydio de Souza Aranha, ficou extinto o cargo remunerado de Administrador do Cemitério. Passou, então, esse cargo a ser considerado honorífico, tendo o seu titular, assento na Mesa Administrativa.

De acordo com os dispositivos compromissais, em reunião convocada para a habilitação dos Irmãos que deveriam preencher os diversos cargos eletivos durante o biênio 1937-1939, foram candidatos a Administrador do Cemitério os Irmãos Emilio Bittencourt

Rebello e Americo Consentino, tendo sido eleito aquele, o qual assim, pela primeira vez ocupou o referido cargo gratuitamente e na qualidade de membro da Mesa Administrativa; foi reeleito por duas vezes, terminando sua gestão em 1943.

Desde então a Administração do Cemitério vem obedecendo à seguinte disposição hierárquica: Irmão Administrador do Cemitério sem remuneração, e dois funcionários remunerados a saber: Auxiliar do Irmão Administrador e Zelador.

Ao lado da Capela, nos terrenos ns. 1 e 2 da Quadra n. 20, o Irmão Thomaz Luiz Álvares, concessionário desses terrenos, erigiu em 1875 uma capelinha e dentro dela o seu jazigo; a capelinha era usada pela Ordem, nessa época, para celebrar Missa e fazer as encomendas no dia de finados.

Falecendo em 2 de maio de 1883, o Irmão Thomaz Luiz Álvares, que no dia seguinte foi sepultado nesse jazigo, por disposição testamentária deixou 25 apólices da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, para os seus herdeiros usarem o rendimento na conservação da capelinha, mandando rezar, uma vez por ano, missa em sufrágio de sua alma. Entretanto, em face do completo abandono de fato em que esteve o jazigo por vários anos, após as exigências estatutárias e legais foi o jazigo julgado em abandono de direito no ano de 1920, passando aí a capelinha a ser mantida pela Ordem.

Por ocasião da reforma do Cemitério, em 24 de abril de 1938, a Ordem construiu nesse local o atual Ossário Perpétuo com 354 gavetas, conservando as gavetas onde jazem os corpos de Thomaz Luiz Álvares e membros de sua família, na parte baixa lateral à direita e à esquerda. A reforma foi feita pela firma Costa Lins & Cia. conforme auto de vistoria n. 2.290 de 19.9.1938 da Prefeitura Municipal; o custo da reforma foi de R\$ 91.800\$000.

Os sepultamentos no Cemitério da Ordem inicialmente eram permitidos única e exclusivamente aos Irmãos Terceiros; posteriormente a permissão foi estendida aos cônjuges; em 1958 também aos pais, filhos e netos do Irmão concessionário.

Em janeiro de 1970 a Mesa Administrativa resolveu, como medida de exceção, autorizar o sepultamento, não somente dos cônjuges, pais, filhos e netos, em terreno perpétuo de Irmão concessionário, bem como de todos os seus parentes: genros, noras, cunhados, tios e sobrinhos, desde que o Irmão concessionário de terreno perpétuo autorize expressamente.

Em 27 de julho de 1958 a Mesa Administrativa aprovou o Regulamento Interno do Cemitério elaborado pelo então Irmão Secretário, Dr. Raul Leme Monteiro. Esse Regulamento está em vigor

até hoje com as emendas aprovadas pela Mesa Administrativa na reunião de 24 de novembro de 1959.

Desde o seu início as construções de jazigos, mausoléus ou qualquer outra construção funerária, bem como os sepultamentos, exumações e todos os demais serviços do cemitério vêm obedecendo rigorosamente a todas as prescrições das leis municipais, notadamente as que dizem respeito à sua administração, fiscalização (Título VII do Decreto n. 3.052 de 29.12.1955 que aprova a Consolidação de posturas municipais).

## CAPÍTULO XIII

### JAZIGO — CRIPTA — Padre FEIJÓ

Omo vimos no capítulo anterior, até o ano de 1867 a Ordem inumava normalmente na Igreja os Irmãos Terceiros.

Após a inauguração, a 12 de novembro de 1868, do Cemitério do Carmo, na Rua Sergipe, obtido pela concessão da Câmara Municipal de 21 de novembro do ano anterior, as inumações passaram a ser feitas exclusivamente no cemitério.

Em 1924 a Ordem resolveu construir a sua cripta, para onde foram transladados os restos mortais dos antigos Irmãos que estavam sepultados na Igreja.

A cripta foi construída exatamente debaixo da sala onde se encontrava o jazigo que foi reformado e transformado na atual sala da biblioteca, que passou a ser a sala da "Biblioteca Monsenhor Camilo Passalacqua", em homenagem ao saudoso Comissário.

Foram convocados todos os descendentes dos Irmãos sepultados na igreja até o ano de 1867, para decidirem sobre o destino dos restos mortais de seus ascendentes; após a exumação a maioria dos restos mortais foram retirados pelos seus parentes, e apenas os de 51 Irmãos falecidos de 1835 a 1858 foram colocados em urnas na cripta, onde se encontram até hoje; os restos mortais dos Irmãos falecidos anteriormente a 1835, cujos descendentes não compareceram para reclamá-los, foram colocados no centro da cripta sob uma lápide de mármore onde se lê a seguinte inscrição: "Ossa et cineres Fratrum Carmelitarum".

Uma vez por ano, no dia 15 de novembro, dia dos finados da Ordem, realizam-se ali cerimônias consagradas aos mortos.

Fato digno de relevo é que, no Jazigo da Igreja do Carmo destinado unicamente ao sepultamento de Irmãos Terceiros, esteve enterrado durante nove anos o Padre Diogo Antônio Feijó.

Nascido em São Paulo a 17 de agosto de 1784, o Padre Feijó foi, como é sabido, um dos homens de maior projeção política na